

RICARDO REZER

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ESCOLINHAS DE FUTEBOL/
FUTSAL – POSSÍVEIS PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO**

Florianópolis – SC

2003

A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ESCOLINHAS DE FUTEBOL/ FUTSAL – POSSÍVEIS PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO

por

Ricardo Rezer

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Física na Área de Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física do Programa de Mestrado em Educação Física do Centro de Desportos na Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção de Título de Mestre em Educação Física

Florianópolis
Estado de Santa Catarina
Fevereiro de 2003

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

A Dissertação: **A prática pedagógica em escolinhas de futebol/futsal – Possíveis perspectivas de superação**

Elaborada por: **Ricardo Rezer**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Área de Concentração
Teoria e Prática Pedagógica

Em 26 de Fevereiro de 2003.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Viktor Shigunov (Orientador)

Prof. Dr. Elenor Kunz

Prof. Dr. Vicente Molina Neto

Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Carla, minha esposa e companheira, incentivadora dos momentos difíceis desta caminhada, compreendendo minha ausência necessária;

À Bárbara, minha filha, luz do meu caminho, que tantas vezes nestes dois anos quis “estudar” junto comigo;

À meus pais, Valmir e Ivone, pelo exemplo, ensino e formação, sem os quais, nunca teria chegado a este momento;

Ao meu irmão, Eduardo, pela amizade e companheirismo que sempre nos uniu;

Às tias Têti e Erica, pelo amor e carinho dispensados ao longo de minha vida.

Neste momento, após tantas idas e vindas (literalmente) agradeço a todos que contribuíram com o desenvolvimento deste processo, que proporcionou experiências tão ricas em um mundo onde muitos não têm acesso nem ao ensino básico e lutam pela sobrevivência sem as mínimas condições de vida digna, e principalmente aqueles que não deixam de sonhar com dias melhores para todos, onde a felicidade e a justiça não sejam apenas para poucos...

A prática pedagógica em escolinhas de futebol/futsal – Possíveis perspectivas de superação

Autor: Ricardo Rezer

Orientador: Prof. Dr. Viktor Shigunov

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo investigar a prática pedagógica no âmbito das escolinhas de futebol/futsal, apontando para princípios norteadores de procedimentos metodológicos e pedagógicos que possam servir de pressupostos superadores. O estudo se caracterizou como sendo de natureza descritivo-exploratória, e foi desenvolvido com alunos matriculados em duas Escolinhas de futebol de campo e quatro Escolinhas de futsal, na cidade de Chapecó (SC), pertencentes às categorias Fralda e Pré-mirim, com idade variando entre seis e dez anos. A amostra foi selecionada através de um levantamento da quantidade de escolinhas existentes no município e contou com 06 professores e aproximadamente 120 crianças. Foram utilizados os seguintes procedimentos para obtenção de informações: Questionário de Perfil; Entrevista Semi-Estruturada, aplicada aos professores das turmas observadas; Observação e Protocolo das aulas. Ao todo, foram realizadas 28 observações e 06 entrevistas. As informações apontam para a necessidade de os contextos de ação destinados ao ensino do futebol e do futsal precisarem perceber o esporte através de uma perspectiva mais ampla de entendimento. A forma tradicional de conduzir o processo de ensino-aprendizagem do futebol e do futsal necessita ser repensada, onde este passe a ser um meio e não um fim. Constatou-se a carência, por parte das escolinhas, de um Projeto Político e Pedagógico, explicitando suas intenções e objetivos, alicerçando suas ações através de um arcabouço teórico-prático mais consistente. As aulas observadas seguiram o modelo tradicional, com ênfase no ensino dos fundamentos técnicos, basicamente através do método parcial. O trabalho apontou para alguns princípios norteadores para a construção de uma nova concepção de ensino em escolinhas de futebol/futsal, nas categorias Fralda e Pré-Mirim. Os alunos destas categorias devem ter **aula de futebol/futsal**, e não treino; devem **jogar bola**, ao invés de participar do coletivo; devem estar inseridos no **mundo do brinquedo**, ao invés de cada vez mais precocemente, inserir-se no mundo do trabalho; e o papel do coordenador deste processo deve pertencer a um **professor** e não a um treinador, tratando o futebol e o futsal como um *jogo de bola com os pés*, onde o esporte de alto rendimento seja percebido como uma referência e não como sendo a única dimensão do fenômeno esportivo. Este estudo procurou abrir “novos olhares” sobre um campo bastante complexo e polêmico, contribuindo com o processo de ensinar e aprender futebol/futsal, através de uma perspectiva diferenciada de ação e reflexão, onde a instrumentalização tenha a relevância necessária, constituindo uma das dimensões do processo, e não a única. Ações como estas podem contribuir com princípios que auxiliem no desenvolvimento concreto de seres humanos comprometidos com seu próximo e com uma transformação da estrutura social, a fim de torná-la mais justa e mais humana.

Palavras Chaves: prática pedagógica, futebol, futsal, escolinhas, pressupostos superadores.

The pedagogical practice in the soccer/futsal schools for children Possible overcoming perspectives

Author: Ricardo Rezer

Advisor: Prof. Phd. Viktor Shigunov

ABSTRACT

This study has the purpose to investigate the pedagogical practice in the soccer/futsal schools for children, pointing out to guiding principles of methodological procedures which can serve of overcoming presuppositions. The study characterized itself as being of descriptive-exploratory nature, and it was developed with students matriculated at 02 soccer schools for children and 04 futsal schools for children, in Chapecó city, Santa Catarina State, which belong to 6 to 8-year-old category and 9 to 10-year-old category. The sample was chosen according to the quantity of the soccer/futsal schools for children existent in the city and counted on 06 teachers and about 120 children. The following procedures were utilized to get the information: Profile Survey; Interview, applied to the teachers of the observed groups; Observation and Registry of the classes. 28 observations and 06 interviews were realized altogether. It was clear the necessity that the action contexts assigned to the soccer and futsal teaching need to realize the sports through a wider perspective of understanding. The traditional way of conducting the soccer and futsal teaching-learning process needs to be rethought, where this becomes a means and not an end. It was noted a lack of a Pedagogical Political Project at the soccer and futsal schools for children, becoming clear intentions and objectives, consolidating their actions through a more solid theoretical-practical baggage. The observed classes followed the traditional model, emphasizing the technical basis teaching, basically through the partial method. During the study, we pointed out to some guiding principles to the construction of a new teaching conception in the soccer/futsal schools for children at 6 to 10-year-old categories. The students of these categories must have soccer/ futsal classes and not training; they must play ball, instead of participating of the collective; they must be inserted in the toy world, instead of being inserted in the working world more and more precociously; and the coordinator's role in this process must belong to a teacher not to a coach, dealing with the soccer and futsal just as a *ball game with the feet*, where the high level sports be realized as an allusion and not as being the only dimension of the sporting phenomenon. This study tried to open "new looks" over a very complex and polemical area, contributing with the soccer/futsal teaching-learning process, through a differential perspective, of action and reflection, where the specific knowledge has the necessary importance constituting one of the process dimensions, and not the only. The soccer/futsal schools for children can indeed contribute with principles which help in the concrete human beings development, engaged with the people around them and with the transformation of the social structure, in order to become it fairer and more humane.

Key Words: Pedagogical Practice; soccer; futsal; schools for children; overcoming presuppositions

ÍNDICE

LISTA DE FIGURAS	IX
LISTA DE QUADROS	X
LISTA DE ANEXOS	XI

Capítulo I

INTRODUÇÃO.....	01
-----------------	----

Considerações iniciais

O problema

Objetivos do estudo

Capítulo II

MARCO REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
--------------------------------	----

2.1. Reflexões acerca da teoria e prática na educação física e no esporte.

2.2. Um entendimento pedagógico sobre o esporte na Educação Física.

2.3. A relação entre o jogo e o esporte na Educação Física.

2.4. O futebol como manifestação cultural – Algumas reflexões.

2.5. E surge o Futsal... Um esporte emergente.

2.6. A escolinha de futebol e de futsal - Uma breve retrospectiva no contexto contemporâneo.

2.7. A metodologia do ensino dos esportes coletivos.

2.8. O futsal e o futebol e seu contexto metodológico de conteúdos para ensino.

Capítulo III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	65
-----------------------------------	----

Caracterização do estudo

População alvo do estudo

Processo de investigação e procedimentos para obtenção de informações

Análise interpretativa das informações obtidas

Capítulo IV

UMA ANÁLISE SOBRE ESCOLINHAS DE FUTEBOL E DE FUTSAL A PARTIR DA LEITURA E DA COMPREENSÃO DE CONTEXTOS ESPECÍFICOS	80
---	----

4.1. Sobre o perfil dos contextos de ação estudados...

4.2. Sobre a documentação dos objetivos e diretrizes dos contextos de ação...

4.3. Sobre o desenvolvimento das aulas com relação ao ensino do conteúdo técnico específico do futsal e do futebol (regras, técnica, tática)...

4.3.1. Novamente a relação entre teoria e prática...

- 4.3.2. Sobre a relação existente entre técnica e tática...
- 4.3.3. A prática pedagógica e sua relação com a necessidade de um lastro referencial teórico...
- 4.4. Relação entre o ensino do futebol/futsal em escolinhas e o contexto de alto nível...
- 4.5. O papel das escolinhas de futebol e futsal na modernidade...
- 4.6. A relação metodológica entre o ensino do futebol e do futsal...
- 4.7. Alguns recortes da realidade – Considerações acerca dos contextos interpretados...
 - 4.7.1. Alguns equívocos/mal-entendidos...
- 4.8. Da transição do “vou jogar” para o “vou treinar”...
- 4.9. Dialogando com pais, mídia, direção,...
- 4.10. A autonomia e a criatividade em escolinhas – Ainda uma possibilidade?...
- 4.11. Para a construção de uma nova concepção de ensino em escolinhas de futebol/futsal – Primeiros passos...
 - 4.11.1. Alguns princípios norteadores para a prática pedagógica em aulas de escolinhas de futebol e futsal...
 - 4.11.2. Considerações sobre ensinar/aprender futebol e futsal – Algumas perspectivas para além da questão instrumental...
 - 4.11.3. Uma proposta de festival de jogos e uma negação de campeonatos e torneios formatados para estas categorias...
 - 4.11.4. A problematização no contexto de escolinhas de futebol e de futsal...
- 4.12. Para um novo papel das escolinhas de futebol e futsal...

Capítulo V

CONSIDERAÇÕES PARA UM NOVO (RE) COMEÇAR	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151
ANEXOS	158

LISTA DE FIGURAS

No.	Figura	Página
1.	A relação entre o jogo, o esporte e o futebol/futsal.	27
2.	Quadrantes norteadores	73

LISTA DE QUADROS

No.	Quadro	Página
1.	Possibilidades superatórias do esporte	21
2.	Do conceito hegemônico do esporte a uma concepção crítica	22
3.	Matéria “Um drama social”	35
4.	Fundamentos técnicos do futebol e do futsal	52
5.	Sistemas e elementos táticos	53
6.	Características básicas das posições no futebol	54
7.	Características básicas das posições no futsal	55
8.	Estruturas funcionais	57
9.	Elementos técnicos/táticos para cada estrutura básica de enfrentamento	59
10.	Recortes acerca das interpretações das observações	108
11.	Formas didático-metodológicas de abordagem do ensino do jogo	136

LISTA DE ANEXOS

No.	Anexo	Página
1.	Carta de apresentação ao Coordenador da Escolinha	160
2.	Carta de apresentação ao Professor da Escolinha	162
3.	Declaração de Ciência e Parecer do Coordenador da Escolinha envolvida no estudo	164
4.	Termo de consentimento e livre esclarecido do Professor	166
5.	Questionário de Perfil	168
6.	Horários de Observações das Escolinhas	171
7.	Relação de Documentos disponibilizados	173
8.	Roteiro de temas para a Entrevista	175
9.	Protocolo de Observações	178

O futebol nasce de muitas formas mas, talvez, nasça mais como futebol de colégio, de pátio ou campinho atrás das árvores. (...) Mesmo que não se ensine nada a respeito desta arte de jogar futebol. Por isso ele guarda um gesto de espontaneidade, parece ser a obra liberada pela alegria de seguir a bola e se reconhecer entre companheiros que chutam na mesma direção.

Ruy Carlos Ostermann (1998:152)

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Considerações iniciais

A elaboração de uma Dissertação de Mestrado, geralmente é percebida pelo prisma da produção de alguma nova perspectiva de entendimento sobre determinado tema, ou uma perspectiva de descoberta baseada em um processo investigativo (causa/efeito), ou ainda, a descoberta de como melhorar o Saber-Fazer das pessoas. Torna-se relevante explicitar que esta tendência tem relação direta com a ótica mercadológica que transformou a busca pelo Pensar-Sobre, na busca direta pelo Saber-Fazer.

Esta perspectiva hegemônica, ancorada no pragmatismo utilitarista de percepção das coisas do mundo, acarreta na busca desenfreada pelo conhecimento, pela informação. Neste processo, o ser humano nunca, em toda a sua história, teve acesso a um número tão grande de informações, possibilitado pelos avanços tecnológicos promovidos pela ciência. Como consequência, corremos o risco de esquecer do ser humano enquanto Ser, preocupados demais em como torná-lo mais funcional, apto a assimilar cada vez mais a veiculação exacerbada de informações, sem espaço para a reflexão, a ponderação, a análise, ou seja, sem espaço para o tempo do pensamento.

A preocupação com a mudança, com a transformação da realidade do homem e do mundo, passa não pela simples assimilação de informação, por meras receitas ou métodos, mas sim pelo entendimento do homem pelo próprio homem, de forma mais profunda. Talvez, as grandes possibilidades de mudanças, estejam realmente dentro do homem, no interior do ser humano. Nesta forma de entendimento, as referências internas deveriam possuir maior importância na busca pelo auto-conhecimento, do que as referências externas, partindo do princípio de que o homem não poderá encontrar no mundo externo, aquilo que não possua dentro de si mesmo.

Com certeza, esta Dissertação tem o comprometimento em apontar para algumas perspectivas que possam contribuir na prática pedagógica que permeia o ensino do futebol e do futsal em escolinhas. Mas cabe deixar claro, que em momento algum teremos a intenção de desenvolver um modelo de ensino, uma “nova” metodologia ou algo desta estirpe, ou ainda, uma receita para o sucesso.

O que não quer dizer que a preocupação com o rigor científico será menor, pela preocupação explicitada anteriormente. Muito pelo contrário, o rigor do método é o pressuposto primeiro neste caminho, onde se pretende superar, pelo menos em parte, o grande relativismo que se instaurou neste contexto, ainda mais quando o processo gira em torno de um tema como iniciação esportiva, escolinhas, futebol e futsal.

Assim sendo, torna-se importante entender esta Dissertação como uma caminhada¹, para que possamos estabelecer um diálogo no processo que se segue com esta “produção acadêmica” (que como bom ‘produto’, dentro da ótica de mercado, esperamos que apresente ao longo do texto, sua ‘utilidade’).

¹ Lembrando a frase “Caminhante! Não há caminho. O caminho se faz ao andar”, citada por Castellani Filho (p.04; 1998).

A partir de então, materializa-se o princípio de um processo na busca não apenas pelo Saber-Fazer², mas também pelo Pensar-Sobre³, sem esquecer que o futebol e o futsal transcendem o entendimento de simples modalidades esportivas, transformando-se historicamente em nosso contexto, em algo muito maior, movido pela paixão, pela subjetividade, pela emoção universal de um gol, de um “frango”, de uma bola na trave, de um lance genial. Contexto este, envolto por uma complexidade imensa, transformando uma análise mais ampla sobre o futebol e o futsal em uma verdadeira aventura na busca pela transcendência do conhecimento específico, procurando não esquecer de suas relações com o homem e com o mundo.

O Problema

Podemos dizer que o esporte está culturalmente enraizado em nossa estrutura social, manifestando-se na mídia, nas escolas, nas escolinhas de iniciação, através de uma perspectiva formal ou informal, indo dos segmentos mais pobres até aos mais abastados da sociedade contemporânea, marcando comportamentos, a linguagem, e os interesses de muitas pessoas, independente de idade ou condição sócio-econômica e cultural. Os meios de comunicação, de uma forma geral, encarregam-se de promover os espetáculos esportivos, transformando o esporte em um show rentável (para um seletivo grupo) e popular.

Desta forma, percebe-se uma proliferação hegemônica de uma forma de entendimento sobre o esporte, ou seja, uma perspectiva de entendimento alicerçada no

² Basicamente, o Saber-Fazer é ancorado em uma perspectiva técnico-instrumental, onde a competência técnica passa a ser um fim, de forma pragmática e funcional, e não um caminho (Ver Kunz: 1991, 1994, 1998, 2002).

³ Basicamente, o Saber-Pensar apresenta um caráter de transcendência em relação a algo, ou seja, uma forma de entendimento mais ampla e menos compartimentada (Ver Kunz: 1991, 1994, 1998, 2002).

esporte alienante, explicitada claramente (por exemplo) através das transmissões esportivas, principalmente no futebol. Portanto, a ‘ideologia esportiva hegemônica’ presente em nosso País, é a ideologia esportiva da classe dominante⁴, e a massificação de uma determinada manifestação esportiva convive cotidianamente com a manipulação e com a dominação.

A partir desta forma de entendimento, iniciamos o processo de discussão, onde a trajetória da Educação Física, em muito se aproxima das manifestações esportivas, ocasionando para leigos a impressão de que se trata de estruturas idênticas, principalmente pelo fato deste conteúdo ser utilizado de forma maciça nos espaços escolares. O esporte escolar, nas décadas de 1960 e 1970, transformou-se no principal meio para detectar talentos, com o intuito de formar a base da pirâmide esportiva nacional. Assim sendo, o esporte acabou, historicamente fornecendo o recheio metodológico para aulas de Educação Física (BRACHT, 1992).

Já deveria estar superada a questão de que o espaço da aula de Educação Física teria por prerrogativa básica servir para a promoção e detecção de talentos, sob o risco de reproduzir ainda mais desigualdades sociais presentes, quer seja no contexto escolar, quer seja na estrutura social contemporânea, que influencia e é influenciada pela escola. Com este pensamento o Brasil não se tornou uma nação olímpica como chegou a ser pretendido, e observamos um número bastante significativo de pessoas que não tem conhecimento ou hábito de praticar jogos e esportes em sua vida adulta, agindo então, como meros espectadores. O interessante é perceber que muitas pessoas, de uma maneira geral⁵,

⁴ Perspectiva massificada e manipulada por outrem, que não levam ao esclarecimento, mas sim, induzem as pessoas a conhecerem apenas o que interessa para perpetuar o quadro de submissão.

⁵ Esta afirmação é baseada em um pressuposto não investigado, ou seja, trata-se de uma inferência não comprovada, baseada em leituras e experiências.

apreciam assistir transmissões esportivas ou mesmo, presenciar jogos em ginásios ou estádios, como forma de lazer, mas não possuem como hábito, a prática destas modalidades. Talvez isto tenha resposta se percebermos que em grande parte de sua trajetória, a Educação Física reproduziu/reproduz em suas aulas modelos esportivos baseados em princípios do esporte adulto de rendimento, acarretando assim, uma reprodução de limitações, que sem dúvida, se materializam no mundo infantil, evidenciando problemas no processo de entendimento sobre determinadas formas de manifestações esportivas, principalmente para os rotulados como ‘menos habilidosos’.

Obstante a isto, a cada nova Olimpíada onde o Brasil não alcança um bom índice de conquista de medalhas, ressurgem a discussão sobre a ‘carência de incentivos ao esporte de base’, ‘a falta de seriedade’, ‘os poucos recursos’, ou ainda, ‘a Educação Física não está contribuindo neste processo’. O papel da Educação Física na sociedade contemporânea deve ser na direção de se preocupar não apenas com os alunos que se destinam ao esporte de rendimento, mas de promover a quebra de paradigmas e atuar como co-participante na construção de uma estrutura social mais equânime e justa, onde todos tenham a possibilidade de se tornarem expoentes, não só no esporte, mas no mundo em que vivem, tornando-se parte integrante e transformadora do mesmo.

Com estas considerações iniciais, não há a intenção de negar o esporte na infância e na adolescência, mas torna-se importante questionar sobre como oportunizar aos alunos diferentes atividades de movimento, baseadas nas atividades esportivas e proporcionar situações que contribuam com o desenvolvimento dos alunos como indivíduos sociais. De acordo com Kunz (1991), não temos a idéia de reforçar a prática esportiva de forma descompromissada, alienante e acrítica.

Ao refletir sobre a forma com que o esporte é desenvolvido e percebido hegemonicamente, como referendado anteriormente, percebe-se um forte elo de ligação entre o esporte veiculado pelos meios de comunicação (concepção hegemônica e massificada) e a prática pedagógica, principalmente em espaços contextuais destinados ao ensino do esporte, em momentos fora do período escolar. Estes espaços, usualmente são chamados de escolinhas ou escolas de esportes.

Este estudo tem por premissa básica realizar investigações sobre a prática pedagógica no âmbito das escolinhas de futebol/futsal, realizando uma relação concreta entre os referenciais teóricos estudados e contextos reais específicos, através da pesquisa, observação e análise.

De forma hegemônica, observamos que o esporte é utilizado muito mais como sendo um fim em si mesmo do que como sendo um meio educativo, já que não raro nos deparamos com situações de treinamento de crianças para competições diversas, onde o objetivo maior se torna representar a escolinha ou clube de forma vitoriosa, sem necessariamente levar em consideração os aspectos que permeiam a prática esportiva e transcendem o caráter instrumental do esporte.

O tema deste estudo está centrado no ensino dos esportes futebol e futsal e sua interconexão com as estratégias pedagógicas e metodológicas de desenvolvimento em contextos de escolinhas. Torna-se relevante explicitar que temos consciência de que o futsal e o futebol tornaram-se com o passar do tempo, esportes extremamente diferenciados, do ponto de vista de alta performance, quer seja a partir de estratégias, táticas, regras, sistemas de jogo, quer seja pela técnica de jogo.

Por outro lado, do ponto de vista da iniciação com crianças, partindo-se do pressuposto de tratar o futebol e o futsal como ‘jogo de bola com os pés’⁶, podemos perceber uma similaridade de desenvolvimento, pois ainda não estão muito distantes, pelo fato de que as especificidades de competitividade ainda não se fazem presentes (pelo menos não de forma obrigatória). Desta forma, acreditamos na possibilidade de realizar um estudo que possa analisar estas duas modalidades que se relacionam na essência, mas apresentam muitos fatores de diferenciação, do ponto de entendimento referente a situações de treinamento e de rendimento.

Com isso, este estudo justifica-se pela necessidade de encontrar uma perspectiva mais ampla para o ensino do futebol e do futsal em escolinhas, priorizando seu cunho pedagógico e contribuindo legitimamente com o processo de desenvolvimento do aluno, investigando a realidade contextual, analisando, criticando e construindo alternativas superadoras⁷ para sua prática. Também se torna importante perceber a real contribuição do esporte para com a área Educação Física, para com o aluno, a fim de participar/contribuir em seu processo de desenvolvimento como ser humano, encarando-o como parte integrante e transformadora da sociedade.

Portanto, a partir da compreensão de contextos específicos de escolinhas de futebol e futsal na cidade de Chapecó (SC), como propor princípios norteadores de procedimentos metodológicos e pedagógicos que possam servir de pressupostos superadores, contribuindo com o processo de desenvolvimento da prática pedagógica em escolinhas de futebol e futsal?

⁶ Terminologia considerada adequada para enfatizar o caráter que o futebol e o futsal deveriam/poderiam evidenciar em situações de introdução ao mundo do esporte, libertando as amarras do comprometimento apenas técnico específico, evidenciando a preocupação com uma forma de entendimento mais ampla.

Objetivos do estudo

O objetivo principal deste estudo consistiu em propor princípios norteadores de procedimentos metodológicos e pedagógicos que possam servir de pressupostos superadores, contribuindo com o processo de desenvolvimento da prática pedagógica em escolinhas de futebol e futsal, a partir da compreensão da realidade em contextos específicos na cidade de Chapecó (SC).

Para que este estudo se consolidasse, consideramos relevante ainda estabelecer alguns pontos para investigação, conforme a seguir:

1. Problematizar o papel das escolinhas de futsal/futebol na modernidade;
2. Compreender a prática pedagógica desenvolvida em escolinhas de futebol e futsal na cidade de Chapecó (SC);
3. Estabelecer relações entre o desenvolvimento de aulas em escolinhas de futsal e escolinhas de futebol, no que se refere aos procedimentos metodológicos e pedagógicos desenvolvidos;
4. Refletir sobre possibilidades superadoras para o desenvolvimento do futebol/futsal nas aulas de escolinhas, que realmente contribuam com o processo de formação do ser humano;

⁷ O termo superação pretende apontar para caminhos que permitam a reflexão sobre as contradições presentes no meio esportivo, conforme explicitado no decorrer do estudo.

5. Sugerir princípios norteadores de cunho pedagógico-metodológico, com o intuito de proporcionar subsídios que contribuam no processo de desenvolvimento de profissionais da educação física que atuam nesta realidade profissional, que possam servir de pressupostos superadores, apontando para uma (re) significação da prática pedagógica em escolinhas de futebol e futsal;

CAPÍTULO II

MARCO REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Reflexões acerca da teoria e prática na educação física e no esporte

Há a necessidade de discorrer sobre um ponto extremamente importante na caminhada de construção deste trabalho. A relação entre teoria e prática na Educação Física e nos esportes, parece ainda não ter superado antigas questões que se mostram impróprias, mas que continuam sendo motivo de muita discussão e polêmica.

Com o intuito de iniciar o processo de discussão, destacamos a definição de Shigunov, Dorneles e Nascimento (2002)⁸, sobre a etimologia das palavras teoria e prática. A palavra *theória* é derivada do grego e significa contemplação, observação e reflexão. A palavra *prãgma*, que igualmente se deriva do grego, quer dizer agir, relacionando-se ao fato de agir e ação.

Como pano de fundo neste contexto referente à teoria e prática, percebemos um entendimento de ser humano e de corpo, que nos remete a um certo dualismo que

⁸ Shigunov, Viktor; Dorneles, Cléia I. R. & Nascimento, Juarez V. (2002) O ensino da Educação Física: A relação entre teoria e prática - in *Educação Física – Conhecimento teórico X Conhecimento prático*. Porto Alegre: Editora Mediação.

permanece ainda nos contextos escolares e não escolares da Educação Física, mesmo que de forma implícita.

Observa-se claramente na Educação Física, influências advindas (entre outros) de Platão, com seu entendimento de corpo material como receptáculo do repouso da alma (ginástica para o corpo e música para a alma). Também torna clara esta concepção, a relação entre corpo e espírito de Juvenal (*mens sana in corpore sano*), muito conhecida no âmbito da nossa área. No Brasil, entre outros, Ruy Barbosa influenciou esta forma de pensar, referendando o incentivo ao processo de adestramento físico e eugenia da raça⁹, que sem dúvida, conforme Soares (1994), perpetuam-se com o passar do tempo, apenas com uma nova roupagem, apresentando nuances diferenciadas.

Isto fica claro na área da Educação Física, principalmente quando as discussões partem para a análise dos fenômenos relacionados ao esporte, e ainda mais enfaticamente quando os esportes em questão são o futebol e o futsal. Neste caso, percebe-se uma tendência significativa no que tange a dicotomia teoria e prática, visto que ainda se utiliza muito a frase “mente sã, corpo sã”, mesmo entre profissionais de nossa área. Shigunov, Dorneles e Nascimento (2002) afirmam que este caminho contribuiu no processo de fragmentação do conhecimento, colocando de forma diametralmente oposta a produção acadêmica (teoria) e o mundo profissional (prática).

Historicamente, afastam-se as interpretações entre ‘conhecimento teórico’ e ‘mundo vivido’, como se fosse possível compartimentalizar formas de entendimento das coisas do mundo. Este entendimento fragmentado concebe a teoria como sendo um mundo de abstração metafísica, desprovido de âncora no contexto real, no mundo da vida, bem

⁹ Ver José Carlos Grandó; “As concepções de corpo no Brasil a partir de 30”, em *A (des) Construção do Corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001.

como analisa a prática como sendo um campo de ação concreto, onde as coisas ‘brotam do nada’, como que por encanto e materializam-se, adquirindo formas e formatos.

Conforme Kunz (1994), o ato de teorizar é intervir no concreto, da mesma forma que toda intervenção concreta é embasada por concepções e posicionamentos defendidos por quem materializa determinadas ações.

Em grande parte dos casos de observação destes embates, a relação entre teoria e prática desvela-se de forma maniqueísta, onde a definição se declara na forma de opostos, onde ‘ex-atletas’ e ‘teóricos’ divergem sobre suas diferenciadas formas de entendimento sobre as coisas do mundo do esporte.

Tome-se como exemplo um recorte do jornal Folha de São Paulo, com a matéria “Como será o treino” (in Soares, 2001):

Hoje em dia os atletas já podem utilizar cápsulas “inteligentes”, que liberam quantidades programadas de certos suplementos. Mas, com base na nova prioridade do principal centro de treinamento esportivo do Comitê Olímpico dos EUA, localizado em Colorado Springs, o futuro não está no corpo, mas na mente. Depois de adquirir bom conhecimento sobre como treinar o corpo, os norte-americanos querem fazer isso com a mente. (...) O psicólogo esportivo Sean McCaan é que chefia a pesquisa. Ele já descobriu que padrão de ondas cerebrais corresponde a uma boa concentração. O desafio agora é encontrar o treino apropriado para atingi-lo (p.127).

Portanto, torna-se clara a relação de entendimento hegemônica entre a teoria e prática no âmbito da história do ser humano, oriunda também, da relação dicotômica entre corpo e mente, onde historicamente o corpo é entendido a partir do movimento, da ação (prática) e a mente é entendida a partir do pensamento (teoria). Como exemplo, no período Helenista, as atividades intelectuais eram desenvolvidas pela burguesia e pela realeza, e o trabalho braçal desempenhado pelos escravos. Na atualidade, a relação dicotômica entre

corpo e mente perpetua-se na forma de entendimento que perpassa e se materializa para as pessoas, principalmente pelos meios de comunicação, explicitado no trecho acima citado, recortado de um dos jornais de maior circulação do País.

Conforme Betti (1996), procura-se aproximar a relação dicotômica entre teoria e prática, sendo esta relação um ponto crucial para a Educação Física. A falta de clareza nesta questão é que tem levado a muitos equívocos e contradições, e a manutenção de um pensamento Dualista. Desta forma, as relações entre linguagem e corpo e as formas de percepção/entendimento mais ampla desta relação, tornam-se fundamentais para o entendimento do papel pedagógico da Educação Física.

Acreditamos que este entendimento necessita ser percebido como sendo muito mais do que isto, devido à complexidade deste contexto. Portanto, faz-se necessário neste momento, tornar claro a preocupação em superar a forma de entendimento oriunda do senso comum, e concretizar nosso posicionamento referente a este processo dialético, pois segundo Kunz (1991),

Para cada relação prática no campo educacional deve-se procurar um posicionamento teórico, onde os respectivos papéis de Educador e Educando, bem como a intencionalidade do campo educacional, devem ser suficientemente esclarecidos (p.144).

E ambas, Teoria e Prática devem conseqüentemente ser compreendidas como uma Unidade de reciprocidade dialética e não ser entendidas apenas como Unidades justapostas, como se pode derivar em muitos processos pedagógicos do campo educacional (p.145).

Desta forma, fica claro nosso posicionamento quanto a indissociabilidade entre teoria e prática, já que a ação e a reflexão fazem parte da totalidade humana, no que tange as possibilidades de comunicação e interação do homem para com o mundo. Assim sendo, não é possível percorrer o ser humano de forma parcial, pois fragmentos isolados, assim como a

simples justaposição entre teoria e prática não se fecham. Finalizando, estas primeiras análises têm a finalidade de explicitar que partes isoladas não formam o todo e não estão dissociadas do mesmo. O todo é o todo, e a teoria e a prática devem ser analisadas desta forma, como sendo um todo, portanto, indissociáveis.

2.2. Um entendimento pedagógico sobre o esporte na Educação Física

Neste tópico, discutiremos sobre a relação entre o esporte e a Educação Física, procurando explicitar o posicionamento de diversos autores, no que diz respeito principalmente às possibilidades de trabalhar o esporte de forma a evidenciar a educação, a cultura corporal e o aspecto lúdico, sem necessariamente utilizá-lo como fator alienante, acrítico e mantenedor de padrões de comportamento estereotipados.

Portanto, partindo desta premissa, entende-se a Educação Física como dentro de um processo histórico/cultural/social/econômico/político¹⁰. O esporte também pode ser caracterizado desta forma, pois o esporte que hoje se apresenta a nós, é resultado da evolução do homem, da sociedade e reproduz (e produz, em um processo de ir e vir) seus valores e modelos, muitas vezes agindo como objeto de manipulação, servindo a interesses de classes dominantes e padrões hegemônicos de comportamento.

Neste caso, concordamos com Ferreira (1996), quando ele evidencia o caráter manipulador do esporte: leis iguais para todos (obediência irrestrita as regras), competição em busca do máximo lucro (rendimento), comparação objetiva de resultados (recordes, placar) e hierarquização. Obstante a isso, quando o mesmo autor analisa o esporte como um

¹⁰ Ou seja, inserida em um contexto humano, construída por seres humanos, fazendo história e sendo construída por ela.

fenômeno social que internaliza nos alunos (na maioria das vezes) regras sociais oriundas de nosso sistema, devemos admitir que isto não é unicamente negativo, pois o aluno também precisa ter conhecimento de que não pode fazer determinadas coisas. O negativo está no fato do aluno não ser esclarecido quanto às origens e conseqüências disto, de forma a poder ter consciência de seus direitos e deveres em seu contexto particular, pois conforme Piaget (1992), as regras não contém em o si um caráter moral, o respeito a elas devido, este sim é moral, e envolve questões de justiça e honestidade. Este respeito pode derivar de mútuos acordos entre os jogadores, e não de mera aceitação de normas impostas por autoridades estranhas àqueles jogadores. Portanto, as regras, embora geralmente estabelecidas e herdadas de gerações anteriores, podem ser modificadas pelo grupo do contexto específico, evidenciando a condição de possível legislador para cada integrante. A partir disso, o conjunto de regras adquire um significado menos abstrato para o aluno, e este toma consciência das origens e conseqüências das normas a serem seguidas e/ou modificadas.

Até agora, pode ter ficado a errônea impressão de que há a preocupação ferrenha de condenar a prática esportiva, mas o que se questiona, são determinadas formas de utilização desta, principalmente no meio escolar e em espaços destinados a iniciação esportiva. Não é intenção estabelecer críticas que há muito tempo já vem sendo discutidas, mas sim, tentar superar velhos significados¹¹, avançando nesta discussão, procurando evidenciar, alguns pontos do que se pode chamar de potencialidades positivas no esporte, superando seus problemas e limitações, pelo menos em determinados pontos. Portanto, não

¹¹ Não pelo fato de apenas serem antigos, mas sim, pelo fato de estarem superadas, o que não significa um embate maniqueísta entre a novidade e o antigo, pois este não é um diálogo que se propõe a ser novidade, sem antes discutir o velho.

se trata de suprimir o que se tem, para começar algo novo, mas sim preservar seus aspectos positivos, tentando superar problemas, no sentido de redimensionar sua forma de ser utilizado nas escolas e escolinhas.

Mesmo não condenando a prática de esportes como forma de trabalhar a Educação Física, de acordo com Ferreira (1996), não temos a intenção de reforçar esta prática de forma a fomentar a competição entre os desiguais como valores hegemônicos e desejáveis em nossa sociedade. Não se é contra a inclusão dos esportes nas aulas de Educação Física escolar, muito menos no seu ensino em escolinhas esportivas, pois sem dúvida, o esporte possui um corpo de conhecimento inculcido de vários saberes, e simplesmente desprezar todo este conhecimento não deixaria de ser uma forma de perpetuar a ignorância. Contudo, existe a convicção de que ele é apenas um dos conteúdos, e não o conteúdo da Educação Física, ou seja, Educação Física não é sinônimo de esportes, e que a concepção norteadora de esportes pode e deve ser questionada, a fim de humanizar suas relações.

De acordo com Bracht (1992), a Educação Física na escola passou a ser confundida com esporte, o que sem dúvida, comprova a falta de definições claras dos objetivos, dos conteúdos e métodos da disciplina, bem como carece de argumentos plausíveis para explicar a sua permanência no currículo escolar.

Pretendemos evidenciar que não se defende apenas o ensino do esporte institucionalizado, do esporte baseado apenas na competitividade dentro de ambientes pedagógicos de ensino-aprendizagem, mas sim, do esporte adaptado ao grupo de alunos, onde regras, situações e objetivos podem ser discutidos e transformados. Conforme bem esclarece Bracht (1992), percebemos a necessidade de construção do “esporte da escola”, e não do “esporte na escola” como normalmente se observa, o que indica sua subordinação irreflexiva aos códigos e regras do esporte institucionalizado. Este objetivo encontra eco em

Gonçalves (1986), quando fica clara a preocupação em tentar resgatar os aspectos positivos do esporte, incentivando sua reestruturação e transformação na Educação Física, para que se torne um fator de humanização para o homem. Esse redimensionamento é imprescindível, pois o esporte competitivo e institucionalizado a muito perdeu suas características lúdicas, reproduzindo claramente tendências históricas da sociedade industrial, ou seja, a gratuidade do movimento e a liberdade corporal foram substituídas pelo movimento padronizado e racionalizado e o rendimento.

Esta é mais uma das razões que permite realizar uma analogia entre o ensino dos esportes e a "Educação Bancária" de Paulo Freire (1981), onde seria depositado no aluno um número de experiências e padrões de movimento, e ao final de um determinado período este deveria ser capaz de reproduzir tais padrões, 'sacando' seu conhecimento adquirido, a fim de verificar seu 'saldo', positivo ou negativo, caracterizando uma linha de montagem em série, onde ao final objetiva-se um produto pronto e acabado, e na maioria dos casos, objetivando o desenvolvimento de situações que levem ao estrelato do esporte profissional.

Neste aspecto, Paulo Freire contribui concretamente com possibilidades de superação na Educação Física e sua relação com os esportes, ao colocar, por exemplo, sobre a necessidade dos educadores perceberem-se como sendo mais do que simples ensinantes¹², especialistas da docência. O educador deve possuir a legitimidade de militantes políticos porque são professores e professoras, portanto, "nossa tarefa não se esgota no ensino da matemática, da geografia, da sintaxe, da história" (1994, p.80) ou, acrescentando a estas palavras, no ensino do esporte.

¹² Ver Sexta Carta – "Das relações entre a educadora e os educandos", em *Professora Sim, Tia Não*. São Paulo: Olho D'água, 1994.

Desta forma, o comprometimento com o ensino do esporte não pode ser reduzido ao ensino de gestos técnicos estereotipados, mas sim, estar comprometido com o desenvolvimento de relações humanas em prol da superação de, por exemplo, desigualdades sociais. Esta forma de perceber o papel do professor de Educação Física supera a simples preocupação com gestos e padrões motores, evidenciando uma preocupação em superar o sentido instrumental presente nos contextos de ensino, no que se refere ao campo escolar e não escolar.

A partir deste entendimento, os conhecimentos vivenciados pelos alunos, sem dúvida podem servir de referencial concreto no que se refere à prática pedagógica, evidenciando uma relação de reciprocidade entre professor e aluno, onde um pode vir a aprender com o outro, tornando-se indispensável o uso do diálogo, exercendo a capacidade comunicativa em forma de argumentação questionadora da realidade.

Nessa forma de conceber a Educação, Freire (1994) proporciona uma situação de entendimento muito importante, onde o professor deve aprender a morrer exclusivamente como professor e renascer como professor-aluno e o aluno deve aprender a morrer exclusivamente como aluno e renascer como aluno-professor.

O Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM (1991), analisa o esporte como sendo um campo de ação social concreto, no qual o movimento humano é fundamental, abrindo, portanto, um leque de possibilidades em que a comunicação e a interação, através de um campo em que a diversão e a alegria, mas também dificuldades e problemas se fazem presentes, contribuindo para a dimensão social da capacidade de decisão. Partindo disso, cabe lembrar que as modalidades esportivas formam um sistema de regras sem vida, e que somente através da ação do homem pode se tornar realidade concreta. Esta realidade esportiva tem origem na ação concreta do ser humano, e este, através de suas necessidades

e interesses pode decidir ou não suas mudanças, a partir de uma perspectiva coletiva de entendimento. Fica claro então, que outras formas de movimento e objetivos de ação, que não aquelas previstas exclusivamente no sistema de regras esportivas, podem dar origem ao movimento esportivo.

Então, conforme Dieckert (1987), não é o esporte que faz o homem, mas sim o contrário, com o homem estabelecendo o que, como, onde, quando, por quanto tempo, com quem, sob que regras, com que objetivo e sob que condições se pratica este esporte, principalmente e especialmente na escola.

Portanto, podemos afirmar que o conhecimento técnico e estratégico do esporte é muito importante, pois ele é um elemento da cultura corporal de movimento, mas este não é único, conseqüentemente não deve ser somente reproduzido. Ele pode ser refletido, criticado, transformado, auxiliando o educando a aprender como se constroem situações e conhecimentos através de relações sociais. Assim sendo, ele deve ser questionado em relação à situação de aula (ou treino, como é comumente conhecido nos espaços de ensino-aprendizagem em escolinhas de futebol/futsal), tipos de alunos na turma, entre outros aspectos, devendo ser compreendido e refletido como conteúdo da cultura corporal de movimento e reinventado, criado, reintegrado (BAECKER¹³, 1996).

Desta forma, entende-se que o esporte não é o vilão¹⁴ da história, mas com certeza, o uso que se faz dele necessita de um (re) significar, não só no meio acadêmico, mas sem dúvida, este pode ser o primeiro passo. Defendemos a idéia de que o esporte, enquanto ação pedagógica, deveria possibilitar ao aluno a auto-realização tanto como indivíduo (que entendemos como sujeito), como parte integrante de um grupo. Adicionando a estas

¹³ Livre tradução de Ingrid M. Baecker.

¹⁴ Senão, quem seria o mocinho?

palavras, acreditamos que o aluno, enquanto sujeito de sua ação, deveria sentir-se parte integrante e transformadora do contexto social em que está inserido.

Dietrich e Landau¹⁵ (1990), referem-se ao fato de que no esporte podem ser desenvolvidas atividades corporais e formas de movimento, que podem ser constituídas como uma fonte de experiências da criança para com o mundo, através do movimento, e que pode auxiliá-la no desenvolvimento de suas ações e pensamentos, tornando-a capaz de relacionar-se de forma participativa em seu grupo, e conseqüentemente com o mundo.

Portanto, o interesse pedagógico da Educação Física pelos esportes, (Kunz, 1994, p.57), deveria se concentrar mais sobre as formas de manifestação humana, caracterizada por ele como sentido "amplo" do esporte, onde ser humano e movimento são importantes tanto ao agir e pensar como para as relações entre os próprios homens. O esporte é aqui encarado como um fenômeno sócio-cultural e histórico, e isto implica em admitir que antes de estar vivendo uma situação no mundo esportivo, o aluno já teve experiências passadas, ou seja, uma história, um contexto, objetivos, que constituem seu mundo de movimento próprio, e sem dúvida, isto deve ser levado em consideração.

Portanto, acredita-se que o futebol e o futsal podem e devem ser desenvolvidos nas escolinhas de maneira criteriosa e crítica, contextualizando seus acontecimentos, a fim de utilizar o amplo repertório de possibilidades de movimento presentes nestes contextos. Desta forma, o esporte pode ser analisado, conforme o Coletivo de Autores (1992),

Como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa do fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Por isso, deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a

¹⁵ Livre tradução de Ingrid M. Baeker.

forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte “da” escola e não como o esporte “na” escola (p.70).

Deste modo, a prerrogativa de jogar “com o companheiro” e não “contra o adversário¹⁶”, passa a possibilitar uma releitura de possibilidades de superação, no que se refere às tendências da especialização, seleção e hierarquização, transformando estas perspectivas em possibilidades de transformação, a partir da interpretação do quadro 1, conforme a seguir:

Quadro 1: Possibilidades superatórias do esporte.¹⁷

TENDÊNCIA HEGEMÔNICA	TENDÊNCIA SUPERADORA
Sobrepujança	Cooperação
Hierarquização	Divisão de papéis
Seleção	Participação de todos
Especialização	Aquisição de saberes

*Fonte: adaptado de leituras a partir de Bracht (1992), Kunz (1991, 1994), Hildebrandt/Laging (1986), Shigunov/Pereira (1993) entre outros.

Desta forma, conforme Hildebrandt (2001:42), uma concepção pedagógica que reflita criticamente sobre o conceito de esporte tem de ser apresentada aos alunos de maneira que estes tenham possibilidades de entendê-lo, praticá-lo e mudá-lo, de acordo com seus interesses, suas necessidades e seu modo de vida próprio. O mesmo autor apresenta uma síntese, onde se pode avançar com o estabelecido no quadro 1, no sentido de

¹⁶ Ver Bracht, 1992.

¹⁷ Todo quadro pode se tornar uma armadilha, devido a seu aparente reducionismo, pois parece ter a pretensão de encaixotar a realidade em pequenas gavetas. Deve ficar claro que, neste caso, não se defende a relação entre uma tendência hegemônica e outra superadora, como um simples duelo entre o bem e o mau, Deus e o Diabo, mocinho e bandido, mas sim, em possibilidades concretas de transformar esta relação em um eterno ir e vir, contribuindo decisivamente com um possível (re) significar do esporte. Esta posição precisa estar clara na leitura deste quadro e dos posteriores.

concretizar algumas possibilidades de intervenção pedagógica no campo esportivo, dentro de pressupostos superadores:

Quadro 2: Do conceito hegemônico do esporte a uma concepção crítica.

CONSEQUÊNCIAS	
Do conceito hegemônico de esporte	De uma concepção crítica
<ul style="list-style-type: none"> - separação de outros âmbitos da vida (lar, escola, local de trabalho,). - separação em espaços de movimento específicos (ginásio, estádio, piscina). - diferenciações sociais entre capazes e incapazes - desmembramento entre o processo de ensino e de treinamento - instrumentalização do corpo 	<ul style="list-style-type: none"> - orientação para o modo de vida dos alunos, possibilitando a descoberta e a configuração do ambiente onde eles moram e do ambiente da escolinha como ambientes de movimento ativo. - utilização de temas relacionais nas aulas (equilibrar, embalar e balançar, jogar,). - aulas co-educativas, conseguir conciliar grupos de idades diferentes. - oferta de movimentos variados e com vários significados. - configuração de oportunidades de aprendizagem. - ativação de experiências do corpo e dos sentidos.

*Fonte: Adaptação de Hildebrandt (2001:43)

Deste modo, podemos admitir que a aprendizagem esportiva, através das experiências de aula dos alunos, pode tornar-se significativa e relacionada com seu contexto sócio-econômico-cultural, já que ele passa de uma condição de mero executante de atividades, para uma condição de parceiro do processo ensino-aprendizagem, contextualizando os conteúdos do esporte com o mundo vivido.

Finalizando, as posições defendidas neste entendimento sobre o caráter pedagógico no ensino dos esportes, não podem ser percebidas como verdades absolutas, mas fruto de concepções e vivências dentro deste contexto. É tarefa inerente dos profissionais da educação física, não apenas no que se refere à estruturação de modelos e receitas, mas sim, na introdução de sentidos e significados relativos ao arcabouço de conhecimentos inerentes aos esportes (no caso deste estudo, o futebol e o futsal), a fim de contribuir realmente com o ser humano, percebido a partir de toda a sua complexidade, como meio de contribuir no processo de emancipação do homem através do seu entendimento de fenômenos como o esporte e suas relações com a política, com a cultura, a sociedade e formas de manifestação do movimento humano.

2.3. A relação entre o jogo e o esporte na Educação Física

O esporte dentro dos contextos de escolinhas de futebol e futsal pode ser explorado de forma a ser ramificado, reinventado, onde a padronização daria lugar à gratuidade e a alegria do jogo. Desta forma, a natureza do jogo configura-se numa atividade totalmente livre, voltada para si mesma, proporcionando aos jogadores o prazer intenso da liberdade de criação e construção.

De acordo com o Coletivo de Autores (1992), em diversas línguas brincar e jogar são sinônimos. Portanto o jogo, que assim como o esporte, também foi inventado pelo homem, possibilita situações que podem promover um processo de modificação imaginária da realidade. Com isto, podemos afirmar que o jogo satisfaz determinadas necessidades da criança, e em grande parte, necessidades de movimento.

Se por um lado temos o esporte institucionalizado, por outro temos o jogo. Os dois devem ser encarados como conteúdos importantes da Educação Física, necessitando de um espaço adequado no contexto das escolinhas de iniciação.

De acordo com Volpato (2002), o jogo foi sendo historicamente esportivizado em virtude de acontecimentos econômicos, políticos e sociais. Neste processo, a supervalorização do esporte performance, muitas vezes leva os profissionais à não perceberem a dimensão educativa do jogo. O mesmo autor salienta que a competição presente no jogo de regras, pode servir para:

Estimular o jogar com o outro de forma cooperativa, onde o adversário seja visto como parceiro que possibilita a realização do próprio jogo, não como inimigo a ser vencido ou aniquilado. Na verdade, essa é uma das características que mais diferencia jogo e esporte de rendimento (p.104).

Conforme Almeida e Shigunov (2000), o jogo e o brinquedo representam um fator de desenvolvimento e de socialização da criança, refletindo o contexto onde ela está inserida e proporcionando-lhe novas descobertas a cada momento, já que o brincar é uma característica inerente aos seres humanos. Desta forma, as aulas de escolinhas de futebol e futsal não podem deixar de perceber a imensa importância do jogo e do brinquedo na infância, como meio de aproximação gradativa e esclarecedora do mundo adulto, não a partir da imposição de um modelo adulto, mas sim, através do processo natural de desenvolvimento do ser humano.

Segundo Oliveira (1993), jogando, mais do que em qualquer outra forma de atividade, as pessoas se encontram em sua plenitude, em um todo que muitos teimam em negar. Neste caminho, Huizinga (1996) interpreta o jogo como uma atividade voluntária,

que proporciona uma evasão para uma esfera temporária do mundo, que ‘sai’ do cotidiano, do real, que permite, paradoxalmente, a aproximação peculiar entre a confusão da vida e a imperfeição do homem e do mundo, com uma perfeição temporária e limitada, e como num passe de mágica, já não temos mais um prato, mas um volante de Fórmula 1, já não se joga mais bola no campinho de terra, mas no Estádio Olímpico¹⁸, marcando um gol na decisão do campeonato.

Desta forma, em virtude da riqueza e das oportunidades que o lúdico oferece, torna-se uma atividade das mais significativas, devido á desburocratização de suas ações, apresentando indiscutivelmente, um leque de possibilidades de desenvolvimento nas escolinhas de futebol e futsal.

Isto significa, conforme Volpato (2002), perceber o jogo para além de um fim restrito, utilitário e compensatório, mas sim, como uma forma de expressão humana, onde as mais variadas experiências de movimento são possibilitadas, superando em muito, os movimentos previstos pelas necessidades de execução técnica das modalidades esportivas.

Conforme já analisado no início deste capítulo, o conhecimento técnico/tático do esporte é importante, constituindo uma forma de cultura a ser desenvolvida nas escolinhas de futebol e de futsal. Mas é fundamental não esquecer que uma infinidade de novos jogos podem ser desenvolvidos, inventados, criados e recriados nas aulas de escolinhas de futebol/futsal, dependendo para isso, do grau de experiências culturais de movimento e do conhecimento e criatividade de aluno e professor, bem como, da amplitude do entendimento do professor no que diz respeito ao seu papel. Desta forma, se faz necessário saber que o desenvolvimento de um jogo qualquer implicará na constituição de

¹⁸ Estádio Olímpico Monumental, do Grêmio F.P., localizado em Porto Alegre (RS).

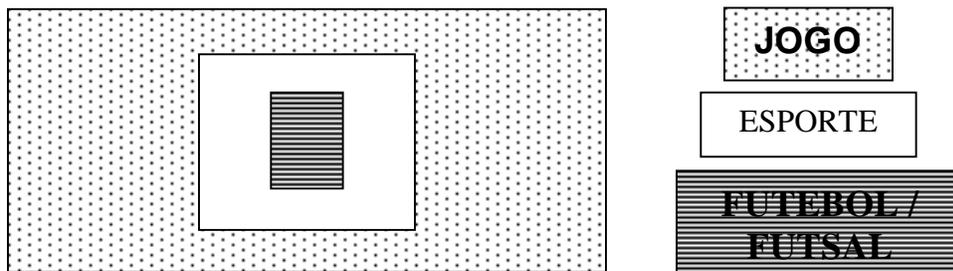
regulamentos e normas que se aliam a situações imaginárias, exigindo capacidade de interpretá-las e desvendá-las (REZER, 1997).

Deve-se ter o cuidado em perceber os fatos e acontecimentos implícitos que acontecem por trás de um jogo ou de um brinquedo. Por exemplo, na leitura das entrelinhas de um jogo de “caçador”, evidencia-se de forma implícita, um caráter extremamente seletivo e discriminatório, já que os atingidos pela bola terão de sair da brincadeira, pois estarão “mortos”, e os melhores e mais rápidos sempre serão os vencedores. Desta forma, não basta simplesmente não jogar mais “caçador”, mas sim, de maneira rápida e precisa, discutir esta questão com os alunos, a fim de fazê-los descobrir outras formas de conduzir este jogo, pois certamente se lhes for perguntado, ninguém gostaria de sair antes do final do jogo (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Conforme o Coletivo de Autores (1992), quanto mais rígidas são as regras de um jogo, maior a atenção exigida pela criança, junto com a regulação de sua própria atividade, tornando o jogo mais tenso. Entretanto, se torna fundamental que nas escolinhas, a criança conviva com o desenvolvimento e respeito às regras, porque isto permite a percepção da criança da passagem do jogo para o trabalho, respeitando a história de vida dos alunos. Mas esta complexa teia de relações que trata dos códigos e regulamentos precisa passar pelo exercício de construção coletiva em comum acordo entre aluno e professor.

Com a prerrogativa de ilustrar o posicionamento defendido neste tópico, a relação entre o jogo, o esporte e o esporte formal, neste caso, o futebol e o futsal, a fim de ilustrar metodologicamente a evolução de nossas posições, podem ser representados da seguinte forma, como é mostrado na figura 1.

Figura 1: A relação entre o jogo, o esporte e o futebol/futsal.



*Fonte: Baseado em Coletivo de Autores (1992), Kunz (1991 e 1994), Bracht (1992), Oliveira (1993), Hildebrandt (1986), Shigunov/Pereira (1993), entre outros.

Desta forma, materializa-se o amplo significado do jogo, e as formas de manifestação reducionista dos esportes na sociedade moderna. O repertório de possibilidades de movimento envolvidas no fenômeno JOGO¹⁹ é muito maior que o repertório de possibilidades de movimento envolvidas no fenômeno ESPORTE²⁰, e muito maior ainda, tratando-se do FUTEBOL / FUTSAL²¹.

Estas diferenças se tornam mais concretas ainda, se entendermos o movimento humano dentro da perspectiva do “Se-movimentar”, conforme Kunz (1991,1994).

Torna-se importante que os alunos tenham oportunidade de vivenciar e de conhecer o esporte formal, institucionalizado e poder, a partir dele construir situações de jogo de acordo com suas exigências, objetivos e características pessoais e coletivas, aliados ao desenvolvimento de noções de limites de comportamento, embutidas na criação coletiva de regras e normas a serem respeitadas, dentro de contextos culturais peculiares,

¹⁹ Nesta forma de entendimento, o jogo, percebido como manifestação lúdica, religiosa ou social, se desenvolve em diversas culturas, preservando suas peculiaridades contextuais e históricas.

²⁰ O esporte (desportivização do jogo) tende a universalizar as manifestações mais espontâneas do jogo.

²¹ O futebol/futsal, enquanto prática formal, tende a ser o mesmo em qualquer lugar, com tendência a universalização.

preservando a identidade, superando a universalização massificada da cultura, presente no cotidiano de práticas escolares.

Portanto, urge que as escolinhas de ensino do futebol e do futsal desenvolvam situações lúdicas, baseadas em jogos e brincadeiras, pelo fato de que o esporte será tanto mais educativo a partir da conservação de sua qualidade lúdica de forma mais ampla, bem como de sua espontaneidade e de suas possibilidades de iniciativa.

O que deve ficar claro, conforme Kunz (1994), é que não significa apenas a redução de uma forma ‘correta’ de prática, para alternativas em forma de jogos e/ou brincadeiras, a fim de proporcionar situações ‘lúdicas’, mas alienantes e descomprometidas. O que se torna evidente, é a necessidade de uma mudança de concepção, tanto de ensino, como de esporte. Portanto, o pano de fundo que irá nortear as ações pedagógicas desenvolvidas em aula será o ponto de partida para qualquer intervenção concreta na realidade.

2.4. O futebol como manifestação cultural – Algumas reflexões

Este estudo não tem por objetivo realizar um levantamento histórico sobre o futebol, mas sem dúvida, a fim de possibilitar maior contextualização das idéias apresentadas, se faz necessário realizar algumas investidas neste campo, procurando perceber mais do que simples datas ou fatos históricos, mas sim, ampliar o leque de entendimento sobre algumas razões que levaram este esporte a se tornar um fenômeno, no que se refere a número de apreciadores e praticantes, no mundo todo, sob condições muitas vezes impensadas, quando percebido pelo prisma fragmentado do esporte-espetáculo.

De acordo com Unzelte (2002), as primeiras manifestações de um jogo parecido com o futebol, se deu na China, por volta de 3.000 a 2.500 anos a.C., onde durante a dinastia do imperador chinês Huang-Ti, era comum entre os soldados, chutar crânios de inimigos derrotados em guerra.

Historicamente, há de se fazer referência sobre o tsu-chu na China, o kemari no Japão, os gregos e o epyskiros, os Maias e seus sacrifícios, os romanos e o haspartum, o soulé na França, o calcio na Itália, ou o football na Inglaterra²². Entretanto, nos deteremos em uma abordagem menos factual, procurando expressar algumas considerações sobre o contexto de desenvolvimento, que sem dúvida, culmina em uma tratativa diferenciada do futebol, por parte do povo brasileiro (de forma geral), se comparada ao handebol, atletismo ou tênis.

Conforme Galeano, citado por Souza (2001) “(...) não há dúvida de que os romanos jogavam algo bastante parecido com o futebol enquanto Jesus e seus apóstolos morriam crucificados”. Esta afirmação é extremamente emblemática, pelo peso da possível ligação de um fato tão marcante na história da humanidade, estar atrelado a uma manifestação de um jogo que se perpetua historicamente.

Pode-se dizer que o futebol se desenvolveu cercado de controvérsias e polêmicas. Em 1314, por exemplo, o rei Eduardo II proibiu o futebol na Inglaterra. Ele temia que, ao desviar as atenções para a bola, os jovens se descuidassem de outras práticas, como o arco e flecha, mais útil para nações em tempo de guerra.

Entre proibições e castigos severos (SOUZA, 2001), este lúdico ou ritualístico jogo, continuou sendo praticado em diferentes regiões, principalmente pelo fato de ir além

²² Ver Celso Unzelte, O Livro de Ouro do Futebol, Ediouro: São Paulo (2002).

da simples diversão e fazer parte do contexto de diversos povos. O mesmo autor chama a atenção para o fato de que algumas comunidades medievais tinham o costume de jogar futebol em algumas datas comemorativas, onde neste jogo tudo valia, resultando em vários mortos e feridos, o que era um traço comum da sociedade medieval.

A facilidade em organizar um jogo de bola com os pés parece apontar para o fascínio que permeia esta prática, envolta em magia e liberdade, contrapondo com a necessidade de sofrimento, imposta pelos caminhos escolhidos pelo homem em direção ao mundo contemporâneo²³.

Alguns apontamentos históricos levam a crer que o Brasil, conforme Souza (2001)²⁴, desenvolvendo-se a partir de um modelo social e econômico impostos por países considerados desenvolvidos (entre eles a Inglaterra), incorporou em seu contexto o avanço capitalista europeu. Desta forma, as poucas oportunidades de diversão das classes sociais mais ‘inferiores’, oportunizaram a disseminação da prática do futebol, que apresenta alguns marcos em sua popularização.

Desta forma, Souza (2001) aponta para três marcos principais no processo de desenvolvimento do futebol no Brasil, que da mesma forma, que consideramos muito demais importantes:

- Alguns fatos demonstram que o jogo de futebol em alguns locais do país já era praticado nas mais variadas formas pelos índios brasileiros, com bolas próprias de

²³ Conforme Melo (1999), o futebol passou a ser o esporte mais praticado no mundo, por mais diferente que seja o espaço destinado para sua prática, se comparado com uma perspectiva “correta” de prática. O futebol sistematizado, como a maioria dos esportes na sociedade moderna, tem sua origem em manifestações da burguesia, que entre outros fatores, por possuírem maior tempo livre para participar de atividades em momentos de não trabalho, acabaram por influenciar grande parte do que se entende hoje como sendo esporte.

²⁴ Ver *A transformação do futebol brasileiro: Avanços e recuos na sua modernização e repercussões nas categorias de base*. Dissertação de Mestrado. UFSC, 2001.

borracha, que sem dúvida, são relegadas nos escritos futebolísticos, em detrimento a de couro dos europeus;

- Charles Miller, filho de ingleses radicados no Brasil, trouxe para o Brasil uma bola e um livro de regras quando retornou de seus estudos da Inglaterra em 1894, talvez introduzindo a prática sistematizada do esporte;
- A difusão do jogo entre o operariado, na Cia. Progresso Industrial (mais conhecida como Fábrica Bangu do Rio de Janeiro), onde este era coisa rara, pois as pessoas que jogavam futebol, neste momento histórico, eram os técnicos e administradores que representavam a elite inglesa, conservando o direito de prática do futebol a uma minoria pertencente a “boas” famílias. Desta fábrica, nasceu em 1904, o The Bangu Athletic Club, mais conhecido como o time de futebol do Bangu²⁵. Conforme Souza (2001), o Bangu colocava operários no ‘team’, em pé de igualdade com os mestres ingleses.

Antes do Bangu, em 19 de julho de 1900, nasceu o “vovô” Sport Clube Rio Grande, clube mais antigo do Brasil, na cidade portuária de Rio Grande, que permanece em atividade até hoje.

Portanto, a prática do futebol nos clubes não era direcionada para todos, absolutamente. A tendência à elitização se tornava clara, com o cuidado na época em admitir ao esporte, apenas pessoas de “boa família, boa índole e boas maneiras”, pertencentes à burguesia. Esta era uma forma de manter o “Status Quo”, excluindo veementemente negro, pobre, enfim, aqueles não contemplados com o padrão estereotipado

²⁵ “Pode-se dizer que o Bangu popularizou o futebol, no Bangu não existia diferença ente arquibancada e geral, nem esta coisa de ‘fitinha importada’ na cabeça para sentir-se mais importante”.(Souza, 2001).

e convencionalmente socialmente, oriundo de uma doutrinação colonizadora em nosso País (ranço que insiste em persistir até nossos dias).

Como exemplo, podemos citar a exclusão inicial de negros da prática do futebol, através de um caso típico como o Fluminense (RJ), conhecido atualmente como “pó-de-arroz”, devido ao fato de que jogadores com tom de pele mais escuro colocavam pó-de-arroz (um cosmético para clarear a pele) no rosto, a fim de se passarem por jogadores de pele clara, e conseguirem acesso à prática do futebol.

No Rio Grande do Sul, por exemplo, até meandros dos anos 40 e 50, Grêmio e Internacional não aceitavam negros em suas equipes.

Com o passar do tempo, o futebol no Brasil passou a exercer um fascínio tão forte como o religioso sobre as pessoas. Na final da Copa do Mundo de 1950, quase 200.000 pessoas estavam presentes para assistir a Brasil x Uruguai (Witter, 1990).

Até hoje, Barbosa (goleiro) e Bigode (zagueiro) são considerados grandes culpados por esta derrota, e não por coincidência, foram negros que ousaram desfilar com a camisa da seleção em um período claramente preconceituoso. Atualmente este aspecto mudou (os negros se introjectaram plenamente na prática do futebol), mas o preconceito em muito se manifesta ainda, claro que nem sempre de formas tão visíveis como em casos como estes, oriundos da metade do século passado. Na Europa, percebemos uma preocupante tendência que cresce, quase que cotidianamente. Grupos de torcedores de algumas equipes que possuem jogadores negros fazem protestos, colocando faixas nos estádios, em repúdio a permanência de jogadores não-brancos nestas equipes.

Outro ponto que faz parte e muito, da cultura popular, principalmente no que se refere ao futebol, é a superstição. Tanto que em 1994, pouco antes do jogo final entre Brasil e Itália, o mesmo Barbosa de 1950 foi barrado na entrada da concentração da Seleção

Brasileira, pelo motivo de que era “bom não arriscar”, pois poderia trazer maus fluídos para o ‘escrete canarinho’, já que era considerado ‘azarado’.

Portanto, casos de jogar sempre com a mesma meia, mesma cueca, com o amuleto pessoal de cada um, entrando em campo com o pé direito, a ‘reza’ antes do jogo, fazendo o “sinal da cruz” antes do apito inicial, fazem parte de um repertório tão vasto quanto à imaginação humana, sendo percebidos desde uma simples “pelada” de final de semana até momentos que antecedem a decisão de uma Copa do Mundo.

O que poderia definir esta magia, este encanto, esta superstição que se mantém mesmo com o processo de modernização implantado no futebol?

Neste processo, o futebol acompanhou e acompanha as grandes transformações históricas da humanidade, tais como, o aumento do tempo livre da classe trabalhadora, a diminuição de possibilidades de acesso por parte da população, as manipulações político-ideológicas das grandes potências, a alienação provocada pelo processo de descomprometimento da população através da massificação da prática esportiva, e sem dúvida, a política neoliberal e o mundo globalizado.

Segundo Rinaldi (2000), o papel do futebol em nosso país vai além de uma simples modalidade esportiva. O futebol nos possibilita lançar um olhar sobre diversos aspectos, tais como, os interesses econômicos, a expectativa por parte dos jogadores, o imaginário do povo brasileiro. Tomemos como exemplo a Copa do Mundo de 1970, onde o Brasil atravessava um momento político delicado, estabelecido pelo governo militar. Neste período, o futebol serviu para associar a vitória da seleção ao grande desenvolvimento que o Brasil vinha conseguindo no momento do chamado milagre econômico.

Portanto, o mesmo autor salienta que “o futebol expressa a sociedade, pois o jogo está na sociedade tanto quanto a sociedade está no jogo” (p.171), pois ambos se expressam

mutuamente, ainda mais no que tange a subjetividade explícita introjectada em uma partida de futebol.

Com o passar dos anos, mesmo com a profissionalização que transcorre neste esporte, as manifestações de prática popular do futebol vem se desenvolvendo através de dimensões que muitos nem poderiam conceber, em locais de espaços reduzidos, esburacados, sujos, de dimensões oficiais ou não, com uma bola oficial ou uma bola de papel, de meia, o jogo de bola, pela sua praticidade e menor exigência de sofisticação, se desenvolvendo com ares de magia e de liberdade, de forma contraditória, vivendo entre a emancipação e a alienação, o comprometimento e o descaso, a manipulação e a resistência.

Conforme Witter (1990), nesta trajetória, o futebol continuou, apesar das mudanças externas, a produzir ídolos, criar mitos e heróis, na mesma proporção que destruiu sonhos, frustrou muitos e se manifesta sensível da mesma forma que se torna frio e calculista. Talvez seja esta ambigüidade, esta contradição que o torna tão emocionante e místico.

Esta verdadeira veneração ao futebol, provoca devaneios apaixonados, subestimando suas limitações, como a afirmação do antropólogo francês Christian Bromberger: “Com certeza, o futebol é a única linguagem universal, ainda mais que a música, pois esta não suprime a diferença de gêneros” (Jornal Zero Hora²⁶, 14/04/2002).

Esta “linguagem universal” supera concretamente limitações geográficas, físicas, econômicas, culturais e sociais, entre outras, transformando este contexto em um fenômeno, alicerçado pelo desejo infantil de “jogar bola”. Senão, como explicar que a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), que possui 203 filiados, possua mais

²⁶ Jornal de circulação muito grande na região Sul do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul.

membros que a própria Organização das Nações Unidas (ONU), que possui 198 países membros?

São explicações que a própria razão apresenta dificuldades em explicar, visto que em muitos casos, o futebol é percebido e difundido como meio de ascensão social, pois observemos, por exemplo, a imagem do jogador de futebol bem sucedido, de origem pobre e humilde, que permanece como regra para a população de maneira geral (senso comum), principalmente pelo que transparece pelos meios de comunicação, onde o futebol aparece como meio para um ‘bom futuro’. O que não percebe-se muitas vezes, é que a grande maioria dos jogadores de futebol vive em um mundo de incertezas e de inseguranças, conforme os dados mostrados no quadro 03, explicitando muitas questões que afligem a realidade do futebol de campo:

Quadro 03: Matéria “Um drama social”.

22.000 jogadores profissionais atuam no Brasil
10.000 estão sem emprego no momento
1.500 tem emprego o ano inteiro
86,5% ganham até dois salários mínimos
800 clubes possuem registro na CBF
50 deles possuem atividade o ano inteiro
09 clubes do interior do Rio Grande do Sul fecharam em 2000

Fonte: Jornal Zero Hora, 23/10/2001.

Estes dados referem-se a um universo pouco exposto pela mídia em geral, onde nem sempre o sonho do reconhecimento, ascensão social e fortuna se realizam. Muito pelo contrário, a frustração e as dificuldades econômicas são a regra, e o estrelato, a exceção.

Sem dúvida, o mercado dita novamente esta tendência, com o infeliz hábito de rotular e estereotipar espaços e contextos, na tentativa de facilitar sua apropriação indébita, resultando na exploração de crianças e adolescentes, que são ludibriados por propostas de sonho, de sucesso e riqueza, percebendo, geralmente tarde demais, que este ‘bolo’ é reservado para poucos, e muitos se aglutinam em torno das migalhas, às vezes a qualquer preço.

Finalizando este momento, poderíamos citar Ostermann (1998);

O futebol é boteco, vestiário, entrevista de rádio, gabinete da autoridade, anedota, motel, viagem, livro, discurso, pintura, tese de doutorado, conversa fiada, preleção de técnico, briga de família, colisão de trânsito, efeméride, divã de analista, chope, cachaça, carinha, facada, beijo, despedida e reencontro, até pode ser o nome do jogo simples de bola. Um mundo que é mesmo o mundo todo, sem qualquer dificuldade de comunicação Muda o boteco mas não muda a discussão. (...) É mesmo fascinante porque dele desata o inverossímil (sic), o inacreditável, o impensável, e as vezes, o verdadeiro e o lógico, mas só as vezes (p.19).

Por todo este contexto, o futebol se popularizou e se tornou este fenômeno com que nos deparamos todos os dias, quer seja como espectadores, praticantes, estudiosos, professores, leigos e entendidos, produzindo e reproduzindo cultura. Esta relação é tão forte no Brasil, campeão de cinco copas mundiais, que se abre espaço para uma prática alternativa, como meio de aumentar as possibilidades de vivenciar este esporte, mesmo com as limitações das condições climáticas (frio, chuva, vento ou sol forte), ou um número menor de praticantes, entre outras considerações sobre o futsal, conforme abordagem a seguir.

2.5. E surge o futsal... Um esporte emergente

A capacidade de improvisação explícita e impregnada no futebol é tão grande, que em meados da década de 1930, por motivo de condições climáticas inadequadas e para aproveitar os espaços de quadras de basquete e pequenos salões (entre outros fatores), surgiu o futebol de salão, que mais tarde viria a se chamar futsal.

De acordo com Saad (1997), sua origem é polêmica, pois tanto Uruguai quanto o Brasil reivindicam sua criação. As primeiras informações mais concretas se referem a uma combinação entre o pólo aquático, o basquetebol, o handebol, e certamente, o futebol. O professor Ceriani é o primeiro nome citado nos registros históricos, onde, na ACM (Associação Cristã de Moços) de Montevideú, idealizou as primeiras regras deste esporte, a fim de utilizá-lo inicialmente em aulas regulares de Educação Física.

No Brasil, o futebol de salão dá seus primeiros passos também na década de 30, nas ACM de Rio de Janeiro e São Paulo. O processo de popularização foi muito rápido, seguindo de forma compacta, o caminho de seu principal ‘irmão mais velho’, o futebol.

O que é concreto afirmar, é que grande parte da caminhada do futebol de salão, tem seu ápice com uma jogada de marketing muito grande, onde a FIFA, que até então não reconhecia o futebol de salão em campeonatos oficiais²⁷, reconhece esta modalidade, a partir de uma fusão com o Futebol Cinco²⁸. Isto acarretou uma grande mudança nas regras, que vai desde o tamanho da quadra até o peso da bola, que se torna muito mais leve e um

²⁷ Até os anos 1980, o futebol de salão era reconhecido pela FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão), e posteriormente reconhecido pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado).

²⁸ Modalidade praticada principalmente nos EUA, onde apresentava algumas similaridades ao futebol de salão (ginásio, cinco jogadores,...), e outras advindas do futebol de campo (bola mais leve,...), mas sem muita popularização fora do território americano, com algumas investidas de pouco êxito em terras brasileiras.

pouco maior. Este marco proporcionou uma agilidade muito maior no jogo, aliado a evoluções táticas contundentes, embasadas em outros esportes, principalmente o basquete.

Esta fusão também encontra eco na pretensão que o futebol de salão tinha de ser reconhecido como modalidade Olímpica. Esta modificação, promovendo uma maior unificação e maior motivação para a prática era reconhecida como um dos meios de alcançar este objetivo.

Desta feita, surge o futsal, esporte considerado emergente, provavelmente a caminho de se tornar um esporte olímpico, embora a supremacia nacional em campeonatos mundiais²⁹, não o torne tão atrativo neste aspecto para os outros países, principalmente as grandes potências. Ora, um País considerado de ‘terceiro mundo’ que possua uma supremacia tão grande, não torna determinado esporte tão convidativo, a fim de que se invista nele, de forma tão concreta em um momento de ápice como a Olimpíada.

Neste aspecto, a vitória da Espanha no último mundial, realizado em 2000 na Guatemala, pode vir a ser um estímulo no contexto Europeu para agilizar este processo.

Outro fator importante neste processo pode ser o descaso da FIFA com a participação do Futebol nos Jogos Olímpicos, principalmente pelo receio de ver se estabelecer uma espécie de nova edição da Copa do Mundo, devido ao aumento das possibilidades em contar com jogadores de elite neste contexto. Cabe lembrar que até pouco tempo atrás não era permitida a inclusão de atletas de futebol profissional³⁰, visto a própria conotação do ideal olímpico.

²⁹ Em sete edições do Campeonato Mundial (três organizados pela FIFUSA e quatro pela FIFA), o Brasil sagrou-se campeão em cinco.

³⁰ A Olimpíada de 1984, em Los Angeles foi a primeira a permitir a inclusão de atletas profissionais de futebol.

Assim sendo, as mudanças estruturais do futsal passaram a autorizar maiores estudos sobre ele, devidos principalmente ao grande número de praticantes e espectadores. Cidades pequenas passam a possuir equipes de futsal, tornando-as seu cartão de visita. Ginásios lotados em noites de sábado fazem referência ao programa de final de semana, não só de homens, mas de famílias inteiras, que se orgulham de torcerem pela equipe que os representa em um embate, em uma contenda, ou como se chama no Rio Grande do Sul, em uma 'Peleja'.

Dados de Saad (1997) apontam para 5.000 equipes filiadas em 27 federações, abarcando um número de 180.000 atletas federados e com 350 jogadores atuando no exterior. Atualmente, acreditamos que estes números são maiores, principalmente se observarmos uma maior abertura de possibilidades e facilidades para um atleta se transferir para o exterior, devido ao interesse destes países em aumentar o intercâmbio com atletas brasileiros.

Portanto, da mesma forma que o futebol, o futsal vem se popularizando, e representa uma alternativa de prática muito utilizada, onde é tão praticado quanto o próprio futebol. Poderíamos considerar o futsal como um esporte emergente, que em muito reflete a trajetória do futebol, no que se refere ao seu entendimento como manifestação cultural, por muitos fatores, entre eles:

- Originado do próprio futebol;
- Processo de profissionalização na modernidade;
- Crescente popularização;
- Facilidade de prática, no que se refere ao espaço e materiais;
- Magia e encanto que permeiam sua prática;

- Ginásios lotados em competições dos mais diversos níveis;
- Grande número de praticantes, entre outros fatores.

Da mesma forma que o futebol, o futsal também se manifesta como um fenômeno cultural, onde a partir de situações oriundas do futebol de campo, a compactação de espaço e a diminuição no número de praticantes aumentam as possibilidades de prática, transformando-se em um esporte emergente, de grande volume de praticantes, que reproduz as singularidades implícitas no futebol de campo.

O que se estranha, é a carência de obras que tratem do futsal como um fenômeno, integrante da cultura popular do brasileiro, já que a grande parte de suas obras o tratam dentro de uma concepção estereotipada de esporte. Muitos livros e artigos (em revistas ou na internet) analisam concepções táticas, técnicas, e conceitos da preparação física aplicados a otimização aparecem de forma constante. Urge que se promova maior número de escritos sobre as questões do futsal que se encontram nas entrelinhas do processo de observação e contemplação, descrevendo aquilo que nem sempre é explícito, mas se encontra claramente presente na manifestação do jogo, ou como Ostermann (1998) se refere, na alegria de chutar a bola e se reconhecer entre companheiros que chutam na mesma direção.

Infelizmente os problemas estruturais e a eterna disputa de poder entre federações e clubes parece não contribuir com a ingênua e descompromissada paixão por este fenômeno chamado futebol, e mais recentemente, com o futsal. Da mesma forma, a profissionalização cada vez mais precoce e o trabalho “sério” nas categorias de base, amparado pela cientifização do treinamento, com o intuito de formarem atletas, afastam o caráter lúdico e mágico do futebol, em troca da seriedade do mundo do trabalho, através da

mecanização técnica e padronização tática, desde as mais tenras idades, conforme será abordado a seguir.

2.6. A escolinha de futebol e de futsal

Uma breve retrospectiva no contexto contemporâneo

A literatura sobre a contextualização histórica a respeito do surgimento e desenvolvimento de escolinhas de aprendizagem/treinamento em esportes é muito restrita, com poucas obras publicadas. Grande parte das obras produzidas contemplam o Saber-Fazer, e poucas analisam ou se referem à importância do Saber-Pensar, enfatizando a preocupação em “ensinar” o futebol ou o futsal.

Como foi abordado anteriormente, a literatura de uma maneira geral, quando se refere ao contexto de ensino dos esportes coletivos, neste caso, o futebol e o futsal, aborda esta questão sob a forma de metodologias e modelos de ensino, enfatizando principalmente os aspectos técnicos a partir de seqüências de exercícios e/ou retrospectiva histórica da modalidade (quando surgiu, de que forma, quem idealizou, quando veio para o Brasil, entre outros).

Desta forma, tem-se a preocupação de analisar o contexto das escolinhas de futebol/futsal a partir de um dos grandes marcos do processo de cientificação do futebol, que se deu após a Copa do Mundo de 1966 (Inglaterra), onde a pífia participação do Brasil coloca em xeque as concepções que norteavam os trabalhos de base no futebol, e conseqüentemente, refletem-se no futsal.

Esta questão, conforme Souza (2001), aponta para a necessidade percebida em padronizar os aspectos técnicos e táticos do jogador brasileiro, em detrimento a uma

tendência natural de descomprometimento, oriunda entre outros fatores, dos campos de várzea, da rua, em um tempo onde o povo imaginava como reproduzir as jogadas realizadas pela elite. O futebol, e mais tarde o futsal ‘precisam’ de um tratamento mais ‘sério’ e o redimensionamento nos processos de formação precisam ser otimizados, ou seja, é a definitiva apropriação de um modelo europeu que ‘dá certo’, em detrimento de uma concepção cultural enraizada na história de um povo.

Desta forma, as categorias de base são um marco de desenvolvimento desta complexa relação, em um período que retrata a transição entre a fase do “vou jogar” para a fase do “vou treinar”.

Cabe ressaltar que se pode perceber algumas diferenças entre o que se chamaria de Categorias de Base e o que se considera como sendo Escolinhas, que atualmente sofrem uma restrição por parte de vários autores no que se refere ao diminutivo “inha” (para muitos, considerado pejorativo). Alguns consideram que o correto seria Escola de Futebol ou Futsal.

No que se refere ao plano conceitual, Categorias de Base seriam os espaços de formação presentes nos clubes de futebol ou futsal, onde a preocupação se dá em torno de preparar atletas para futuramente ocuparem os espaços da equipe de cima. Já as escolinhas (ou Escolas) nem sempre apresentam esta conotação, já que podem possuir os mais variados objetivos, que variam da formação de futuros atletas (concepção hegemônica do papel da escolinha na modernidade) até práticas que se dão como verdadeiros passatempos. Mais à frente, será analisado a concepção hegemônica de entendimento sobre o ensino do futebol e do futsal em contextos específicos das escolinhas e categorias de base.

Neste momento, cabe ressaltar a imensa proliferação, principalmente a partir do final da década de 1980, onde este espaço realmente se consolidou como Campo da Educação Física e adquire uma importância mais destacada junto à população.

Conforme Fensterseifer (1993), uma das razões deste desenfreado surgimento de escolinhas de futebol e futsal, se deve ao fato de que os antigos campinhos de rua estão desaparecendo, devido à explosão imobiliária, consequência direta da urbanização das cidades e da vida cotidiana. Campinhos, parques, terrenos baldios, tem sua quantidade reduzida a cada momento, sob o pretexto do desenvolvimento do mundo moderno. Neste sentido, os jogadores oriundos da chamada “várzea”, tornam-se cada vez mais raros em nossa estrutura esportiva de alto nível, e as escolinhas/categorias de base passaram a ser o caminho (quase obrigatório) para o mundo do trabalho nos esportes.

Na atualidade, os jogadores que aparecem nas grandes equipes são em sua imensa maioria (talvez em pouco tempo, totalmente) oriundos das categorias de base, das escolinhas de formação dos clubes, modificando o perfil de origem dos atletas. Exemplos de jogadores de futebol e futsal, que aprenderam nas ruas, oriundos de classes sociais menos abastadas, tais como Garrincha, Pelé e Dario não são mais tão comuns (isto para falar dos mais recentes). Jogadores, como por exemplo, Ronaldo Assis Moreira (Ronaldinho Gaúcho, atleta do Paris Saint-Germain) e Ricardo Izecson dos Santos Leite (Kaká, atleta do São Paulo) são oriundos das categorias de base de equipes como Grêmio e São Paulo, respectivamente, desde 06 ou 07 anos, e pertencentes a famílias de classe média-alta. Será que a modificação aparente neste perfil não será um retorno ao período histórico de afastamento das classes trabalhadoras do acesso ao esporte, entre outros fatores, pela diminuição do tempo livre, pelo ingresso cada vez mais precoce de crianças de

classes sociais mais baixas no mercado de trabalho (formal ou informal), e pela cobrança de mensalidades em grande parte destes espaços?

Conforme Belicanta apud Fensterseifer (1993), a proliferação de escolinhas também se deve ao fato de que, a prática do futebol e do futsal não faz parte do corpo de conteúdos da grade curricular da maioria das escolas. A justificativa para esta ausência se dá a partir de vários argumentos (todos sem uma fundamentação mais elaborada), tais como, *o futebol é uma modalidade popular de domínio público, o espaço físico da escola é inadequado* (sem campo ou ginásio), *outras modalidades contemplam maiores possibilidades de desenvolvimento*, entre outras “desculpas”. Com isso, a escola e a Educação Física perdem uma oportunidade muito interessante de desenvolver aspectos extremamente ligados a cultura de nosso país.

Outro grande fator, segundo Fensterseifer (1993), que possibilitou o surgimento das escolinhas a partir do final da década de 80, reside no fato referente ao aumento da violência urbana e da criminalidade. Este fato, de certa forma, impediu as gerações posteriores a este período, principalmente nas grandes cidades, de poder brincar na rua, jogar bola com amigos, com um significativo aumento de horas à frente da televisão, vídeo game, e atualmente o computador. Desta forma, os pais sentem-se mais tranquilos em deixar seus filhos em uma escolinha, do que brincando na rua, ao saírem para o trabalho.

Aliado a estes fatores preocupantes (aumento da violência, diminuição de espaços físicos populares, omissão de grande parte das escolas no que se refere à prática do futebol/futsal), o mercado de trabalho do Campo da Educação Física, a partir dos anos 80, sofreu uma saturação muito grande, com um número extremamente grande de profissionais saindo dos cursos de graduação, muitas vezes, sem espaço de atuação.

Por tudo isto, pode-se considerar que no contexto contemporâneo das categorias de base e escolinhas, os principais fatores que foram determinantes para o rápido desenvolvimento destas estruturas nos centros urbanos, resumidamente são:

- Fracasso na Copa do Mundo de 1966;
- Tentativa de trazer o conhecimento científico para o futebol e mais tarde o futsal;
- Tendência à especialização e instrumentalização presentes no mundo moderno;
- Explosão imobiliária e conseqüente redução de espaços físicos populares;
- Ausência destes conteúdos das grades curriculares de muitas escolas;
- Aumento da criminalidade e violência urbana;
- Espaço para aumentar o campo de trabalho da Educação Física;
- Mercado para ex-atletas sem formação para exercício em outra frente de trabalho, que não o futebol e o futsal;
- O entendimento destes esportes como paixões nacionais.

Sem dúvida, outro fator de grande importância nesta análise, se refere ao fato de que o futebol e o futsal fazem parte da cultura do povo brasileiro, e a imagem de fama e fortuna no esporte de alto nível (estrelato) é muito sedutora, principalmente para crianças de origem humilde, que muitas vezes vêm no futebol uma chance de melhorar de vida.

Todos estes indicativos provavelmente contribuíram muito para que as escolinhas e as categorias de base se tornassem tão populares quanto o são na atualidade.

Outros estudos poderiam analisar, de forma mais profunda, o papel desenvolvido pela mídia neste contexto, principalmente a televisão, que exacerba ídolos e perpassa a imagem de heróis para crianças, jovens e adultos, transformando a prática esportiva em um caminho 'único', que tem a pretensão de levar desconhecidos ao estrelato, talentos ao caminho da felicidade materializada em bens de consumo e fama.

Sem dúvida, vários fatores contribuem/contribuíram para esta verdadeira invasão de escolinhas de todos os tipos e com todas as intenções, mas o que mais preocupa é o imenso descontrole sobre as suas manifestações, pois não se tem, pelo menos, um número seguro (nem estimado) sobre a quantidade de escolinhas nas diversas regiões do Brasil. Carente de critérios mais concretos, o desenvolvimento dos trabalhos dos profissionais ou leigos que atuam nestas estruturas, geralmente se dá a partir da realidade hegemônica³¹ que o esporte massificado revela.

Chega-se ao absurdo de padronizar os sistemas de jogo em determinadas categorias de base, em relação ao utilizado pela equipe profissional, a fim de que os 'futuros atletas' assimilem da melhor forma possível o sistema utilizado, visando realizar uma formatação tática, desde a base até o profissional. Conforme Souza (2001), o que muda é a medida, mas o remédio é o mesmo.

O ensino dos esportes pode proporcionar situações sublimes e competentes, mas também pode promover verdadeiras aberrações pedagógicas, descomprometidas com o ser humano, foco principal deste contexto.

Urge que se revise estas questões, e através de propostas como a deste estudo, possamos compreender melhor a realidade deste campo da educação Física, percebendo sob

³¹ Massificação, seleção, instrumentalização e especialização.

que condições as escolinhas e categorias de base existem, aonde, quais são seus métodos de trabalho e seus objetivos de desenvolvimento, entre tantos outros fatores que são extremamente complexos, exigindo constante reflexão para melhor proporcionar seu entendimento, a fim de possibilitar um (re) significado para uma concepção de esporte e de ensino.

2.7. A metodologia do ensino dos esportes coletivos

Esta abordagem se faz necessária pelo fato de o futebol e o futsal serem esportes coletivos, e como tal, principiam suas estratégias metodológicas de ensino a partir não só de práticas específicas, mas também, de práticas oriundas de outras modalidades, que compartilham alguma relação no que se refere ao contexto de desenvolvimento do jogo em si.

Conforme Reis (1994), as propostas do ensino/aprendizagem de esportes coletivos sugeridos pela bibliografia nacional, propõem basicamente o ensino através do método parcial de ensino. Desta forma, a maioria das propostas metodológicas de ensino diz respeito à fragmentação do esporte em etapas a serem cumpridas, e não como um processo, dissociando principalmente o ensino da técnica e da tática, já que o conteúdo de livros analisados pela autora em sua dissertação de Mestrado, possuía conteúdo limitado a “séries de exercícios, condutas que o professor deve ter, descrição de gestos técnicos, duração e divisão das aulas, sendo que em vários deles encontrei exemplos ou seqüências de planos de aula” (p.48).

Portanto, a fragmentação do ensino se faz presente, pelo fato de que os aspectos técnicos, táticos, históricos e culturais de uma modalidade esportiva não podem ser

descontextualizados, sendo interpretados como sendo peças que somadas, compõem o jogo. Na verdade, a soma das partes não compõe o todo, conforme abordado anteriormente.

Desta análise, pode-se citar Graça (1995), que analisa esta insistência do ensino dos esportes coletivos como partes isoladas, que privilegiam a realização de gestos motores separados de sua aplicabilidade no próprio jogo, portanto, descontextualizados.

Neste sentido, observa-se um avanço com relação ao prisma de análise, mas a concepção sobre esporte, educação, sociedade, entre outros, precisa ser melhor discutida.

Continuando com esta perspectiva de entendimento, Garganta (1995) propõe uma perspectiva de entendimento sobre como o ensino dos jogos coletivos pode ser sistematizado, a partir de quatro fases. A fase do **Jogo Anárquico**, a fase da **Descentração**, a fase da **Estruturação** e a fase da **Elaboração**.

Na fase do Jogo Anárquico, observa-se o abuso da verbalização, sobretudo para pedir a bola. Outra característica marcante é a extrema aglutinação em torno da bola e a elevada utilização da visão centralizada. Como característica marcante, evidencia-se a centralização da atenção na bola e problemas de compreensão do jogo.

Na fase da Descentração, a função dos jogadores não depende apenas da posição da bola, portanto, o jogo começa a se estabelecer de forma mais elaborada. Permanece a prevalência da verbalização e ocorre uma ocupação de espaços em função dos elementos do jogo, bem como acontece uma transição da visão centralizada para a visão periférica.

Na fase da Estruturação ocorre uma conscientização da coordenação das funções e além da verbalização, evidencia-se uma ênfase na comunicação gestual. A ocupação racional do espaço, que materializa a tática individual e de grupo, aparece de forma clara, bem como o controle das ações passa do visual para o perceptivo.

Na fase da Elaboração, as ações individuais tornam-se parte integrante da estratégia utilizada pela equipe. A ênfase na comunicação ocorre pela comunicação motora, e percebe-se uma polivalência funcional, no que se refere a coordenação das ações (tática coletiva). Com relação á bola, acontece uma otimização das capacidades proprioceptivas, de forma a proporcionar maiores condições de leitura do jogo, por parte do jogador.

Garganta e Pinto (1995), referem-se ao fato de que,

Face ao jogo de futebol, tal como em qualquer outro jogo desportivo coletivo, o problema primeiro que se coloca ao indivíduo que joga, é sempre de natureza tática, isto é, o praticante deve saber o que fazer, para poder resolver o problema subsequente, o como fazer, selecionando e utilizando a resposta motora mais adequada.

Portanto, quanto maiores forem as possibilidades de percepção das situações-problema no decorrer de um jogo, maiores poderão ser as possibilidades de resolução dos mesmos, devido a uma leitura mais ampla e precisa das situações ocorridas.

Assim sendo, o ensino dos esportes coletivos, segundo Garganta (1995), não pode ser desenvolvido apenas através de soluções impostas, ou seja, centrada apenas na técnica, pois as ações se tornam mecanizadas, e a criatividade (extremamente importante na resolução de problemas), ainda não encontrou melhor forma de se desenvolver em sua plenitude do que através de situações lúdicas de descoberta.

Esta forma de analisar o ensino dos esportes coletivos avança no sentido de desenvolvimento instrumental do ensino dos esportes, mas não pode ser considerada como uma perspectiva superatória de ensino, devido ao fato de que mantém-se restrita ao caráter específico em sua abordagem, avançando no que Kunz (1994) se refere como competência objetiva (melhoria instrumental), e contribuindo até com a competência social (integração

no grupo), mas perdendo a possibilidade de avançar na competência da autonomia (sentir-se responsável pelas situações de aprendizagem nas aulas), pois o desenvolvimento dos acontecimentos se restringe ao papel do professor e suas decisões.

Portanto, Reis (1994) conclui que a forma como o ensino do basquetebol, do voleibol, futebol e handebol são sugeridos por diversos autores (autores da literatura nacional analisados em sua dissertação de mestrado), de forma hegemônica, o ensino é elitizante, privilegiando a participação de alguns poucos alunos que dominam tanto as habilidades como as destrezas esportivas.

Conforme Kunz (1991), esta forma de desenvolvimento do esporte na escola, tratando-o como conhecimento pronto e acabado, de acordo com o esporte de rendimento, só poderá proporcionar situações de vivências de êxito para poucos e de fracasso para a maioria.

Assim sendo, torna-se imprescindível uma reformulação de princípios norteadores da prática hegemônica realizada nas escolinhas de iniciação, sob risco de cometermos dois equívocos enormes. Primeiro, no que tange a formação de futuros jogadores (mercado de trabalho), mecanizando e formatando a padronização técnica, dificultando o desenvolvimento de situações relacionadas à criatividade, sob a ordem de formar “jogadores eficientes”. Segundo, no que se refere ao esporte como meio imbuído de valores educacionais, deixa de perceber a imensa gama de valores humanos e possibilidades de “se-movimentar” (KUNZ, 1991, 1994), no que se refere ao amplo repertório de possibilidades que o futebol e o futsal proporcionam, com relação à coletividade como requisito de prática e a manifestação histórico-cultural de movimentos presentes em seus diferentes contextos.

2.8. O futsal e o futebol e seus contextos metodológicos de conteúdos para ensino

Neste momento, a abordagem foi centrada em analisar o conteúdo técnico específico do futebol e do futsal, a fim de situar nosso posicionamento frente ao arcabouço de conhecimentos relacionados à cultura do futebol e do futsal. Cabe deixar claro, que não se trata de negar este conjunto de conteúdo, mas sim, questionar e refletir sobre ele, sua prática e suas implicações, bem como possibilidades de superação.

Adaptando a proposta do ensino dos esportes no contexto escolar, sugerido pelo Coletivo de Autores (1992), podemos afirmar que o ensino do futebol e do futsal em escolinhas, mereceria uma abordagem que abarcasse diferentes aspectos, tais como:

- O futebol e o futsal enquanto jogo, possuidor de regras, normas, exigências físicas, técnicas e táticas;
- O futebol e o futsal enquanto espetáculo esportivo;
- Manifestações esportivas enquanto processo de trabalho que se diversifica e gera mercados específicos de atuação profissional;
- O futebol e o futsal enquanto jogo popularmente praticado;
- O futebol enquanto fenômeno cultural que inebria milhões e milhões de pessoas em todo o mundo, e em especial, no Brasil;
- O futsal enquanto modalidade esportiva emergente (talvez a mais praticada no sul do Brasil), que arregimenta a cada momento um número maior de admiradores.

Percebe-se, a partir destas considerações, que a preocupação dos autores se dá com os conteúdos específicos, mas também se refere ao contexto sócio-político em que o futebol

e o futsal se inserem. A alusão sobre o esporte espetáculo, esporte trabalho e jogo popular, tratando do esporte como um fenômeno cultural, merece uma análise mais profunda sobre o seu papel na estrutura de contextos de ensino do futebol e do futsal.

Um fragmento do conteúdo específico do futsal e do futebol subdivide-se em dois grupos de elementos técnicos, a fim de facilitar o aprendizado das especificidades de jogadores de quadra e dos goleiros. Desta forma, temos os elementos das Técnicas Individuais dos Jogadores de Linha e elementos das Técnicas Individuais do Goleiro (ambos subdivididos em ações com bola e sem bola), conforme elencados e apresentados sinteticamente no Quadro 4.

Quadro 4: Fundamentos Técnicos do futebol e do futsal

Técnicas Individuais dos jogadores de linha	Técnicas Individuais do goleiro
Domínio; passe; recepção; condução; drible; chute; marcação; finta; antecipação; cabeceio; bloqueio;	Empunhaduras; defesas baixas; defesas altas; arremessos/lançamentos; saídas de gol; domínio; passe; recepção; chute.

*Fonte: Literatura específica de Futsal³² e Futebol³³.

Partindo disso, os mesmos autores consideram também, como parte dos conteúdos do futsal e do futebol, os Sistemas e Manobras Básicas de Jogo. Estes elementos têm por prerrogativa básica harmonizar a seqüência do jogo, tornando-a mais funcional e sistematizada, a fim de possibilitar que cada jogador tenha suas funções, tarefas e espaços de jogo, conforme quadro 5:

³² Lucena (1998), Vozer (2001) e Saad (1997).

³³ Bauer (1978) Teixeira (1995) e Melo (1999).

Quadro 5: Sistemas e elementos táticos.

FUTEBOL	FUTSAL
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sistemas de jogo: WM, 4x4x2, 3x5x2, 4x3x3, 4x5x1, 5x4x1, 4x2x4. ▪ manobras com bola parada (escanteio, falta, lateral). ▪ contra-ataque; ▪ sistemas básicos de defesa (Individual, Zona, Mista). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sistemas de ataque: 2x2, 2x1x1, 1x2x1, 3x1, 4x0, 1x2x2. ▪ rodízio de três (p/ alas e diagonal); ▪ rodízio de quatro (pelo meio e diagonal); ▪ padrão redondo ou circular; ▪ manobras com o goleiro; ▪ manobras com bola parada (escanteio, falta, lateral, centro, saída de bola). ▪ contra-ataque; ▪ sistemas básicos de defesa (Individual, Zona, Mista).

*Fonte: Literatura específica de Futsal³⁴ e Futebol³⁵.

Os autores referendados nos quadros 4 e 5 consideram as regras do jogo como elementos específicos dos esportes futebol e futsal, colocando-as de forma paralela aos aspectos técnicos, táticos e aos sistemas de jogo. Desta forma, o corpo de conteúdos específicos do futsal e do futebol se apresenta de forma bastante ampla, mas com algumas relações básicas entre si.

Obras que analisem o futsal e o futebol em paralelo, considerando suas possibilidades de relação básica na iniciação em escolinhas, e seu distanciamento cada vez maior, no que se refere ao treinamento de excelência, não são comuns, pois se percebe uma

³⁴ Lucena (1998), Vozer (2001) e Saad (1997).

³⁵ Bauer (1978) Teixeira (1995) e Melo (1999).

segmentação, onde os autores analisam e estudam um ou outro esporte, conforme literatura específica citada nas notas de rodapé 29, 30, 31,32 e em outros momentos deste estudo.

Com relação aos setores do futebol de campo, apresenta as seguintes posições, com características básicas, conforme Quadro 6:

Quadro 6: Características básicas das posições no futebol.

Posição	Características Básicas
Goleiro	Deve defender sua meta, utilizando para isso qualquer parte do corpo, tendo como espaço de jogo a sua área. Suas características básicas são: velocidade de reação, força explosiva, agilidade e flexibilidade, bom arremessador, boa capacidade de orientação e coragem para defender sua meta.
Laterais	Jogador de defesa que atua próximo a linha lateral do campo, marcando as infiltrações do adversário por este setor. Sua função de atacante ainda não é total, mas pode se juntar ao ataque, quando em posse de bola. Há o lateral direito e o lateral esquerdo, atuando nas faixas de campo de acordo com sua posição.
Alas	Cumprem a função do lateral, com o agravante de se tornarem ofensivos de maneira mais aguda que estes, ou seja, são quase ponteiros (atacantes pelos flancos, muito utilizados até os anos 70), que tem a incumbência de chegar a linha de fundo e cruzar para a área.
Zagueiros	Jogador com boa capacidade física para disputar a bola em lances terminais, com boa capacidade de antecipação e de cabeceio. Existem o zagueiro-central (mais recuado, último homem ou homem da sobra), o quarto-zagueiro, mais avançado (primeiro combate) e o líbero, que tem a função principal de cobertura e ligação entre defesa e ataque. Boa capacidade de marcação, bom domínio de bola e senso de cobertura são características marcantes desta função.
Volantes	Jogador versátil, elo de ligação entre ataque e defesa. Misto entre defensor e atacante, tem a função básica de proteger os dois zagueiros, marcando a frente destes. Boa capacidade de antecipação, além de possuir bom passe e domínio de bola. Deve ser bom marcador e possuir bom senso de cobertura.
Armadores	Jogadores habilidosos e técnicos tem a função de dar a cadência ao jogo, aumentando ou diminuindo a velocidade deste, criando e articulando as jogadas. Boa capacidade de finalização, bom passe (longos, curtos e médios) e bom domínio de bola são fundamentais. Movimentam-se o campo todo, atacando ou defendendo.
Atacantes	Jogadores que tem a finalidade de concluir as jogadas. Podem ser de movimentação pelos flancos (direito ou esquerdo), ou mais centralizados (centroavante). Boa capacidade de domínio de bola, drible, cabeceio e de finalização são fundamentais nesta função. É importante sua movimentação sem bola, a fim de abrir espaço para infiltração de outros companheiros.

*Fonte: Autores específicos de futebol³⁶.

³⁶ Anjos (1990), Bauer (1978), Teixeira (1995) e Viana et al (1987).

Com relação aos setores do futsal, a literatura aponta para as seguintes posições, com características básicas, conforme evidenciado no Quadro 7.

Quadro 7: Características básicas das posições no futsal.

Posição	Características Básicas
Goleiro	Tem a premissa básica de defender o gol, utilizando para isso qualquer parte do corpo, tendo como espaço de jogo a sua área. Suas características básicas são: velocidade de reação, agilidade e flexibilidade, bom arremessador, boa capacidade de orientação e coragem para defender sua meta.
Fixo	Coordenador das ações de defesa podendo servir de opção em situações ofensivas, tendo como espaço básico sua meia quadra defensiva. Suas características básicas são: bom cabeceador, bom marcador, bom domínio de bola, senso de cobertura, boa capacidade de antecipação, velocidade e explosão.
Ala	Tem a função de articular as ações ofensivas e ligar a defesa ao ataque, tendo como espaço básico as laterais da quadra. Suas características básicas são: velocidade, boa capacidade de finalização, bom passe e habilidade em deslocamentos com ou sem bola, com a dupla função de atacar e defender.
Pivô	Tem como espaço básico a meia quadra ofensiva, articulando a função de distribuir as jogadas quando acionado, podendo exercer também a finalização. Suas características básicas são: agilidade, saber proteger a bola de costas para a meta do adversário, boa recepção e controle de bola e boa capacidade de finalização.

Fonte: Autores específicos de futsal³⁷.

Portanto, percebemos de forma clara, neste sentido, o referido distanciamento entre estas duas modalidades (mundo adulto de entendimento), visto que as competências

³⁷ Lucena (1998), Saad (1997) e Vozer (2001).

necessárias para cada um são bastante diferentes. Partimos do princípio de sua relação estrutural, encarando-os como *jogos de bola com os pés*, onde sua essência se mantém próxima, inclusive com seus objetivos idênticos (o gol), e as formas para alcançar estes objetivos (conduzir ou chutar a bola com os pés), conforme evidenciado no Capítulo I deste estudo.

Desta forma, através dos quadros 6 e 7, podemos perceber claramente a especificidade de cada setor ou posição de quadra, que obviamente se relacionam, interagindo umas com as outras no desenvolvimento do jogo, mas que são bastante diferentes. Assim sendo, partimos do princípio de que as crianças devem passar por um grande número de setores, descobrindo as nuances de cada posição e percebendo que o principal aspecto entre todos os setores é a articulação (sistemizada ou não) entre defender e atacar, percebendo momentos de escalonamento entre estas duas situações. Por vezes alguns atacam e outros defendem, alternadamente em diferentes momentos do jogo.

Assim sendo, a literatura deveria apontar para caminhos não só de especialidades técnicas e táticas, como geralmente se observa, mas sim, articular o amplo arcabouço de conhecimentos construídos pelo homem em sua trajetória histórica, materializando através do jogo de bola com os pés, nuances da cultura do ser humano.

Nestas abordagens, percebemos uma preocupação mais acentuada com a especificidade, já que, ao contrário do Coletivo de Autores (1992), não apresentam estratégias de contextualização dos esportes, detendo-se nos conteúdos específicos, que são de extrema importância, mas não são únicos.

Desta forma, notamos uma proliferação de obras que analisam o futebol e o futsal através de sua especificidade, mas um número ainda pequeno, no que se refere a sua contextualização pedagógica, histórica e cultural, aliando estes elementos a seus conteúdos

técnicos e táticos. Saad (1997), para exemplificar, aponta para a necessidade de contextualização entre a técnica e a tática, como relação indissociável, mas a grande maioria das obras que circulam sobre o ensino do futebol e do futsal, por mais que apresentem metodologias alternativas de ensino (por exemplo, baseadas no lúdico), ainda tratam a técnica e a tática de forma segmentada.

Nesta forma de entender a sistematização pedagógica da construção do conhecimento técnico e tático como sendo indissociáveis, podemos citar Greco (1998), onde, em um compêndio com vários autores que analisam o esporte do ponto de vista de interação entre técnica e tática, propõem a promoção de situações de resolução de problemas no desenvolvimento do jogo, através de ações técnicas e táticas. Seguindo esta linha, Chagas e Rosa (1998) no futebol de campo, e Souza e Leite (1998) no futsal, propõem o desenvolvimento de situações reais de jogo, onde através da técnica, situações em que o jogador se depara a todo o momento, são resolvidas, tornando a aprendizagem mais significativa. Os autores desenvolvem sua proposta através do que chamam de Estruturas Funcionais, ou seja, as determinações cognitivas e motoras que surgirão, mediante uma exigência estabelecida no decorrer do jogo, de acordo com o número de participantes em cada momento. Desta forma, estabelecem as determinadas estruturas, como o Quadro 8 evidencia:

Quadro 8: Estruturas funcionais.

1x0; 1x1; 1x1+1; 2x1; 2x2; 2x2+1; 3x2; 3x3; até chegar ao jogo total, com o número de jogadores de cada modalidade.

*Fonte: Chagas e Rosa (1998); Souza e Leite (1998).

As representações mostradas no Quadro 8 representam as situações de enfrentamento entre os jogadores. Estruturas Funcionais são, de acordo com Greco (1998),

Constituídas por um ou mais jogadores que, em uma situação de jogo, desenvolvem tarefas de ataque ou defesa, conforme a posse ou não da bola; nessa situação de jogo podem desenvolver situações táticas que implicam em tomar decisões executando técnicas específicas de cada modalidade.(...) O professor deverá ir colocando a seqüência de alternativas conforme o nível de maturidade dos seus alunos. Sabemos que jogar 3x3 é mais complexo que jogar 2x2 – as alternativas de combinações e opções táticas crescem à medida que se tem maior número de jogadores (p.69).

As estruturas funcionais se referem às possibilidades numéricas de desenvolvimento sistemático do ensino dos conteúdos, através de situações de enfrentamento entre um contra nenhum jogador, tendo a meta a sua frente; de um contra um; um mais um contra um; dois contra um; dois contra dois; um mais dois contra dois; três contra dois; três contra três; e assim sucessivamente. Estas situações exigem determinadas competências técnicas e táticas, que podem proporcionar um melhor entendimento sobre as situações do jogo. Estas situações, de acordo com o número de sujeitos envolvidos, passa a exigir a utilização de determinados elementos técnicos e táticos, conforme mostrado no quadro 9.

Quadro 09: Elementos técnicos e táticos para cada estrutura básica de enfrentamento.

FUNDAMENTO ESTRUTURA	ELEMENTOS TÉCNICOS	ELEMENTOS TÁTICOS INDIVIDUAIS	ELEMENTOS TÁTICOS DE GRUPO
1x0	Condução Chute	- utilização e aplicação do chute; - chutar em vários setores da meta e de diversas regiões do espaço de jogo.	- não possui.
1x1	Enfatizar os exercícios de drible e condução em diferentes direções e o chute com o pé esquerdo e direito	- executar o drible em diferentes setores.	- não possui.
1x1+1	Além das opções anteriores, o aluno poderá realizar o passe, a recepção e a tabela.	- desmarcar-se para receber o passe; - executar o passe em diferentes setores; - utilização e aplicação do drible ou do passe (curto ou longo).	- tabela (com ou sem mudança de direção, cruzando-se ou deslocando-se, etc.), de acordo com a movimentação do adversário.
2x1	Inicia-se a elaboração de conceitos de largura e profundidade.	- deslocamentos para opção de ação ao colega.	- cruzamento e bloqueio.
2x2	Ênfase na ação do drible para criar a superioridade numérica.	- ênfase na utilização da desmarcação e do passe	- cruzamento ou bloqueio com ou sem troca de marcação
3x2	Ênfase na ação do passe e deslocamento sem bola.	-abrir espaços para penetrações dos colegas e opção para receber o passe	- distribuição no espaço de jogo; - coordenação das ações entre os atacantes

* Fonte: adaptação de Souza e Leite (1998); Chagas e Rosa (1998).

Portanto, através do Quadro 9, percebemos uma tentativa diferenciada de desenvolver o ensino do futebol e do futsal, alicerçado pela contextualização em situações reais de jogo, pois conforme Greco (1998), é importante oferecer para as crianças situações de jogo (do próprio jogo, em que as tarefas/problemas sejam típicas), através das estruturas

funcionais que se apresentam, onde a idéia do jogo é sempre priorizada, conseqüentemente, o desenvolvimento da capacidade de jogo é concretizado através do ‘deixar jogar’.

No que se refere ao ensino do futebol, Garganta e Pinto (1995) consideram que o conhecimento científico é escasso e pouco consistente e as metodologias de ensino são coisa rara e as que existem constituem matéria ofensiva para aqueles que acreditam que em matéria de futebol, já está tudo inventado.

Neste sentido, os autores apontam para as “Fases do ensino do jogo de futebol” (adap. DUGRAND apud GRAÇA & OLIVEIRA, 1995), aos quais tomaremos a liberdade de adaptar e utilizar paralelamente ao futsal.

Na primeira fase de ensino, entendemos que os alunos devem ter a premissa básica de adaptação à bola, ao terreno de jogo, aprendendo a controlá-la, através da exploração de suas potencialidades. Isto configura a relação **jogador-bola**, que se refere à passagem ao conhecimento pela descoberta, onde o corpo se relacione com a bola, de forma a estabelecer uma relação o mais próxima possível.

Na segunda fase de ensino, ocorre a fase de construção de alvos, onde ofensivamente, a evolução do nível do jogo conduza a finalização, aprendendo estruturas sobre o jogo direto (conclusivo) e o indireto (esperando o melhor momento para conclusão). Deste modo, além de fixar o elemento básico para alcançar o objetivo do jogo (o gol), aprende a perceber que em determinados momentos, se torna importante o ato de lateralizar ou atrasar o jogo, fixando também, os colegas como alvo; e defensivamente, passar de uma estratégia aglomerada próxima ao gol, para uma estratégia de defesa em meio campo, senão campo todo. Nesta fase se materializa a relação **jogador-bola-colega**.

Na terceira fase de ensino, através de situações de 1x1, é proposto ofensivamente, alargar o campo perceptivo do jogador (do longe para o perto), desenvolvendo a capacidade

de conquista e de manutenção de posse de bola, bem como, situações de conflito, como as exigidas no 1x1. No plano defensivo, adquire um entendimento mais concreto do jogo, desenvolvendo as atitudes de marcação, a partir da marcação individual, até a marcação por zona. Neste momento, percebemos a relação: **jogador-bola-colega-oponente**.

Na quarta fase de ensino ocorre a relação: **jogador-bola-grupo de colegas-oponente**. Acontece um amadurecimento no que se refere às combinações e ações coletivas de ataque e defesa, ocasionando jogadas de aproximações no ataque e marcações em forma de bloco na defesa, a partir de situações de 2x2 e 3x3, sucessivamente.

Na quinta fase de ensino, o jogo adquire um caráter formal, onde através de situações de 5x5 (futsal) e 7x7, 11x11 (futebol de campo), adquire o entendimento e as soluções de problemas muito próximos do mundo adulto. Materializa-se então, a relação **jogador-bola-grupo de colegas-grupo de oponentes**, ou seja, a concepção adulta do jogo.

Portanto, a construção de situações de ensino/aprendizagem no futebol, segundo Garganta e Pinto (1995), precisa partir de uma hierarquização dos requisitos para jogar, levando em consideração, aquilo que o praticante já conhece e é capaz de fazer, e as aquisições consideradas fundamentais.

No que se refere ao aspecto da relação entre situações de cooperação e competição, os autores poderiam explicitar um pouco mais sobre seu posicionamento referente a esta relação, e formas de superação deste relativismo maniqueísta, implícito ou explícito nos ambientes de ensino do futebol e do futsal. Novamente torna-se clara a tendência a instrumentalização, que perde a possibilidade de relacionar o esporte, não a padrões oriundos do mundo adulto de alta performance, mas problematizá-lo em conjunto

com as características próprias de cada grupo, de cada contexto, onde as possibilidades de movimento não são as mesmas.

Mesmo apresentando outra perspectiva de entendimento, percebemos um limite neste redimensionamento, já que novamente a questão do desenvolvimento do futsal e do futebol se preocupa com padrões motores, conhecimento específico (técnica e tática), mas não resgatam as possibilidades de reinvenção do esporte, como se refere Assis (2001), onde evidencia sua preocupação em relacionar o esporte e uma perspectiva de entendimento político-pedagógica emancipatória, apontando para caminhos de superação no trato ao esporte, principalmente no que se refere ao meio escolar.

Castellani Filho (1998), propõe parâmetros de desenvolvimento do conteúdo esportivo (em nosso caso o futebol e o futsal):

- *Um “aprender” desvinculado da busca do rendimento físico-esportivo;*
- *Aprender percebendo a técnica como conhecimento produzido pelo homem;*
- *Perceber o movimento humano presente na técnica;*
- *Aprender para além do ato motor;*
- *Aprender regras como construções sócio-culturais modificáveis, e;*
- *Aprender a organizar os próprios jogos e competições.*

As formas de ensino dos esportes amparadas apenas pelo seu conteúdo específico, não partem do pressuposto das possibilidades de esclarecimento que o esporte pode proporcionar (quer seja do ponto de vista político, ideológico, educacional ou cultural), e o papel de alguém que se preparou para a função de professor deve estar comprometido com questões como emancipação³⁸ e esclarecimento³⁹.

³⁸ Emancipação é aqui percebida sempre como um processo.

Portanto, há a certeza de que, conforme Kunz (1994:41), “a forma de saber que leva a emancipação é, portanto um saber crítico, que tem origem no mundo vivido dos sujeitos passando pelo desenvolvimento de um saber elaborado pelo processo interativo e comunicativo num contexto livre de coerção”.

De acordo com Adorno (1995), não somos educados para a emancipação e continuamos não sendo. Continuamos sendo educados e ensinados para a manutenção, para a reprodução, para o descomprometimento e para a aceitação pura e simples dos fatos como eles são. Quando se trata então no que se refere a um esporte tão ortodoxo e tradicional como o futebol, isto se torna quase palpável.

O que percebemos com abordagens preocupadas principalmente com a instrumentalização, é que mesmo com algumas tendo o cuidado em transparecer uma idéia de contextualização e esclarecimento, o que nos parece é que ainda **não** tratam do ensino destes dois esportes de forma a analisá-los e interpretá-los como um fenômeno cultural que se manifesta em nosso País, possuidores de um arcabouço de conhecimentos teórico-práticos concreto e próprio. Os estudos sobre futebol e o futsal precisam partir do princípio da grande quantidade de prática destes, infinitamente maior que a maioria dos outros esportes, quer seja na periferia ou no centro das grandes ou pequenas cidades, nos centros de ensino (escolinhas ou escolas) ou nas áreas rurais, com pessoas de todas as classes sociais, de todas as idades e níveis de formação escolar, nunca esquecendo de sua grande popularização, bem como das razões e implicações envolvidas neste processo.

³⁹ Esclarecimento é aqui interpretado como uma interpretação de Aufklärung, onde pode ser entendida de forma sucinta como o processo pelo qual uma pessoa vence as barreiras da ignorância e do preconceito com relação às questões do homem e do mundo.

Finalizando esta abordagem preliminar,

O fim de tudo certamente só alcançaremos quando conseguirmos ensinar um esporte a nossas crianças de tal forma que as mesmas possam crescer, se desenvolver e se tornar adultas através dele, e quando isto acontecer, quando se tornarem adultas, possam praticar esportes, movimentos e jogos como crianças (KUNZ, 1994:56).

Portanto, o ensino do jogo e do esporte, como consequência de uma abordagem comprometida com a promoção do ser humano passa a ser uma prerrogativa de questionamento para as práticas pedagógicas desenvolvidas nos contextos de ensino-aprendizagem, na perspectiva de realmente, constituir um campo educacional vasto, amplo e extremamente comprometido com o desenvolvimento dos homens.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo estão descritos os procedimentos metodológicos que foram utilizados no desenvolvimento deste estudo. Em um primeiro momento, se torna relevante destacar que uma investigação que pretende estudar a prática pedagógica em um determinado contexto de ação não pode restringir-se apenas ao estudo factual do agir, mas sim, ampliar as perspectivas de observação, a fim de procurar perceber além do material, além do visível, e através de estratégias expostas a seguir, entender e analisar os elementos factuais, mas também, realizar a tentativa de perceber o que se encontra nas entrelinhas do mundo da vida.

Neste processo investigativo, o trabalho esteve constantemente apoiado por uma abordagem qualitativa para analisar as situações que se desenvolveram, baseada na observação de realidades específicas. Partindo disso, este trabalho pressupõe a valorização dos diferentes pontos de vista dos participantes, onde as informações foram descrições da realidade, fatos, pessoas, depoimentos e situações concretas.

Para Elias (1992), a finalidade essencial do processo investigativo tem sido suplantada por discussões formalizadas a respeito do método de investigação científica,

sendo que o a legitimação de uma investigação científica não é o método, mas sim a descoberta.

Portanto, teve-se a preocupação em deixar espaço para novas leituras da realidade encontrada, sem limitar nosso campo de discussão. Por isso, a análise foi desenvolvendo-se e tomando forma de acordo com evolução do processo investigativo, e obviamente, refletindo nosso possível avanço, enquanto sujeito de nosso processo de construção do conhecimento.

Caracterização do estudo

Este estudo caracterizou-se como sendo de natureza descritivo-exploratória⁴⁰, e teve por prerrogativa analisar a prática pedagógica nos contextos das escolinhas de futebol e futsal na cidade de Chapecó (SC), bem como, apontar para princípios pedagógicos que possam auxiliar na realidade estudada. As ações metodológicas desenvolvidas tiveram a premissa básica de servir de referência no construto deste estudo, e não como verdades absolutas, ou seja, tem-se consciência de que uma análise neste sentido não teve por preocupação em analisar a realidade e construir um “antídoto”, uma “fórmula mágica”, um método, mas sim, utilizar as referências da coleta de dados, nossa experiência com este campo da Educação Física e o referencial da literatura, aliados a preocupação em relacioná-los com propostas crítico-superadoras de entendimento do fenômeno esportivo presente em escolinhas de futebol e futsal.

⁴⁰ De acordo com Gil (1994), as Pesquisas Exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral acerca de determinado fenômeno, abrindo caminho para futuros estudos e Pesquisas Descritivas tem como objetivo principal à descrição de determinada população ou fenômeno, bem como suas relações.

População alvo do estudo

O trabalho foi desenvolvido em 02 Escolinhas de futebol e 04 Escolinhas de futsal, na cidade de Chapecó (SC), pertencentes às categorias Fralda e Pré-mirim⁴¹, portanto, com idade variando entre aproximadamente⁴² 06 e 10 anos. A amostra foi selecionada através de um levantamento da quantidade de escolinhas existentes no município e de um mapeamento da amostra. Foram encontradas 24 escolinhas na cidade, sendo que 12 delas, pertencem a um programa da iniciativa pública e o restante, pertence à iniciativa privada, convênios com escolas, clubes ou empresas.

As escolinhas foram selecionadas intencionalmente, a fim de possibilitar uma leitura mais ampla sobre várias tendências encontradas neste contexto. Neste sentido foram selecionadas as seis escolinhas com maior número de alunos, portanto, teoricamente mais significativas no contexto local.

Desta forma, a seguir explicita-se brevemente sobre as quatro tendências que a nossa escolha procurou contemplar, na perspectiva de tornar o estudo mais diversificado, devido a maior variação de possibilidades de percepção no momento dos procedimentos pedagógicos posteriores:

1. Categorias de Base: com vistas à formação de atletas e participação vitoriosa nas competições que participa (dois contextos analisados);

⁴¹ Categorias definidas pela Federação Catarinense de Futebol e de Futsal, que consideram a idade máxima no ano da competição para a categoria Fralda de 08 anos e para a categoria Pré-mirim de 10 anos.

⁴² Utiliza-se o termo “aproximadamente”, porque alguns alunos participantes nos contextos observados possuíam idades menores (05 anos) ou maiores (11 anos) do que as delimitações definidas por faixa-etária, de acordo com as definições das categorias, mas a maioria dos alunos estava dentro da faixa ‘recomendável’ de idade.

2. Escolinha Pública: com vistas a contribuir com a educação dos alunos, utilizando “o ensino do futebol como meio” (um contexto analisado);
3. Escolinha Privada: tem como prerrogativa principal atender bem seus “clientes”, garimpando talentos quando possível, mas sem que isso comprometa o andamento estável da ‘empresa’ (um contexto analisado);
4. Escolinha de Participação: evidencia a preocupação de utilizar o futebol como forma de contribuir no processo de desenvolvimento dos alunos, através do jogo e de menor pressão por resultados. Diferencia-se da Pública, principalmente por ser privada (dois contextos analisados).

O que se percebeu posteriormente é que as ações desenvolvidas nestes contextos, previamente definidos com a prerrogativa de serem diferenciados, não apresentaram grandes variações de procedimentos em suas aulas, como será analisado amplamente no Capítulo IV deste estudo. Mesmo que a priori, a tendência pareça diferenciada, há uma certa confusão paradigmática e epistemológica que torna as tendências perpassadas umas pelas outras, em grande parte dos momentos vivenciados durante o desenvolvimento deste estudo.

Após desenvolver estes procedimentos, o próximo passo foi entrar diretamente em contato com os coordenadores das escolinhas selecionadas, para um diálogo, onde foram apresentados os principais pontos do trabalho e encaminhada a documentação pertinente: a Carta de Apresentação (anexo 01), a Declaração de Ciência e Parecer do Coordenador da Escolinha Envolvida no Estudo (anexo 03) e uma cópia do resumo do projeto de dissertação, além de relacionar todas os horários da aula das turmas da categoria Fralda e Pré-Mirim.

Realizada esta etapa, foi organizado um roteiro para percorrer as escolinhas relacionadas. Seguindo este roteiro preestabelecido, de acordo com os horários das aulas das escolinhas (anexo 06), foram realizadas observações em determinadas aulas/treinos⁴³ das escolinhas selecionadas, em determinadas turmas pertencentes a faixa-etária de análise e uma entrevista com os professores destas. A amostra contou com aproximadamente 120 crianças e 06 professores, pertencentes a determinadas escolinhas, sendo duas de futebol e quatro de futsal. O desenvolvimento do processo de investigação procedeu de acordo com critérios estabelecidos, conforme a seguir.

Processo de investigação e procedimentos para obtenção de informações

Para que fosse possível obter maiores informações, abrindo a possibilidade de investigar o maior número de situações possíveis, nos diversos processos que tangem a linha de desenvolvimento deste estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos de obtenção de dados:

Questionário de perfil:

Após a etapa de definição da população alvo de estudo, e do encontro com os coordenadores para a apresentação dos pontos a serem abordados neste estudo e do encaminhamento da documentação necessária, os coordenadores das escolinhas

⁴³ Os horários das turmas a serem observadas foram escolhidos aleatoriamente, contemplando as 28 observações, consideradas suficientes para o desenvolvimento do estudo.

selecionadas foram contatadas para o preenchimento de um **Questionário de Perfil** (Anexo 05).

Neste Questionário de Perfil, que teve por prerrogativa básica realizar um cadastro de dados, foram contemplados alguns aspectos quantitativos e qualitativos das escolinhas, tais como, número de alunos e de professores de Educação Física, divisão por faixa etária, localização, objetivos principais, materiais e recursos didático-pedagógicos disponíveis, instalações, turno das aulas, forma de manutenção financeira da estrutura (convênio, mensalidades, patrocínio, bolsas, entre outros), tempo de existência, entre outros fatores, a fim de traçar um perfil que serviu de ponto de partida para as ações desenvolvidas a posteriori, apresentando as primeiras impressões quanto às estruturas investigadas, permitindo uma leitura preliminar concreta, sobre os contextos analisados.

Elaboração de entrevistas semi-estruturadas:

Após o contato inicial com a coordenação das escolinhas, foram contatados professores das seis escolinhas selecionadas. Neste processo foram escolhidos os professores aleatoriamente, de acordo com o número de turmas e os horários das aulas. No total, três contextos possuíam duas turmas de cada categoria, e os demais possuíam várias turmas, que foram escolhidas aleatoriamente, pelo motivo de serem compatíveis, no que se refere aos horários das aulas, para a realização das observações.

Neste procedimento, os professores tiveram a oportunidade de explicitar as intenções do trabalho, bem como, solicitar o consentimento do mesmo para iniciar o processo de observação. Neste contato inicial, foi entregue ao professor uma Carta de Apresentação (anexo 02), solicitada à assinatura do Termo de livre esclarecido (anexo 04) e

o resumo do projeto, apresentando os principais objetivos do trabalho. Também foi apresentado o roteiro preliminar dos temas norteadores da entrevista, a fim de que o professor pudesse tomar conhecimento dos temas a serem abordados.

Foram desenvolvidas então, **Entrevistas Semi-Estruturadas** (Anexo 08), com questões abertas para os professores das turmas observadas, a partir de temas geradores que foram constituindo as questões, a fim de aumentar as possibilidades de percepção do fenômeno estudado. Conforme Triviños (1987), nesta forma de entrevista, partimos de certos questionamentos, que ofereceram amplo campo de possibilidades, fruto das respostas que foram surgindo. Desta forma, o entrevistado participou concretamente dos rumos da pesquisa, através de suas experiências vividas, linhas de pensamento e concepções próprias, oriundas do conhecimento científico ou do senso comum.

Para a elaboração da entrevista semi-estruturada, foi levado em consideração, para adaptação neste contexto próprio de investigação, o trabalho desenvolvido por Azevedo (2001), no que se refere à sistematização da entrevista em quadrantes (o referido autor desenvolve sua proposta através da aplicação de questionários estruturados em quadrantes). A ênfase de investigação se deu nos seguintes quadrantes⁴⁴:

Quadrante de Entendimento do Fenômeno Esportivo: Neste quadrante, foram abordadas questões referentes ao entendimento que o professor possui sobre o esporte enquanto fenômeno de reprodução social que admite possibilidades de perpetuação e manipulação ideológica e política através dele; o esporte como produção cultural humana; o

⁴⁴ Cabe esclarecer que estes quadrantes serviram para nortear a elaboração dos temas geradores das questões a serem abordadas, mas não serão utilizados a fim de engavetar os mesmos, devido principalmente ao entrelaçamento concreto entre eles, o que torna difícil sua segmentação, devido à profunda relação percebida

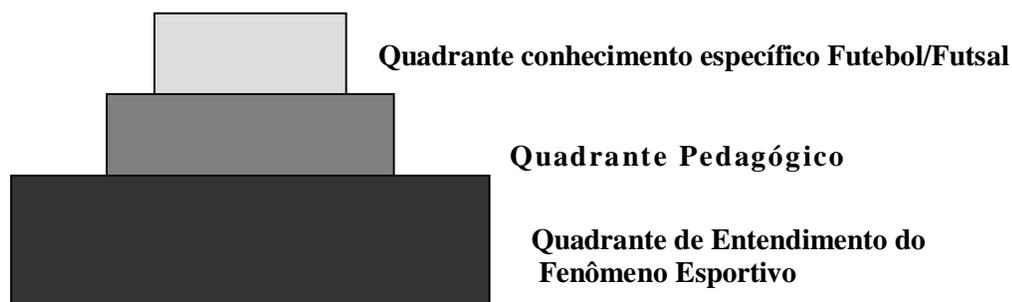
entendimento do esporte massificado e seletivo e suas possibilidades como meio educacional, bem como, as possibilidades que o esporte proporciona no auxílio do desenvolvimento e na promoção do ser humano.

Quadrante Pedagógico: no quadrante pedagógico foram levados em consideração fatores ligados às características das atividades de ensino, planejamento de conteúdos e objetivos de aulas e da escolinha, concepções pedagógicas e tendências (eixos norteadores), e preocupação em fundamentar sua prática pedagógica através de um lastro referencial teórico (AZEVEDO, 2001).

Quadrante de Conhecimento Específico do Futebol / Futsal: neste quadrante, foi abordada a forma de tratamento dos conteúdos específicos do futebol (técnica, tática, sistemas, regras, entre outros) e a metodologia de desenvolvimento das aulas, bem como, a preocupação do professor em adequar o conteúdo aos alunos, de acordo com suas capacidades, relação com eventos esportivos, participação em campeonatos e torneios, e a forma dele tratar com aspectos como seleção, instrumentalização, hierarquização, especialização e rendimento.

Para fins metodológicos, os quadrantes podem ser interpretados de acordo com a figura 2, partindo de um entendimento amplo do esporte para um conhecimento específico do futebol ou futsal:

Figura 2: Quadrantes norteadores.



*Fonte: Adaptado de Azevedo (2001).

Cabe ressaltar que, conforme Kunz (1991), não acreditamos que o ‘saber cotidiano’ possa ser obtido pelo simples questionamento direto, como um elemento quantificável e mensurável, por isso, os quadrantes apenas forneceram a linha temática essencial.

Para possibilitar um entrosamento maior entre entrevistador e entrevistado, as questões norteadoras da entrevista obedeceram à seqüência considerada mais apropriada neste contexto, onde as primeiras questões foram relativas ao Quadrante Técnico Específico, a fim de deixar o entrevistado mais à vontade, e em seguida, sobre os demais Quadrantes, evidenciando um processo de ir e vir entre os mesmos, a fim de tentar tornar a entrevista o mais informal possível e conseqüentemente, aprofundar o processo investigativo.

Este processo foi muito complexo, no intuito de conseguir respostas mais concretas, com a preocupação em não tornar o tom do diálogo constrangedor ou muito insistente. Desta forma, procuramos conduzir este processo da forma mais sutil possível, sendo que as questões não foram necessariamente a mesma para todos, caminhando de acordo com os rumos do diálogo.

Não foram realizadas as transcrições na íntegra das entrevistas, mas sim, recortes de falas e posições defendidas pelos entrevistados, a fim de nortear o processo de reflexão que se dará no Capítulo IV. Isto ocorreu pelo fato de que optamos por utilizar o exercício da audição das entrevistas (que foram todas gravadas em fita cassete), realizando o que Queiroz (1991) denomina de “exercício de memória em que toda a cena é revivida” (p.87). Cada fita (com duração aproximada de 45/50 minutos) foi ouvida pelo menos 04 vezes, o que proporcionou um exercício cansativo, mas muito interessante.

Desta forma, os recortes da realidade sistematizados no próximo capítulo, têm a função de oferecer subsídios diretamente ligados ao foco do estudo, já que não seria possível abarcar todas as dimensões que foram salientadas no processo de desenvolvimento das entrevistas, sendo necessário limitar o campo de discussão, viabilizando a realização deste estudo nas amarras do tempo previsto.

Observação e protocolo das aulas:

Este procedimento metodológico constituiu um dos principais momentos da pesquisa, pois conforme Lüdke e André (1986), possibilitou um contato bastante estreito do pesquisador com o fenômeno estudado. Neste caso, o fenômeno estudado é a prática pedagógica do professor e o trato dispensado ao conteúdo esporte.

Conforme Gil (1994, p. 106), a observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que fatos são percebidos sem qualquer intermediação.

Durante a fase de observação de cada aula, foi redigido um protocolo, organizado de acordo com o desenvolvimento da aula observada. Neste documento, foram realizadas transcrições de determinados acontecimentos da aula, considerados relevantes, conforme o

Protocolo de Observação das Aulas (Anexo 09). Através da observação, procuramos descrever os procedimentos adotados pelo professor, as estratégias de desenvolvimento dos conteúdos específicos (técnica, tática, o jogo, entre outros) e dos temas adjacentes e subjacentes (valores, relacionamento entre o grupo, atitudes de alunos e professores, relação vitória x derrota, entre outros), procurando observar também o caráter implícito presente nestas. A análise foi realizada através da escrita livre, e norteadá⁴⁵ pelos seguintes critérios:

- **Desenvolvimento da aula:**

Este espaço foi direcionado para a introdução e desenvolvimento das atividades de aula, os conteúdos trabalhados, a metodologia utilizada, enfim, os procedimentos pedagógicos e metodológicos adotados durante a observação.

- **Conduta do professor:**

Este espaço foi destinado para analisar as atitudes tomadas pelo professor diante das situações que ocorreram no decorrer da aula.

- **Conduta dos alunos:**

Quais as atitudes e posturas evidenciadas pelos alunos no decorrer da aula.

- **Conflitos e resolução de problemas:**

Anotações referentes aos problemas percebidos, bem como as propostas e encaminhamentos que levaram ou não a sua superação, ou pelo menos resolução imediata.

⁴⁵ A construção destes critérios se originou a partir de três observações ‘aleatórias’, anteriores ao processo de coleta de dados, que tiveram por prerrogativa básica servir de orientação para a estruturação de algumas premissas básicas para as observações. Houve a preocupação em nortear as observações através destes critérios e não prender-se demasiadamente a eles, deixando espaço para possíveis surpresas.

- **Relações na turma:**

Como acontecia o relacionamento entre os alunos e o professor, os alunos entre si e o professor com os alunos, bem como suas inter-relações.

- **Espaço para o desenvolvimento da criatividade e autonomia:**

Oportunidade de superar apenas as informações recebidas e demonstrar sua interpretação dos conteúdos desenvolvidos, bem como, utilizar sua capacidade de autonomia e decisão, auxiliando no desenvolvimento da aula, exercitando a dimensão de ‘ser criativo’.

- **Espaço para novas leituras:**

No decorrer das observações, outras informações e novas formas de interpretar os acontecimentos puderam ser desenvolvidos, evidenciando nossa aprendizagem neste processo, portanto, deixando espaço para novas interpretações e leituras.

Através disso, procuramos detectar os problemas que surgiram no desenrolar das aulas e quais foram as atitudes tomadas por professor e/ou aluno e quais as conseqüências imediatas. Em suma, foi uma forma de registrar as primeiras impressões e os acontecimentos mais importantes das aulas, os procedimentos adotados pelo professor, bem como problemas ocorridos nestas. Cabe ressaltar que em momento algum pretendemos o distanciamento das situações que foram desenvolvendo-se, procurando uma postura “neutra”, pois conforme Demo (1989), as observações obrigatoriamente passarão pelo prisma de conceitos e valores defendidos por quem observa e interpreta um determinado fenômeno, portanto, nunca neutras. Reforçando este aspecto, Assmann⁴⁶ afirma que mais

⁴⁶ Hugo Assmann escreveu o prefácio do livro *O prazer da produção científica: Diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos* - Azevedo, Israel Belo de (1997) 5^a. Edição. Piracicaba: Unimep.

do que nunca, qualquer pretensão de neutralidade no processo do pensamento é ilusória, pois pensar é sempre posicionar-se.

O principal inconveniente do processo de observação está no fato de que a presença do pesquisador poderia provocar alterações no comportamento dos sujeitos envolvidos, comprometendo a espontaneidade dos mesmos. Estas possíveis alterações foram levadas em conta no processo de investigação, e percebeu-se que isto provavelmente não interferiu no processo, já que os alunos se mostravam-se muito à vontade no desenvolver das aulas/treinos.

As observações aconteceram nas seis escolinhas selecionadas, dentro dos respectivos horários de aula/treino, nas categorias Fralda (FR) e Pré-Mirim (PM). Cada escolinha de futebol e futsal selecionada passou pelo processo de observações na categoria Fralda e na categoria Pré-Mirim, com as mesmas turmas e com o mesmo professor. Ao total, foram realizadas 28 observações nas seis escolinhas analisadas, durante três semanas, consideradas perfeitamente suficientes para permitir o desenvolvimento deste estudo. Este número foi considerado suficiente não pelo fato de serem 28, mas sim, pelo fato de que as ações desenvolvidas em todos os contextos estavam se tornando muito repetitivas.

Cabe lembrar que as observações não foram utilizadas com o intuito de ‘convalidar’ uma verdade, mas sim, apontar para alguns indicativos sobre realidades contextuais específicas e suas peculiaridades, bem como auxiliar na reflexão sobre a prática pedagógica desenvolvida, a possível e a utópica.

Análise interpretativa das informações obtidas

Após a realização das etapas anteriores, realizamos a análise interpretativa das informações obtidas com as observações, contidas nos protocolos, e as informações das entrevistas, traçando um caminho norteador para a construção de princípios pedagógicos, a fim de contribuir com a realidade dos contextos analisados. No decorrer da análise realizamos um contraponto entre o desenvolvimento das aulas, o discurso dos professores entrevistados, e os dados coletados no Questionário de Perfil.

Análise e interpretação, apesar de conceitualmente distintos, aparecem estreitamente relacionadas, pois conforme Gil (1994:166):

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposta para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente conhecidos.

Portanto, as análises buscaram fornecer respostas e também apontar caminhos para novas investigações, e conforme Demo (1989), sem perder o caráter lógico, teve-se a preocupação de compreender e questionar a face social dos problemas.

Após a obtenção das informações investigadas, conforme Rudio (2000), este processo de análise interpretativa tem por prerrogativa básica organizar e ordenar os dados obtidos, começando o processo pela classificação.

De acordo com Bardin (in TRIVIÑOS, 1987:160), a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das

mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens.

Neste conceito, percebemos uma alusão ao processo de investigação quantitativo. Neste sentido, tivemos a intenção de extrapolar esta premissa, observando o cuidado de analisar dados da realidade implícitos e explícitos, procurando nas entrelinhas dos dados obtidos.

Desta forma, conforme Demo (1989), é preciso conviver com o fenômeno, ultrapassando o limiar de visitante. Para isso, é preciso vivenciar o fenômeno, tornando-se parte aceita dele. Com o desenvolvimento dos procedimentos metodológicos, e nosso avanço intelectual, as estratégias de ação foram desenvolvendo-se, materializando-se de acordo com as atitudes dos pesquisadores e das estruturas que foram analisadas, conforme a seguir.

CAPÍTULO IV

UMA ANÁLISE SOBRE ESCOLINHAS DE FUTEBOL E DE FUTSAL A PARTIR DA LEITURA E DA COMPREENSÃO DE CONTEXTOS ESPECÍFICOS

4.1. Sobre o perfil dos contextos de ação estudados...

Neste momento, se faz necessário uma breve descrição de algumas informações que possam servir para tornar mais claro o entendimento sobre os contextos onde as informações foram obtidas, lembrando que estes contextos serviram de **referência**⁴⁷ para o desenvolvimento deste estudo, e não como uma verdade absoluta, já que questões relevantes analisadas neste estudo poderiam estar presentes ou não, em escolinhas e categorias de base do restante do país. O processo de desenvolvimento do estudo procura apontar para caminhos que levem a um entendimento sobre a estrutura contemporânea, para conseqüentemente, possibilitar uma reflexão sobre possibilidades de reestruturação,

⁴⁷ O termo **referência** procura deixar claro que os contextos estudados possuem suas peculiaridades regionais, locais e que outras regiões do Brasil podem apresentar ações e tendências diferenciadas, com características próprias, portanto, não temos a pretensão de rotular o trabalho desenvolvido em outros contextos de acordo com as informações obtidas neste estudo. Desta forma, as informações obtidas serviram como ponto de partida e não como verdades absolutas.

de modo que se pode afirmar que os contextos específicos analisados foram o ponto de partida para as considerações que se sucedem neste capítulo.

As escolinhas foram selecionadas, conforme abordado no Capítulo III, a fim de possibilitar uma leitura mais ampla sobre várias tendências encontradas neste contexto. Procurou-se contemplar quatro tendências⁴⁸ bastante encontradas nas diversas propostas desenvolvidas, de forma hegemônica, devido a maior variação de possibilidades de percepção no momento dos procedimentos pedagógicos posteriores.

O que se percebeu posteriormente é que as ações desenvolvidas nestes contextos, previamente definidos no Capítulo III, com a prerrogativa de serem diferenciados, não apresentaram grandes variações de procedimentos, mesmo que a priori, a tendência pareça diferenciada, há uma certa confusão paradigmática e epistemológica que torna as tendências perpassadas umas pelas outras, em grande parte dos momentos vivenciados durante o desenvolvimento deste estudo.

Desta forma, não pretendemos rotular os contextos, pois suas diretrizes, em muitos momentos, se confundem. O que se pretende a seguir é exatamente ampliar a perspectiva de entendimento baseada em um simples rótulo, e avançar na compreensão dos contextos estudados através de uma descrição básica das principais características de cada um deles, conforme a seguir:

- **Contexto de ação A:**

A Escolinha de futebol de campo denominada “A”, tem sede no centro da cidade e desenvolve seu trabalho em um campo conveniado/alugado com outra instituição para o

⁴⁸ Categorias de Base, Escolinha Pública, Escolinha Privada, Escolinha de Participação.

desenvolvimento das aulas. É uma escolinha privada, onde os alunos pagam mensalidades, e possui um coordenador com formação de nível superior, mas não na área de Educação Física. A escolinha conta com três professores, sendo um ex-atleta e dois com nível superior (em outras áreas). As categorias oferecidas são as seguintes: Fralda (FR - 06/08 anos); Pré-Mirim (PM - 09/10); Mirim (MIR - 11/12); Infantil (INF - 13/14) e Juvenil (JUV - 15/17). O número de alunos matriculados gira em torno de 250, sendo 60 alunos da categoria PM e 20 alunos da categoria FR. As aulas/treinos acontecem duas vezes por semana, com uma hora e meia de duração, e uma aula/treino extra aos sábados, onde os mais aptos são contemplados com um horário de treinamento a mais. Possui um campo de futebol em dimensões reduzidas para as aulas/treinos e uma grande quantidade de material específico do futebol (cones, bolas, coletes). Não foi apresentado nenhum documento escrito sobre a proposta da escolinha.

▪ **Contexto de ação B:**

A Escolinha de futsal denominada “B” tem sede no centro da cidade, com aulas/treinos no mesmo local. Conveniada com um estabelecimento de ensino, também apresenta um caráter privado, onde os alunos pagam uma mensalidade. O coordenador possui graduação e especialização em Educação Física e a escolinha conta com três professores (um formado, com especialização na área, e dois acadêmicos do curso de Educação Física). A escolinha possui as categorias Fralda (06/08), Pré-Mirim (09/10) e Mirim (11/12), apresentando um total de 120 alunos, sendo 45 da categoria PM e 35 da categoria FR. As aulas/treinos acontecem duas vezes por semana (uma com duração de 01 hora e a outra com duração de 02 horas) e acontecem nos dois ginásios que a escolinha tem

acesso, e há um grande número de materiais específicos. Não foi apresentado nenhum documento escrito sobre a proposta da escolinha.

▪ **Contexto de ação C:**

A Escolinha de futsal denominada “C”, pertence a um clube social situado no centro da cidade, com aulas/treinos no mesmo local e também em um ginásio localizado em um bairro da cidade. Também exige pagamento de mensalidades, com concessão de algumas bolsas. O coordenador é membro da diretoria do clube e possui graduação e pós-graduação em outra área. A escolinha conta com quatro professores, sendo um acadêmico de Educação Física, dois com formação acadêmica em outra área e um que possui o II Grau completo e realiza o processo de credenciamento determinado pelo CREF⁴⁹. A escolinha possui em torno de 150 alunos, oferecendo turmas nas seguintes categorias: Fralda (06/08 anos); Pré-Mirim (09/10); Mirim (11/12); Infantil (13/14) e Infante (15/16). A categoria FR possui 40 alunos e a categoria PM possui 25 alunos, onde as aulas/treinos ocorrem duas vezes por semana com duração de 01 hora cada, onde os alunos mais aptos têm um período de treinamento a mais na semana, na equipe da categoria. As aulas/treinos acontecem em um ginásio no centro e algumas, em um ginásio localizado em um bairro, e há grande quantidade de materiais específicos. Foi apresentado um documento escrito sobre a proposta da escolinha, com algumas informações relevantes sobre a proposta desenvolvida, dados estatísticos do clube e da cidade, com resultados obtidos em outras competições e perspectivas para o futuro. O documento tem por finalidade apresentar a

⁴⁹ Conselho Regional de Educação Física.

estrutura e alguns dados preliminares para um futuro parceiro. O objetivo principal é “incentivar crianças, jovens e adolescente à prática do esporte”.

▪ **Contexto de ação D:**

A Escolinha de futebol de campo, denominada “D”, é de caráter público, pertencente a um projeto que contempla outras modalidades esportivas. O projeto conta com quase 800 alunos, entre 07 e 15 anos, e acontece nos bairros da cidade. Este contexto específico, onde se realizaram as observações, apresenta-se em um bairro distante do centro da cidade, localizado na periferia e possui um número que gira entre 15 e 30 alunos, inclusive algumas meninas. Neste caso não há o pagamento de mensalidades, e as aulas acontecem duas vezes por semana com 02 horas de duração cada. Com relação às categorias, as aulas observadas contavam com alunos com faixa etária entre 07 e 10 anos, portanto, FR e PM com aula no mesmo período. Na verdade, a mescla entre as categorias FR e PM se deu, não por motivos pedagógicos, mas sim, devido ao fato de que a turma, se separada, não teria alunos suficientes. O diretor da escolinha possui graduação e especialização em outra área, e o professor desta turma possui graduação e especialização em Educação Física. As aulas/treinos acontecem em um campo de futebol com dimensões oficiais, e há um grande número de bolas e coletes. Foi apresentado um documento escrito sobre a proposta da escolinha, contendo de forma resumida suas diretrizes básicas. Neste documento, mesmo de forma superficial, constava o objetivo, conforme a seguir: “Proporcionar o acesso às crianças e adolescentes de 07 a 15 anos ao conhecimento da prática da atividade física, bem como sua socialização através do esporte nos diferentes espaços e modalidades”. Vale destacar que o aluno poderia optar também, em participar de

outras modalidades esportivas (basquete, atletismo, handebol, entre outras), que pertencem ao mesmo programa.

▪ **Contexto de ação E:**

A Escolinha de futsal denominada “E”, é de uma associação de funcionários de uma empresa, que possui caráter privado, exigindo o pagamento de mensalidades. Localizada em um bairro próximo ao centro da cidade, desenvolve suas aulas em um ginásio, no mesmo local. A escolinha contempla as categorias Fralda (06/08), Pré-Mirim (09/10), Mirim (11/12) e Infantil (13/14) e possui em torno de 115 alunos, sendo 17 da categoria PM e 20 da categoria FR. Os professores das turmas são em número de três, sendo um acadêmico de Educação Física (que é o coordenador da mesma), e dois com o II Grau completo. As aulas/treinos acontecem duas vezes por semana com 01 hora de duração cada, sendo que os mais aptos são contemplados com uma aula/treino a mais na semana. As aulas/treinos acontecem em um ginásio, onde há grande quantidade de material específico. Não foi apresentado nenhum documento escrito sobre a proposta da escolinha.

▪ **Contexto de ação F:**

A Escolinha de futsal denominada “F” é de um clube social situado no centro da cidade, com aulas no mesmo local, em um ginásio localizado em um bairro e outros dois ginásios localizados no centro da cidade e exige pagamento de mensalidades. O coordenador possui graduação em outra área. A escolinha conta com quatro professores, sendo dois graduados em Educação Física e dois sem formação acadêmica, sendo que um destes se encontra em fase de habilitação via credenciamento CREF. A escolinha possui em torno de 280 alunos, oferecendo turmas nas seguintes categorias: Fralda (06/08 anos);

Pré-Mirim (09/10); Mirim (11/12); Infantil (13/14), Infante (15/16), Juvenil (17/19) e possui uma equipe de alto rendimento na categoria adulto. A categoria FR possui 64 alunos e a categoria PM possui 68 alunos, onde as aulas/treinos ocorrem duas vezes por semana com duração de 01 hora ou 01 hora e 15 minutos cada, onde os alunos mais aptos têm uma aula/treino a mais na semana, na equipe da categoria. As aulas/treinos acontecem em dois ginásios, e há grande número de materiais específicos. Não foi apresentado nenhum documento escrito sobre a proposta da escolinha.

4.2. Sobre a documentação dos objetivos e diretrizes dos contextos de ação...

Neste tópico, iremos abordar uma questão que não é levada em consideração, por grande parte da realidade de escolinhas de iniciação: a constituição de um projeto que contenha, entre outros pontos, os objetivos que irão nortear as ações desenvolvidas e posições defendidas na prática pedagógica.

Não se sustenta um trabalho que anda de acordo com o vento, onde as posições defendidas em um momento são negadas em outro. Por este motivo, percebemos que a esta questão não é dispensada a atenção necessária por parte da maioria das escolinhas. Na entrevista podemos perceber que, a materialização de um projeto ou documento que contenha os objetivos e perspectivas de desenvolvimento do trabalho empreendido nas escolinhas ainda está muito longe da realidade, pelo menos de forma generalizada, onde o contrário pode ser tratado como exceção.

Apenas duas escolinhas analisadas apresentaram um documento contendo suas diretrizes gerais. O professor da escolinha D, exatamente uma das que possuía um documento (bastante superficial, mas já se trata de um princípio), afirmou que “Deve ter

sim”, mas nada sabia sobre ele, como se este documento não fosse importante para o desenvolvimento de seu trabalho. As demais escolinhas (exceção do contexto C) não apresentaram nenhum esboço ou perspectivas de documentar suas diretrizes gerais.

Mesmo as escolinhas C e D, que apresentaram um documento, não podem considerá-lo como sendo um Projeto Político e Pedagógico, pois parecem se adequar mais a um panfleto de propaganda ou de atividades desenvolvidas, com alguns objetivos superficiais, dados estatísticos e breves comentários, sem a devida profundidade.

Todos os professores acharam “uma boa idéia”, e admitiram que a ausência de um documento como este se trata de um lapso, um problema que não conseguem solucionar, devido a questões como falta de tempo, excesso de atividades, entre outros.

Por este motivo, os objetivos definidos pelos professores são, às vezes, confusos e contraditórios, pois se percebe boas intenções, mas desprovidas de algo que proporcione o alicerce de suas prerrogativas. Admitiram que dentro do mesmo contexto, quando há mais de um professor, cada um desenvolve sua forma de trabalhar. Não há uma demarcação de território com relação aos objetivos, pois se pode perceber que as afirmações estão recheadas de senso comum e perspectivas pouco aprofundadas de entendimento sobre os objetivos quanto a este tema, conforme trechos recortados das entrevistas:

Prof. A: “Trabalho de base para formar o cidadão”;

Prof. B: “Trabalhar eles num todo, recreação”;

Prof. D: “Trabalho voltado para o social”; “Incentivar o aluno-atleta a fazer uma atividade física”;

Prof. E: “Tirar eles da rua, ensinar que eles aprendam e que todo mundo jogue”;

Prof. F: “Despertar o gosto pela atividade física e a socialização”; “O aluno tem que aprender a se comunicar, a respeitar seu adversário, que muitas vezes é seu colega”;

Outro aspecto que se percebeu foi que a maioria das escolinhas possui dois contextos específicos diferenciados, os quais eles chamam de “escolinha” e “equipes de competição”. Desta forma, os objetivos destacados nos recortes anteriores, parecem ser os objetivos das escolinhas, e os objetivos das equipes (muitas vezes independente da categoria/faixa etária) não são muito diferentes dos princípios apontados e questionados por vários autores (seletividade, especialização, hierarquização e sobrepujança). Duas das escolinhas admitiram que nos primeiros meses realizam uma triagem (contexto B e F), com o objetivo de classificar os alunos para o desenvolvimento durante o ano. Anteriormente, foi feita referência ao termo “escolinhas” e “categorias de base”, que podem ser perfeitamente enquadradas na terminologia apresentada por estes contextos (escolinha e equipe).

O professor C afirmou estar tentando “mudar a filosofia”, mas admitiu que “quando chega o jogo, é difícil de manter esta postura, pois a pressão é grande”.

Percebemos uma preocupação no discurso dos professores em reforçar a atenção com o aspecto lúdico, mesmo que posteriormente, no desenvolvimento das aulas, durante as observações, pouco se percebeu sobre momentos de ludicidade.

Finalizando este tópico, a construção de um documento que definisse uma linha que apontasse o norte do trabalho desenvolvido nas escolinhas, seria o primeiro passo na tentativa de clarear as dúvidas que pairam no discurso que aborda sobre estas propostas. Além de tudo, tal produção, seria ainda uma âncora e uma retaguarda valiosa para os

professores, em possíveis conflitos, que como em qualquer outro contexto profissional, pode surgir cotidianamente.

Portanto, a demarcação de territórios é importante demais, a fim de que exista uma tendência e um norte, que possa servir para ajustar as velas, em momentos de tempestade ou de bonança, que sejam constantemente reavaliados, aumentando a legitimidade do trabalho desenvolvidos nestes contextos.

4.3. Sobre o desenvolvimento das aulas com relação ao ensino do conteúdo técnico específico do futsal e do futebol (regras, técnica, tática)...

Através das observações, percebemos que a condução das aulas se dá basicamente através de exercícios e procedimentos pedagógicos que envolvem os fundamentos técnicos. Basicamente os fundamentos são ensinados de forma separada (método parcial) e após são colocados em jogos recreativos ou não, por partes, até chegar ao jogo final, comprovando a referência ao estudo de Reis (1994), conforme abordado no Capítulo II. Os argumentos para agir desta forma são variados, tais como os seguintes registros das entrevistas:

Prof. A: “A gurizada tem que saber das regrinhas do jogo”;

Prof. B: “É um dilema”;

Prof. C: “Procuramos fazer um trabalho diferenciado do que nas equipes. Procuro utilizar o conteúdo para conquistar os alunos. Deixá-lo consciente das regras do jogo. Utilizar atividades técnicas, não se atendo ao aspecto tático”.

Prof. D: “Atuo como todo mundo dá, para que quando há competições, aumente a auto-estima deste atleta a fim de que se saia bem”;

Prof. E: “Fica difícil trabalhar outros conteúdos, pelo pouco tempo”;

Desta forma, percebemos que a prática mais desenvolvida gira em torno de uma perspectiva tradicional de ensino, onde o conhecimento é centralizado nas mãos do professor e o aluno passa a ser percebido como receptáculo do saber.

Há uma preocupação muito grande em ensinar o futebol e o futsal, tratando-os como esportes diferentes, apontando para suas especificidades o mais cedo possível. Realmente, nestas perspectivas de entendimento, um trabalho como este, que analisa o futebol e o futsal dentro de uma perspectiva de semelhanças, partindo do princípio de “jogo de bola com os pés”, tem difícil aceitação, pois no alto nível, é claro que estes esportes são diferentes.

As ações que se desenvolvem nestes contextos estão muito ligadas ao aspecto técnico (fundamentos), com a complementação do aspecto tático presente em manobras de campo ou de quadra (movimentações individuais e coletivas).

Geralmente, conforme as observações comprovaram, há um aquecimento (quase sempre iniciado por uma sessão de alongamento), um espaço para um treino técnico de fundamentos (geralmente descontextualizados de situações reais de jogo), um coletivo orientado e um coletivo com menos orientações.

Isto evidencia uma fragmentação muito grande, onde os conteúdos são engavetados, e ao aluno cabe juntar as diversas ilhas de conteúdos a que é submetido, sendo ainda pressionado durante os jogos para que realize esta transferência da forma mais eficiente possível.

Das escolinhas analisadas, o Contexto A não possui professores de Educação Física, os Contextos B, D e F possuem pelo menos um professor de Educação Física e os Contextos C e E possuem um acadêmico de Educação Física. Assim sendo, mesmo com a influência da Universidade, prepondera o modelo tradicional oriundo do treinamento de adultos. Inclusive até o alto nível, já está em parte, abandonando o simples treinamento fragmentado, procurando colocar o atleta frente a diversas situações de jogo, que são reproduzidas ao máximo nos treinos, através de um entrelaçamento entre as várias dimensões do futebol e do futsal. Desta forma, há de se repensar esta prática perpassada de geração a geração.

4.3.1. Novamente a relação entre teoria e prática...

A fim de avançar com a discussão iniciada no Marco Referencial Teórico, percebemos a importância de traçar alguns pontos referentes à relação entre teoria e prática, partindo do ponto de vista dos professores que atuam com escolinhas de futebol e futsal.

Ficou claro, de acordo com as entrevistas e as observações, que há um entendimento muito superficial, sobre esta relação. Os depoimentos convergem para um não esclarecimento sobre esta temática, conforme a seguir:

Prof. A: “A teoria te dá um lado científico, mas a prática proporciona um entendimento sobre o que o jogador está sentindo, mas a teoria é muito fundamental”;

Prof. D: “Nós temos muita teoria, muita coisa teórica, embasado em fulano, beltrano, mas a realidade é outra”;

Prof. E: “É difícil eles assimilarem, pois são muito novos. Na prática a gente tenta fazer caminhando, devagar, para na hora da prática eles fazerem legal”.

Prof. F: “A parte teórica era muito esquecida, hoje o profissional de EF se preocupa com esses **atletas**⁵⁰, a parte psicológica está mudando”;

Partindo destas formas de entendimento, nota-se que há uma forte tendência dicotômica, entre teoria e prática. Até há no discurso uma alegação de importância referente à teoria, mas que cai no senso comum após argumentos tais como: “Nós temos muita teoria (...), mas a realidade é outra”, “A teoria te dá um lado científico, mas a prática proporciona um entendimento sobre o que o jogador está sentindo, mas a teoria é muito fundamental”. Não serão abordados novamente, argumentos que se desenrolaram já no Capítulo II, no tópico “Reflexões acerca da teoria e prática na educação física e no esporte”, mas se torna importante perceber que a relação entre teoria e prática necessita de maior discussão neste meio.

No caso específico do futsal e do futebol, a forte impressão que ficou, deixa claro uma perspectiva de entendimento sobre estas questões, onde os aspectos técnicos (motores) são de utilização exclusiva dos jogadores e os aspectos táticos (elaboração de movimentações a partir do plano das idéias) são de responsabilidade do professor/treinador.

O homem, como um “ser no mundo” é uma presença corporal, onde o pensar é tão corporal quanto o correr, ou conforme Kunz (1994), não pode haver distinção nesta questão, que hegemonicamente se refere, por exemplo, ao jogo como parte da chamada cultura corporal e a leitura, como parte da chamada cultura intelectual.

⁵⁰ Grifo nosso: os referidos atletas são crianças entre 08 e 10 anos.

Portanto, há de se retomar uma discussão que já deveria estar superada há muito tempo. O homem é um ser que se relaciona com os outros e com o mundo a partir de várias possibilidades, que em hipótese alguma ficam encaixotadas, esperando o momento de serem requisitadas. Ou seja, em um jogo de futebol, as ações acontecem paralelamente à capacidade de leitura e decisão do jogador. Ou seja, as ações técnicas estão intimamente ligadas as ações táticas. Por exemplo, o drible está intimamente ligado a questão da leitura das oportunidades e resolução de problemas durante cada situação, não dependendo então, exclusivamente de um ato motor para ser realizado, conforme será analisado a seguir.

4.3.2. Sobre a relação existente entre técnica e tática...

Novamente a concepção dualista de ser humano se faz presente, onde a técnica é enfatizada durante as aulas e a parte tática é considerada inadequada para o desenvolvimento durante as mesmas, embora ocorram exemplos marcantes sobre a execução de manobras coletivas em aula, conforme será abordado mais à frente. As argumentações a seguir exprimem de forma bastante clara a concepção que norteia o entendimento sobre estas questões. Estas colocações fazem parte do repertório de grande número de professores de escolinhas de futebol e futsal em nosso país, e foram transcritas das entrevistas realizadas nos contextos analisados;

Prof. A: “A tática vai da cabeça de cada jogador, de cada treinador, a técnica vem da cabeça do guri (...) existiria uma relação muito grande entre as duas, desde que se tivéssemos as peças certas para colocar dentro do campo”;

Prof. B: “No FR, a gente não cobra muito na parte tática, apenas tenta posicioná-los, de acordo com suas características”;

Prof. C: “A técnica é do jogador. Dá para aperfeiçoar e tem relação com a habilidade da criança. A parte tática se refere ao aspecto do professor e da postura que a equipe irá manter no jogo”.

Prof. D: “A tática, como a escolinha é para um lado social, de atividade física, eu acho que se dispensa”; “Já tem o trabalho de aula para pensar, fazer pesquisa, eles já acham difícil, a gente sabe, e se vai começar a colocar na cabeça deles que o futebol é um tabuleiro de xadrez, que na realidade no profissionalismo existe isso,...”; “Associar a técnica e a tática em nossas escolinhas não daria certo”; Prof. E: “A técnica vem do próprio aluno e o professor é quem determina que vai fazer. A técnica, na hora de um drible, é o aluno que decide. Orientando algumas movimentações para facilitar o desempenho dos alunos”;

Prof. F: “Tática é uma coisa que você vai introduzir quando o aluno estiver apto, dependendo do grupo que a gente tem na mão, isso nas equipes de competição, pois nas escolinhas ela praticamente inexistente no FR e um pouco no PM”;

Portanto, nota-se uma certa confusão entre os conceitos de tática e de sistemas de jogo. Sistema de jogo se trata da distribuição dos jogadores em campo ou quadra e a tática trata da perspectivas de leitura do jogo, que são fundamentais para desenvolver ações individuais e coletivas, previamente combinadas ou não. Na verdade, dentro de uma perspectiva de totalidade do ser humano, a técnica e a tática são tão indissociáveis quanto à relação entre teoria e prática.

Se realmente entendemos o ser humano como uno e indivisível, não se torna possível dicotomizar a relação entre técnica e tática. Podemos esclarecer esta relação, através de um exercício metodológico: o aspecto técnico, para fins metodológicos, pode ser

representado pelo ato motor, e o aspecto tático, também para fins metodológicos, como sendo de natureza cognitiva. Ora, se esta relação fica clara, como podemos segmentar a relação entre o ato motor e a natureza cognitiva do ser humano, compartimentalizando estes aspectos em aulas ou treinos técnicos e aulas ou treinos táticos?

Conforme abordado no tópico anterior, torna-se claro que as relações do homem para com o mundo se dão em sua totalidade, através das relações, do movimento, do pensamento, enfim, das mais variadas manifestações dialógicas presentes no ser humano. Assim sendo, ler pode ser tão corporal quanto nadar, e jogar futebol pode ser tão intelectual quanto jogar uma partida de xadrez. Vários autores, tais como Graça (1995), Aranha (1995), entre outros, afirmam que o primeiro problema que se apresenta no jogo de futebol e futsal, é de natureza tática, ou seja, como superar o problema da marcação, da relação tempo-espaco ou do fundamento técnico que será utilizado para dominar a bola. Também discordamos desta perspectiva de entendimento, pois o que deve ficar claro é que a percepção/ação ocorre em uma simbiose que não necessariamente acontece através de uma perspectiva linear, mas sim, em uma simultaneidade dialética.

Neste espaço, procuramos avançar um pouco mais com as análises iniciadas no Capítulo II deste estudo, onde realizamos uma relação entre estas questões no tópico 2.8. “O futsal e o futebol e seus contextos metodológicos de conteúdos para ensino”. Desta forma torna-se cada vez mais claro que questões de entendimento como estas apresentadas tornam os processos de ensino-aprendizagem muito mais complexos do que parecem, em uma simples análise superficial, comprovando a extrema importância de um lastro referencial que de suporte as ações e posições defendidas, conforme tópico a seguir.

4.3.3. A prática pedagógica e sua relação com a necessidade de um lastro referencial teórico...

Neste momento, será abordada uma questão muito delicada sobre a perspectiva de legitimar a prática pedagógica desenvolvida com um lastro referencial teórico que ofereça suporte aos pressupostos defendidos.

Sobre esta questão, ao que parece são poucos os professores que tem por prerrogativa o hábito da leitura, de acordo com os recortes de depoimentos logo abaixo:

Prof. B: “Nós temos pouca literatura no Brasil, quando eu precisava de algum embasamento maior, eu ia para a literatura espanhola, pela facilidade na língua, fitas de vídeo. A gente procura ler, fazer cursos, mas isso não é tudo, pois a experiência te dá muito”.

Prof. D: “Cada dia é um aprendizado, e se repetir um exercício, eles exigem coisas novas”; “Até na televisão, quando aparece algum treinamento novo de equipe, a gente observa coisa nova, apesar de que não muita, pois os exercícios de futebol, praticamente sempre são o mesmo”;

Prof. E: “Utilizo mais o conhecimento do mundo vivido, algumas vezes a gente dá uma lida”;

Por outro lado, também percebemos profissionais que tem por premissa o hábito da leitura, conforme a transcrição a seguir:

Prof. F: “Tenho o hábito de realizar várias leituras, de livros que vão pra escola. Gosto muito de livros que tratam da parte pedagógica, porque a gente tem uma preocupação muito grande”.

Parte destas afirmações, sem dúvida, é fruto de um entendimento fragmentado da relação entre teoria e prática, mundo vivido e mundo teórico, entre outras contradições, já que percebemos poucos professores engajados em ler, aprender novas estratégias, produzir conhecimento e principalmente, abrir-se para novas possibilidades de trabalho, que não só a prática passada de geração a geração.

Conforme abordado anteriormente, mais uma vez se percebe, quando muito, a busca do “como fazer”, tendo a preocupação de instrumentalizar suas ações, deixando de lado, questões como a problematização teórica como intervenção concreta no mundo.

Como em qualquer área do conhecimento humano, a leitura e o ato de estudar não podem ser encaminhados somente para o plano dos conteúdos direcionados ao processo de instrumentalização, sob o risco de se perder questões mais amplas e acabar sendo sufocado por uma fragmentação do conhecimento. O conhecimento técnico-específico é por demais importante, mas não é único, sendo imprescindível que os atores destes contextos procurem compatibilizar leituras mais específicas (Greco, Lucena, Ferreti, Vozer, Melo, entre outros) com leituras mais amplas (Adorno, Habermas, Paulo Freire, Bracht, Kunz, Shigunov, entre outros), a fim de possibilitar um “olhar” menos sectário e mais profundo sobre os problemas, possibilidades e limitações das relações do homem para com o mundo e consigo mesmo.

4.4. Relação entre o ensino do futebol/futsal em escolinhas e o contexto de alto nível...

Neste aspecto, é notória a dificuldade de argumentação sobre as possibilidades de transposição alternativa, diferenciada ou a respeito de uma preocupação em ressignificar a prática pedagógica em escolinhas de futebol ou futsal. É sabido a muito que o esporte garantiu/garante historicamente um certo status à Educação Física. Desta forma, percebemos uma tentativa (mesmo que muitas vezes não assumida) de adquirir maior prestígio em uma perspectiva centrada no que se faz a partir da realidade do esporte competitivo adulto, conforme o questionamento a seguir, realizado para cinco dos professores entrevistados:

O ensino do futebol para crianças obedece aos mesmos princípios do treinamento de adultos?

Prof. B: “O menino nessa idade tem um mundo próprio, dele, tem a noção de alto nível, via mídia, ele admira, gosta, mas o mundo próprio dele é muito forte”; “Se espelha em colegas, a televisão, neste ponto professor tem que ter grande sensibilidade de não chocar o aluno com outros muito melhores, excluindo ele, este ponto vai da habilidade do professor de lidar com a situação. Ele sempre vai estar aprendendo, mesmo que faça as coisas do jeito dele”;

Prof. C: “Muita coisa que se faz em uma equipe adulta se utiliza, mas se faz uma adaptação, pois a maneira que as crianças procedem dentro da quadra é diferente do adulto. Por exemplo, o escanteio, as crianças fazem cruzamento para a área”;

Prof. D: “Eles tentam imitar, mas depois da imitação eles caem na realidade, pois muitas coisas são possíveis apenas com muito treinamento, sendo destinadas para atletas profissionais”;

Prof. E: “Adequação do trabalho para as escolinhas, mas com problemas para a equipe”;

Prof. F: “Infelizmente a gente não tem um padrão, e age de um professor para outro, pela nossa vivência e pela nossa experiência, aquilo que a gente estuda e lê”.

Como se observa, as respostas giram muito em cima de uma argumentação no máximo adaptativa, no que se refere a atividades de aula, mas não apontam para um caminho superatório. Apenas um professor refere-se ao entendimento sobre o “*mundo próprio*” dos alunos. Nas observações percebeu-se que, com relação às escolinhas, ainda se percebe uma ponta que pode ser explorada a fim de transformar a prática pedagógica através de uma mudança de paradigma, mas no que se refere às equipes (categorias de base), o “trabalho sério” não aponta para perspectivas alentadoras neste sentido.

Há uma certa acomodação pelo aparente fato de que o aluno escolheu de livre e espontânea vontade (será?) fazer parte destes contextos, esquecendo que este modelo é uma imposição do mundo adulto ao mundo infantil. Modelo este, que a cada momento entra de forma mais precoce na realidade infantil, quer seja via mídia, internet, escola, família, escolinhas, entre outros.

Cabe pelo menos problematizar a questão, perguntando se é lógico ao mundo infantil (não de acordo com os preceitos de produção dos adultos) abandonar situações gratuitas, livres e prazerosas pelo desgaste de uma sessão de treinamento, onde a produtividade cobra seu preço?

Novamente abordaremos esta questão mais á frente, mas enquanto isso, não se pode esquecer que estamos falando de crianças entre 06 e 10 anos.

4.5. O papel das escolinhas de futebol e futsal na modernidade:

O papel das escolinhas na estrutura social contemporânea revela-se como sendo um local de prática esportiva, com uma distância muito grande entre as crianças e o modelo de esporte que geralmente estes contextos seguem. Os argumentos a seguir, dão a clara interpretação deste posicionamento:

Prof. A: “Vale mais tirar de uma safra de jogadores, dois ou três, do que ganhar um título. Existem várias escolinhas, e podia até ter mais. DIFICILMENTE quem participou de escolinhas vai entrar no caminho errado (drogas, etc.)”; “Tentar revelar jogadores e formar o cidadão”; “Ensinar que a vida não é feita só de vitórias, mas também de derrotas”; “Fazer conhecer os fundamentos do jogo”;

Prof. B: “Fazer o aluno gostar do esporte. O ser humano precisa de uma atividade física, e a escolinha iria proporcionar um espaço de lazer”; “Encaminhamentos para os talentos, sem esquecer que a imensa maioria não irá ser um atleta profissional”;

Prof. C: “Não é para formar jogador profissional”; “Formar o homem, socialização, formação do caráter, responsabilidade, respeito entre os colegas”; “Formar a base para uma estrutura de caráter”.

Prof. D: “Oportunizar a todos é papel do governo, mas quando alguém se destaca para poder ser profissional, o papel seria da iniciativa privada, dos clubes”;

Prof. E: “Tirar eles da rua, e mais uma opção de brincar e aprender alguma coisa”;

Prof. F: “A princípio, o papel das escolinhas é estimular a criança à prática esportiva. Apontar para trabalhos de coordenação motora que possibilite a participação em qualquer outro esporte, inclusive o futsal”;

Desta forma, percebemos que o discurso, em grande parte, não é muito diferente do discurso de pessoas que não são da área. Prova disso é que velhos chavões ainda estão muito presentes, tais como “tirar os alunos das ruas”, “formar o cidadão”, “livrar das drogas”, entre outros, são muito claros nas transcrições, como reparamos anteriormente.

Assim sendo, alterações mais profundas nas ações desenvolvidas nestes contextos, sem dúvida nenhuma, passam por uma redefinição de conceitos e de um entendimento mais significativo do papel que as escolinhas de futebol ou futsal poderiam desempenhar, no sentido de se tornarem realmente vinculadas a uma proposta que vise questões tão importantes, como a educação, a emancipação e o esclarecimento.

Portanto, o papel a que as escolinhas se prestam, está mais ligado ao ensino do futebol e do futsal enquanto fim, do que como um meio, com uma preocupação (mais explícita ou menos explícita) de revelar talentos, sendo que esta foi uma tendência explicitada de forma muito clara nas situações interpretadas nas entrevistas e nas observações.

Urge um repensar neste contexto, pois o esporte de rendimento, historicamente reproduz tendências da sociedade industrial, onde a gratuidade e a liberdade são substituídas pela produtividade presente no mundo do trabalho.

4.6. A relação metodológica entre o ensino do futebol e do futsal...

No processo de obtenção de informações, ficou claro que o futsal aponta para uma tendência a instrumentalização mais clara e concreta do que o futebol de campo, provavelmente devido ao fato de que o futsal apresenta competições mais “viáveis” durante o ano todo (campeonato municipal, estadual, torneios de final de semana) e o futebol de campo apresenta um número menor de eventos desta natureza. O custo também parece influir, já que um grupo de futsal necessita em torno de 10 alunos (ou atletas?) e o futebol necessita pelo menos o dobro.

Assim sendo, outra relação que fica clara é que no contexto de alto nível, o futsal alcançou em tempo bem menor um patamar de organização em fatores intrínsecos (treinamento, tática, sistemas, entre outros) e extrínsecos (por exemplo: campeonatos, estrutura), muito mais evoluído do que o futebol de campo. Isto obviamente perpassa para as escolinhas e categorias de base, onde o processo de assimilação de conhecimentos específicos tende a se tornar cada vez mais exigente.

As condições climáticas também influenciam neste contexto. O futsal acontece com qualquer condição de tempo (chuva, sol, calor, frio). Já o futebol de campo não acontece se estiver chovendo, se choveu no dia anterior e o campo estiver molhado, entre vários fatores que vão se tornando mais ou menos importantes. Neste caso, as escolinhas

particulares realizam um esforço muito maior do que as escolinhas públicas para que a aula/treino aconteça, a fim de não correr o risco de perder ‘clientes’.

Obstante a isso, o futebol e o futsal aparecem com uma forte similaridade no que se refere aos seus encaminhamentos didático-metodológicos. As aulas desenvolvem-se dentro de uma perspectiva centralizadora, onde o professor determina as ações que se desenvolvem e os alunos as executam. A diferença se dá na intensidade, onde a maioria dos contextos do futsal (exceção de um) procura estabelecer o “aprendizado correto desde cedo”, para que o aluno esteja apto, quando tenha de desempenhar um papel condizente com as exigências do mundo do esporte adulto. O futebol também desenvolve suas estratégias nestas categorias de forma similar ao futsal, mas conforme observado, com uma preocupação muito menor com a sistematização (pelo menos no que se refere aos sistemas de jogo e manobras).

Neste caso, contrapondo a esta tendência, uma das escolinhas observadas, o contexto B, mostrou-se muito mais aberta a possibilitar espaços para que o aluno brinque de jogar bola, já que de todas, foi a que mais deixou ‘jogar bola’ no decorrer das aulas.

Resgatando o que já foi observado no Capítulo I, nas “categorias” Fralda e Pré-Mirim, a diferença entre o ensino do futebol e do futsal não deveria ser nem ao menos significativa⁵¹, já que a partir do entendimento destes contextos como espaços para desenvolver situações de ensino-aprendizagem através do jogo de bola com os pés, o esporte em si necessitaria ser desmontado, recriado, construído, experimentado, ressignificado. Para tanto existem várias estratégias metodológicas que podem auxiliar no desenvolvimento de propostas que procurem outras maneiras para desenvolver ações

⁵¹ Talvez apenas na estrutura: ginásio ou campo. E mesmo assim, com uma possibilidade real de que os alunos possam interagir com outros locais.

concretas em aulas⁵² (que tem a obrigação de serem mais ricas que uma sessão de treinamento), conforme abordado no Capítulo II, nos tópicos referentes à metodologia de ensino dos esportes coletivos, futebol e futsal.

4.7. Alguns recortes da realidade – Considerações acerca dos contextos interpretados...

Neste tópico, serão analisadas algumas considerações acerca de concepções hegemônicas de entendimento sobre o contexto chave de análise deste estudo, ou seja, as escolinhas de futebol e de futsal.

As primeiras interpretações apontam para um perfil de profissional de Educação Física que tem sua perspectiva de entendimento do trabalho a ser realizado em escolinhas de futebol/futsal, advindo principalmente do esporte de rendimento, utilizando-o como modelo para o desenvolvimento de aulas com crianças da categoria FR e PM. Torna-se interessante destacar que a referência adotada por parte dos professores, tanto nas aulas observadas, quanto nas entrevistas realizadas é muito mais, oriunda de experiências pertinentes ao treinamento de rendimento, do que da formação adquirida nos bancos escolares de um curso de graduação.

Neste caso, as observações destacaram que não houve diferença significativa entre os contextos que apresentavam professores formados, estagiários ou não formados, no que

⁵² Apenas para ilustrar, podemos citar “A metodologia e prática dos grandes jogos” de Knut Dietrich, Gerhard Dürrwächter, Hans Jürgen Schaller Rio de Janeiro: Ao Livro técnico (1984); “Fases do ensino do jogo de futebol”, de Amândio Graça e José de Oliveira, “Didática da Educação Física” de Kunz (org.), entre outros.

se refere ao desenvolvimento das aulas/treinos (conteúdo, metodologia, postura, relação com os alunos, entre outros).

Parece que a partir das exigências do contexto, a elaboração de argumentos se torna mais “competente” quando alicerçada pelo esporte de rendimento, demonstrando aparentemente, uma preocupação exacerbada com a “prática” e aparentemente desprezando outras possibilidades de pensar sobre sua prática pedagógica e recursos metodológicos e didáticos desenvolvidos, colocando aspectos como a reflexão em segundo plano. Parece que os casos que fogem a esta interpretação podem ser considerados como exceção.

Assim sendo, o que se apresenta é uma estratégia de aula amparada por uma concepção instrumental de rendimento técnico-tático específico, com grande preocupação em melhorar as capacidades de jogo dos alunos. É importante destacarmos, segundo Castellani Filho (1998), para que não se reduza o conhecimento a apenas fins práticos, compreensão esta, que em certa medida, representa uma banalização das possibilidades humanas.

Praticamente todos os contextos apresentam (com algumas exceções), durante as aulas/treinos, uma relação professor-aluno distante, respaldada por um pretensão “profissionalismo” que parece ignorar a importância das relações humanas mais próximas no intuito de tornar o ser humano mais sensível e mais competente em todas as frentes que porventura venha atuar, inclusive no esporte de rendimento.

O contraditório é que antes e depois das aulas/treinos, a grande maioria dos professores apresentou uma relação diferenciada com os alunos, brincando, rindo e interagindo de forma mais concreta.

Durante as aulas, quase não se percebeu as crianças brincando, já que depois de realizado todo o processo de observações, constatou-se que os alunos não tiveram nada (ou

quase nada) além do conteúdo específico do futebol/futsal em suas aulas/treinos. Apenas em alguns momentos foram desenvolvidas brincadeiras de “pegar”, “bobinho” e “caçador” entre os alunos, evidenciando a pobreza de argumentos didáticos e metodológicos, no que se refere a tornar o conteúdo de aula mais acessível, dinâmico e diversificado. Deste modo, parece que a única forma de desenvolver o ensino do futebol/futsal nas categorias fralda e pré-mirim é através de exercícios técnicos descontextualizados da realidade do jogo, preparando os alunos destas categorias para uma realidade que a imensa maioria não alcançará, que é o esporte de alto nível. Talvez, das turmas que foram observadas (em torno de 120 alunos), um ou dois possam vir a se tornar atletas de *ponta*.

Como exemplo de resistência ao modelo imposto, logo mais a frente será analisado e refletido sobre um jogo chamado ‘Linha’ amplamente praticado pelos alunos antes das aulas começarem.

Esta reflexão apresenta um viés muito interessante de possibilidade de análise e discussão, tratando sobre que outras possibilidades concretas existem de modo a contribuir realmente com a formação de um ser humano esclarecido e competente, em qualquer segmento social que atuar (inclusive no esporte), tendo a preocupação de utilizar o ensino do futebol e do futsal como fator de humanização, e não para contribuir com o processo de robotização da espécie humana, que torna-se cada vez mais fria e calculista, relegando aspectos como a subjetividade para segundo plano, tratados como sub-produtos educacionais em uma ótica de mercado que promove a busca pela eficiência a qualquer preço.

Como exemplo para ilustrar estas reflexões, uma turma de futsal, observada no contexto F apresentou em um “treino tático⁵³” (equipe de PM – 09 a 10 anos), cerca de duas jogadas de centro, três jogadas de lateral, duas de falta e três de tiro de meta, totalizando dez jogadas pré-elaboradas de movimentação ordenada e coletiva dos cinco componentes do time. Obviamente todas elas apresentavam diferentes variações/finalizações de acordo com o posicionamento do adversário.

No trabalho desenvolvido nas “escolinhas” foi muito menos vista esta relação de pressão do que no trabalho desenvolvido nas “equipes”.

Assim sendo, parece um tanto quanto exagerado que crianças de 09 a 10 anos de idade sejam submetidas a cargas de treinamento tão exigentes e que necessitam de um entendimento muito profundo de manobras ensaiadas. Podemos utilizar um exemplo citado por Kunz (1994), onde um atleta de Salto em Altura (atletismo) com 14 anos atingiu a marca de 2,10 metros, e nunca mais repetiu o feito, mesmo após treinamentos competentes e sistematizados, até o ponto do abandono do esporte.

No caso do futsal e do futebol, os casos de desistência da modalidade são muito menores, mas fica a dúvida se aquele menino do atletismo, citado anteriormente, com um pouco mais de paciência e cuidado, não poderia até superar a sua marca, em poucos anos mais, ou pelo menos, não abandonar seu esporte.

Portanto, percebemos uma dificuldade muito grande de conhecimento por parte dos docentes, que saiam da grade específica do esporte em questão. E isto não se refere aos conhecimentos específicos do futsal e do futebol, pois a própria história dos professores de

⁵³ Contraditoriamente ao referido sobre a relação técnica e tática, este treino com ênfase no aspecto tático, foi desenvolvido através do próprio jogo, onde os alunos mecanizavam determinadas manobras para aplica-las durante o jogo.

escolinha geralmente aponta para o caminho do conhecimento competente, no que se refere ao aspecto técnico-específico, o que se comprova nos contextos analisados. Nos referimos a um conhecimento mais amplo de esporte e suas relações com a escola, a sociedade, o mundo, enfim, com o próprio ser humano. Acreditamos que eles apenas não sabem como fazer diferente, agindo com uma referência do mundo de rendimento dos adultos para tratar com crianças em idades tão tenras, onde, de forma clara, há um reducionismo pedagógico, com preocupação demasiada com formalizações e automatizações.

A fim de ilustrar as principais considerações traçadas neste tópico, a seguir será apresentado o quadro 10, com os principais recortes analisados até agora, destacando para uma perspectiva de entendimento que precisa ser refletida. Com relação ao seu teor, se trata de um recurso a fim de visualizar as considerações traçadas anteriormente, servindo apenas como um instrumento que tem a prerrogativa básica de ilustrar algumas interpretações, e não, encaixotar a realidade em gavetas, conforme a preocupação explicitada anteriormente.

Quadro 10 - Recortes acerca das interpretações e das observações:

O Professor das Escolinhas e sua concepção de esporte	Professores com larga vivência no futebol e no futsal, sendo analisado as aulas de três professores de EF, dois acadêmicos de EF e um não formado; concepção de esporte advinda principalmente do esporte de rendimento; utilizam este modelo para o desenvolvimento das aulas; apresentam um bom entendimento/conhecimento no que se refere aos conteúdos específicos do futebol e do futsal.
Concepção de aula	Aulas desenvolvidas sob o nome de treino, onde o objetivo se destinava ao ensino das competências objetivas do futsal e do futebol; base oriunda do treinamento/rendimento de equipes de adultos, com algumas adaptações.
Desenvolvimento das aulas	As aulas eram desenvolvidas de forma tradicional, com um aquecimento básico (geralmente contendo o alongamento), um breve treino técnico, um treino técnico-tático, um coletivo orientado e um coletivo mais 'corrido'. Apenas algumas vezes esta seqüência não aconteceu.
Relação Professor-Aluno	O espaço das aulas era tão direcionado para a instrumentalização dos alunos, que não sobrava muito tempo para que houvesse uma interação mais concreta, ocorrendo de forma fragmentada, em determinados momentos, se evidenciando mais, antes ou depois das aulas, onde então, sobrava tempo para a conversa e para a brincadeira.
Espaço para o brinquedo	Ficou claro o reduzido espaço para o desenvolvimento de brincadeiras nas aulas, ocorrendo em sua maioria, exercícios técnico específicos.
Relação Teoria e Prática	Apresenta forte relação dicotômica, onde, através das ações desenvolvidas nas aulas e nas falas, percebeu-se uma forte ambigüidade e falta de clareza a este respeito.

Fonte: Observações realizadas e entrevistas.

Por tais motivos, este estudo tem por prerrogativa apontar para caminhos que possam servir de pressupostos superadores, que venham a contribuir com professores e conseqüentemente com alunos, que atuam diretamente neste contexto. Estas considerações partem do princípio que as escolinhas são freqüentadas por meninos dos mais diversos meios, com os mais diversos objetivos, portanto, os procedimentos necessitam ser revistos. O trabalho proposto em escolinhas, sem dúvida nenhuma pode servir para muitos fins, mas que entre estes fins se preocupe também com a educação e não só com o treinamento de crianças, ampliando a imensa rede de complexidade que permeia esta discussão.

4.7.1. Alguns equívocos/mal-entendidos...

Neste tópico, serão levantadas questões que, geralmente são analisadas a partir de um entendimento equivocado e simplista, procurando legitimar o papel das escolinhas através de argumentos pouco sustentáveis e sem fundamentação consistente.

Para isto, será utilizada uma expressão utilizada por Valter Bracht, em seu artigo intitulado “Esporte na escola e esporte de rendimento”⁵⁴, onde ele escreve entre outras coisas, sobre equívocos/mal entendidos, derivados de interpretações sectárias e simplificadas de aspectos complexos e polêmicos, referentes à Educação Física e ao Esporte. Neste caso, como algumas situações percebidas no processo de desenvolvimento deste estudo se referem exatamente a questões como esta, a análise levará em conta esta expressão para ilustrar o seu desenvolvimento.

- Equívoco/Mal entendido 1: O esporte, independentemente do contexto, pode ser percebido como meio educativo...

Está claro que o esporte por si só não é bom nem ruim, dependendo da intencionalidade a ele atribuída. O que deve estar claro é que o esporte é uma produção do ser humano, e como tal apresenta falhas, problemas e limitações, que podem e devem estar em um caminho que levem a superação, pelo menos em parte, principalmente quando sua relação é tão próxima ao mundo infantil quanto às escolinhas de futebol e futsal das categorias FR e PM. Precisamos desvencilhar-nos, conforme o próprio Bracht coloca, do

⁵⁴ Revista Movimento, Ano VI – No. 12 - 2000/1.

pensamento limitado de que alguém que realiza uma crítica (que pode ser severa, dura) seja contra o esporte. Há exemplos de profissionais que questionam a Constituição Federal, a Bíblia, mas não admitem alterações nos códigos de regras das modalidades esportivas. Necessita-se de uma luz nesta discussão e de uma posição definida e concreta dos professores a respeito de qual projeto de sociedade, de ser humano e de mundo estão a serviço.

Neste aspecto, é preciso ter a clareza de que através do esporte, podemos optar por uma prática que sirva ao propósito implícito e explícito de um projeto neoliberal, onde o individualismo prepondera sobre a coletividade e endossamos desigualdades ou nos rebelamos e defendemos procedimentos que contribuam pelo menos com uma minimização destes efeitos nocivos ao ser humano, onde não precise haver um resfriamento das relações humanas em prol da tecnologia e da instrumentalização, e aspectos como responsabilidade, justiça e autonomia, entre outros, venham antes da necessidade de formar uma equipe vencedora, principalmente na idade foco deste estudo.

Desta forma, conforme Bracht (1992), realmente o esporte educa, mas, educação aqui, geralmente significa levar o indivíduo a internalizar valores, normas de comportamento, que servirão para possibilitar sua adaptação na atual estrutura social. Necessitamos de ações pedagógicas que levem ao questionamento, não ao acomodamento. Desta forma, precisa estar claro que o esporte é um meio educativo. As questões que ficam são: Qual o conceito de educação que está em jogo? Educar para quê e para quem? A quem isto serve?

Assim sendo, é necessário refletir sobre para que caminhos o projeto político pedagógico conduz os atores dos contextos sociais denominados de escolinhas e quais perspectivas de resistência ao padrão hegemônico são possíveis.

- Equívoco/Mal entendido 2: O esporte afasta do caminho das drogas...

Este é outro ponto que necessita ser melhor considerado. Já se esgotaram as tentativas de vários segmentos para tentar desmistificar esta questão sobre a relação esporte e drogas, mas ainda continua-se a pensar que o praticante de esportes estará menos suscetível a este caminho. O que se esquece é do grande número de casos que são identificados anualmente nas diversas modalidades que realizam exame antidoping no mundo todo, e que tem resultado positivo. E, se no alto nível, esta realidade é bastante concreta, o que não acontece nos milhares de campeonatos onde não há espécie alguma de controle, com relação ao uso de estimulantes? E o que dizer do grande número de atletas de alto gabarito que se destroem através de, por exemplo, álcool e cocaína (Maradona, Garrincha, entre outros).

Então urge que o papel do esporte se legitime através de uma argumentação consistente e fundamentada, e não em mitos e chavões que a muito já deveriam estar superados, sob o risco de estarem enganando a si mesmo. Inclusive, esta é uma questão que é colocada, quando possível, para fora dos espaços de discussão, a fim de não ameaçar o *status* 'educativo e fomentador da saúde', que é atribuído ao esporte.

Como em qualquer outra instituição social, o esporte é perpassado pela cultura e pelos condicionantes sócio-político-econômicos da realidade que o cerca. Este problema com relação ao uso de drogas e o doping, é um tema que deve ser abordado em qualquer instância, pois não apenas o esporte deve contribuir com a reversão deste quadro, mas sim, qualquer espaço onde existam seres humanos, em ações de iniciativa privada e de políticas públicas, onde a escola seja um espaço realmente democrático, como sempre se referia em suas obras Paulo Freire, onde os professores de Educação Física, dirigentes esportivos,

atletas e ex-atletas deixem de olhar para o próprio umbigo e percebam que a prática pedagógica desenvolvida em escolinhas pode e deve estar comprometida com um projeto de sociedade mais humano, engajado na promoção de valores humanos e em um resgate da cidadania.

- Equívoco/Mal entendido 3: A disciplina como meio educativo...

Ainda se percebe um ranço da herança militar onde os alunos precisam aprender a ter disciplina, no intuito de conseguir ser um cidadão correto, com bom caráter e boa índole. Este argumento, muitas vezes parte dos pais dos alunos, que por não conseguirem colocar limites (fundamentados por uma relação de responsabilidade que implique em direitos e deveres) para seus filhos transferem esta responsabilidade para o professor, a fim de que ele imponha os limites.

Desta forma, o bom trabalho parece ser aquele onde não há problemas, não há discussão, pois tudo é resolvido pelo professor e o aluno anda de acordo com o ritmo ditado. Percebemos esta realidade hegemonicamente nas escolinhas, mas isto se torna muito mais claro nas equipes, onde passa a ser um pré-requisito mínimo para continuar no time.

Por outro lado, nas escolinhas, onde não há preocupação tão grande com o rendimento (que é um contexto que se preocupa excessivamente com a disciplina), a formatação é parecida, mas o descomprometimento apresentado em algumas situações, remete a discussão para o aspecto da falta de limites, onde o professor não participa como opressor direto, mas permite que outros o façam (alunos maiores, mais habilidosos, entre outros), levando a aumentar ainda mais este abismo entre a disciplina imposta e a falta de

clareza sobre limites, direitos, deveres, tanto de aluno como professor, ou seja, na realidade onde o professor não exerce o papel autoritário, alguns alunos tomam para si este papel, e oprimem, em outra versão, os colegas de aula.

Este contexto bi-polarizado leva a um perfil de aluno também extremo: de um lado, alunos disciplinados, que não ‘incomodam’ nem criam confusão (domesticados?) e de outro lado, uma realidade onde os alunos se distanciam cada vez mais de uma relação de responsabilidades, baseada em direitos e deveres, e apontam para uma relação de opressor x oprimido, onde somente deixam de serem oprimidos quando passarem a classe dos opressores. Isto reflete alunos dóceis em um contexto e muito agressivos em outro, onde tem que aprender desde cedo a lutarem sozinhos e dependerem exclusivamente de si para a resolução de seus problemas.

- Equívoco/Mal entendido 4: A seleção no esporte é como a seleção na vida...

Ainda se percebe muito, como argumentação para justificar a realidade extremamente seletiva e competitiva dos contextos de iniciação, a alusão ao título deste tópico. Não cremos que a tendência darwinista de seleção de espécies possa ser levada tão ao pé da letra, para legitimar uma prática seletiva, através de argumentos como este.

Algumas transcrições das entrevistas apontam para uma concordância pura e simples deste aspecto, como se ao nascer o homem já tivesse desenhado em seu código genético, ações de sobrepujança para com o seu próximo. Obstante a isso notamos que, por ser um tema polêmico, há diversos posicionamentos colhidos nas entrevistas, alguns mais, outros menos esclarecidos, conforme a seguir:

Prof. A: “Essa seleção nem sempre é justa né,... por exemplo, o último a ser escolhido é geralmente o pior. Então a gente faz os piores escolherem o time. Nos campeonatos, infelizmente, é um time só que vai entrar. A essência do futebol é seletiva. A vida é dura”,

Prof. B: “Diz que a gente é competitivo desde que nasce, hoje os cientistas já estão dizendo que não é bem assim. Nas empresas e na sociedade está havendo uma visão mais coletiva. O esporte é coletivo e precisa da coletividade”;

Prof. C: “Processo de seleção é muito relativo. Existe muito jogo de favores, interesses que interferem diretamente no processo de seleção, que processo é esse? O ruim é excluído não só por ser ruim, mas dependendo de ser influente ou ter amigos e parentes influentes”.

Prof. E: “Acho que é natural, pois vai também do professor”;

Prof. F: “A criança fraca tem que se sentir útil no esporte, a fim de se sentir útil na vida. Esta seleção é uma seleção natural (vestibular, emprego, etc) cada dia você está competindo com alguém por alguma coisa. A escolinha também tem este processo seletivo, pois há um funil nas categorias, pois as categorias maiores só possuem uma turma. Até a gente brinca: ó, ta na hora de ir pros caderno, aí..”;

Assim sendo, deve ficar claro ao professor, que a prática pedagógica é uma atividade política, e como tal, envolve uma opção por manter ou transformar o *status quo*. Através de suas ações, poderá lutar por um ensino eficiente e democrático, em qualquer âmbito pedagógico, propondo focos de resistência em seu micro contexto de ação.

Obviamente que não se tratam de ações simples, mas todo processo de superação é perpassado por dificuldades e apresenta as limitações inerentes a uma disputa de poder muito desigual, mas a nossa profissão é feita de escolhas, e a sustentação destas é que dá o teor de nossa prática pedagógica.

- Equívoco/Mal entendido 5: Rendimento x Lúdico...

Percebemos claramente a tendência de colocar de maneira diametralmente oposta a relação entre o lúdico e o rendimento, como se fosse possível compartimentalizar, por exemplo, os sentimentos que permeiam os significados destas situações.

Desta forma, Bracht (2000) analisa, há um entendimento maniqueísta nesta relação, onde ocorre uma idealização do lúdico, e uma diabolização do rendimento, como se de um lado estivesse o bem e do outro estivesse o mau. Do lado do rendimento, está a mecanização, manipulação, dor. Do lado do lúdico, virtudes, prazer, espontaneidade. O mesmo autor afirma: “ora, o comportamento lúdico não existe na sua forma pura, ele está mais ou menos presente em uma série de práticas humanas, portanto moldado culturalmente”(p. XVII).

Quando um aluno de música quer melhorar sua performance, ele está, sem dúvida, buscando formas de melhorar seu rendimento, a fim de, por exemplo, tocar saxofone de forma mais bela em seus momentos de lazer. O problema se materializa quando este aluno começa a buscar o rendimento por meio de pressões externas, sem que possa experienciar estas situações de acordo com sua própria sensibilidade e potencialidade para a música.

Desta forma, conforme Vago (1996) deve haver sempre uma tensão entre o rendimento e o lúdico, para possibilitar vivências plenas e autônomas⁵⁵.

Portanto, há um equívoco muito grande em pensar que a questão da ludicidade se apresenta de forma descomprometida/desarticulada de um projeto político. O aspecto

⁵⁵ Para saber mais, ver: Vago, T.M. (1996). “O esporte na escola e o esporte da escola: Da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht. Movimento, Porto Alegre, ano III, no. 5.

lúdico se torna extremamente importante por relacionar o jogo de bola com os pés de forma muito direta com o mundo vivido dos alunos, e não ser mascarada sob o capuz da simples atividade pela atividade (se for apenas tratado como passatempo, até poderia prescindir do professor e da escolinha), sem uma relação com um projeto maior.

- Equívoco/Mal entendido 6: As regras são para serem obedecidas e seguidas...

Há um dogma muito grande com relação às regras do futsal e do futebol. Parece que as regras destes esportes são imutáveis e criadas por deuses que não permitem mudanças neste aspecto. As crianças de cinco anos ‘precisam’, por exemplo, cobrar o lateral de forma correta (o porquê não se sabe, nem o professor explica...), pois, se durante o jogo da aula (que não é mais um simples jogo de bola, é o ‘coletivo’) ele é cobrado de outra forma, o lateral precisa ser repetido, ‘cobrado’ do jeito certo, ou pior, em caso de reincidência, é revertido, com o ‘infrator’ sendo penalizado com a perda da posse de bola.

Não há transformação alguma do corpo de regras, onde as mesmas são simplesmente executadas, sem reflexão, problematização ou construção. Inclusive os alunos não são esclarecidos do significado das mesmas.

Assim sendo, o professor muitas vezes confunde o seu papel com o de árbitro e/ou com o de técnico de equipe de rendimento (adulto, geralmente), pois arbitra o coletivo com a autoridade de um árbitro da divisão principal ou com a rigidez de um técnico ‘disciplinador e durão’.

Como exemplo a ilustrar esta relação, em uma observação realizada, um aluno da categoria Fralda foi advertido ao recuar a bola para o goleiro. Este pegou a bola com as mãos, ao qual foi punido pelo professor com tiro livre indireto, conforme a regra oficial. Os

dois foram ensinados então, sobre esta regra, sendo orientados a procederem de forma diferente, e deste ponto em diante, os alunos não mais recuaram a bola para os goleiros.

A problematização das regras, as perspectivas de fazer diferente são deixadas de lado, não só pelos contextos que disputam campeonatos, mas por todos, a fim de que a criança aprenda o jeito certo “desde cedo”. A simples cobrança de lateral pode ser transformada, com o aluno cobrando com a mão, com o pé, com um ‘balão’, com apenas uma das mãos, constituindo um espaço muito rico, pois uma simples cobrança de lateral possibilita um momento em que para o jogo continuar, ele precisa ser compartilhado, ou seja, um jogador deve necessariamente passar a bola para outro. Tudo isso, apenas em uma simples cobrança de lateral.

Desta forma, se perde um excelente espaço de negociação, esclarecimento e exercício de responsabilidade, pois a manutenção e imposição de regras apenas contribuem com a formação de alunos conformados e dependentes de outros, no que tange a diminuição da autonomia de participar da construção das regras da sociedade em que vivem.

As regras dos esportes podem e devem ser ensinadas, desde que se permita um espaço para legislar, discutir, entender, negociar e modificar, no intuito de que este procedimento realmente contribua com a “formação do cidadão”, como a maioria das escolinhas estabelece como sendo um dos pontos a serem contemplados em seus objetivos.

4.8. Da transição do “vou jogar” para o “vou treinar”...

Partindo dos procedimentos de obtenção de informações, não ficou a certeza sobre como nos referirmos ao ambiente em que se desenvolvem as atividades das escolinhas, se

aula ou treino, pois o processo é muito parecido com treinamento presente no esporte adulto, mas em muitos casos, é chamado também de aula.

Da mesma forma, não se sabe, conseqüentemente se o condutor do processo poderia ser chamado de professor, ou se é treinador, pois não fica clara a distinção de papéis.

Há uma clara imposição do modelo adulto do esporte, salvo raras exceções, o entendimento infantil de esporte não é nem levado em consideração, na maioria dos casos. Tanto que, como o próprio título deste tópico de refere, os alunos não vão mais para a aula e não vão mais jogar bola, mas sim vão treinar e o jogo da aula já não é mais um simples jogo, é o coletivo, percebido nas observações, onde os alunos ao início da aula já questionam se “hoje tem coletivo?”.

E se há uma imposição do modelo adulto, há uma cobrança muito parecida, apenas em dosagem menor. Conforme Souza (2001), muda a dose, mas o remédio permanece igual.

Inclusive, os alunos que fazem parte de uma equipe do Pré-mirim, por exemplo, são na maioria das vezes, alunos que estão no último ano desta categoria. Raras exceções fazem parte das equipes no primeiro ano de categoria. Isto comprova que as ações têm a intenção de seguir o caminho de equipes vitoriosas, utilizando os meios disponíveis para tal.

O material utilizado em muitos contextos, já não é qualquer um, pois o aluno precisa ter o uniforme da escolinha, um tênis específico para o futsal ou chuteira (embora no contexto D, a maioria dos alunos jogava sem tênis ou chuteira, pois não tinha dinheiro para comprar o material ‘oficial’), roupa de goleiro, entre outros acessórios tais como a caneleira.

A linguagem estabelecida nas situações de cobrança por parte dos professores (e algumas vezes, dos próprios colegas da turma), se torna clara a partir de manifestações verbais detectadas em um treinamento/aula do contexto F, como a seguir:

Prof. F: “Não pode fugir do jogo, tem que chamar a responsabilidade”;
“Saída diagonal”; “Isto vai acontecer bastante durante o jogo, tem que treinar”.

Aluno A: “Tem que ter coragem”.

Desta forma, percebemos que até neste ponto, o modelo adulto de esporte impõe-se ao mundo infantil, transformando uma esfera que vai perdendo a sua aura de “coisa de guri”, “molecagem” e “pelada”, ou será que não nos lembramos das antigas peladas dos “de camisa” contra os “sem camisa”?

O mundo do trabalho expressa suas exigências em contextos cada vez mais precoces, onde o uniforme, o horário, a disciplina são regras inquestionáveis, e cada vez mais, contribuímos na formação de sujeitos dependentes de fatores externos e de outros seres humanos para tomar suas próprias decisões.

4.9. Dialogando com pais, mídia, direção...

Neste aspecto, deveria haver um estudo analisando apenas esta questão, que pudesse, pelo menos em parte, dar conta de um tema de tamanha complexidade. Os professores, que tem razão até certo ponto, evidenciam a fragilidade na relação com os pais, devido ao fato de que estes querem que as escolinhas resolvam problemas oriundos da própria família e além de tudo, ensine seus filhos a jogarem corretamente, e em alguns

casos (pelo menos é o que parece), transforme seus filhos em atletas de ponta, craques do futuro.

Obviamente, se o professor não apresentar argumentos consistentes, amparados em uma fundamentação concreta, terá que se render aos argumentos do senso comum, ou romper com o processo de diálogo neste contexto. Sem dúvida, isto não é uma tarefa simples, mas somente será possível se a liberdade de ação e a qualificação do professor o permitir. Ele tem a responsabilidade em argumentar sobre sua prática. Os pais, diretores, entre outros, não têm (ou pelo menos, nós deveríamos possuir mais do que eles, pois não queremos ser tratados de ‘profissionais’?) a obrigação de conhecer a fundamentação de nosso trabalho, e cabe a nós, através da força da palavra, legitimar nossa prática, através de um lastro referencial que permita o confronto de idéias, o qual pode ser enriquecedor, mas não por isso, menos conflituoso. Voltando a questão do Projeto Político Pedagógico, isto poderia ser contemplado de forma mais concreta no processo de construção do mesmo.

O que deve ficar claro é que, se andarmos de acordo com o vento, logo estaremos em uma encruzilhada. Os alunos querem algo, os pais querem outra coisa, a direção quer ações, e o professor precisa ter clareza de qual é o seu norte, ancorado em um projeto político-pedagógico consistente, e sutilmente, fazer o que tem que ser feito.

O que se percebe é que as razões dos problemas do contexto são sempre de natureza externa: são os pais, alunos, estrutura, diretoria, conjectura social e política, falta de materiais, falta de dinheiro para intercâmbios, ou seja, o problema é sempre os outros. Nunca somos nós o ponto a melhorar, por mais que digamos os velhos chavões, do tipo, “estou aberto a críticas, desde que sejam construtivas” (geralmente achamos que elas nunca são). Talvez, os problemas e barreiras estejam dentro de nós mesmos, e se nos detivéssemos um pouco mais a pensar, a estudar, a refletir e não tanto a fazer por impulso,

por demanda ou por que sempre foi assim, quem sabe não teríamos maiores possibilidades de superar, não aos outros, mas a nós mesmos.

A seguir, alguns recortes de trechos de duas questões que estavam nas entrevistas, no que se refere a esta relação com os pais dos alunos:

▪ **A participação dos pais neste contexto, segundo os professores entrevistados...**

Prof. A: “Faca de dois gumes. Teriam de cobrar menos. Ter apoio do pai, mas existe aquele apoio obstinado, que vê o aluno como camisa 10. O pai tem que ter calma. Quer que o aluno jogue como os adultos. A mentalidade do guri é diferente da do adulto. Alguns têm a preocupação de colocar os meninos na escolinha para afastar os meninos do perigo que tem na rua”;

Prof. B: “Eles questionam bastante a gente. Pois querem que os filhos joguem de acordo com o que eles acham. Argumentamos que quanto maior experiências e vivências eles tiverem, melhor. Eles gostam que a gente seja duro, firme com eles (disciplina)”;

Prof. C: “Os pais, às vezes mais atrapalham do que ajudam. Tem pai que se o filho não jogar reclama. Procuo manter distância”;

Prof. D: “O grande responsável é a família, o problema maior. O governo é muito paternalista, dá muita coisa para as pessoas, nós damos muito amendoim para o elefante. Sem a participação da família, não há saída. O povo este alheio porque é tudo meio dado, apesar que poderia ser mais, o povo poderia ter mais participação”;

Prof. E: “Às vezes os pais até atrapalham. Há pressão grande exercida pelos pais nos alunos, não jogam o que poderiam render. Cobram que o melhor time fique em quadra, a fim de ganhar os jogos”;

Prof. F: “Há a tentativa de reuniões, até consegui sucesso com alguns pais. A gente não sabe que contexto o aluno está inserido. Atribuímos funções em copa, viagem”.

- **A pressão por vitórias (exercida p/ pais, direção, patrocinadores) e sua interferência no processo de participação dos alunos e na prática pedagógica dos professores...**

Prof. A: “Tem que mostrar o teu trabalho, já tem certa pressão, pois teu trabalho está em xeque”;

Prof. B: “A pressão no atleta⁵⁶ é muito grande. Pais brigam nas arquibancadas e a criança vê isso. Ele não vê a equipe do outro lado como companheiro, mas sim como inimigo”;

Prof. C: “No clube a pressão existe, mas é controlada, sem exageros. Há pressão por desempenho, mas não por vencer. Há muito diálogo. Procuramos sentar e conversar”;

Prof. E: “Isso é normal”;

Prof. F: “Cuido muito da parte da cobrança, às vezes erra também, grita, mas quando entra na quadra o time aonde eu trabalho, a obrigação de vencer existe, mesmo que você não queira. Os próprios pais vem de casa dizendo que tem que marcar, tem que driblar, etc. Há a necessidade de fazer um trabalho extra quadra com pais, através de reuniões. Fiz um documento e passei para os pais. Em algumas crianças mais novas, logo no início, dá enjôo, dor de cabeça, mas com o tempo vão se enquadrando no processo”;

⁵⁶ Crianças de 07 a 10 anos.

Desta forma, percebemos que há posicionamentos mais e outros menos amparados no senso comum, mas há uma realidade de pressão que é claramente reproduzida em contextos de escolinhas, a partir de um entendimento hegemônico.

Torna-se interessante perceber que, a falta de conhecimento dos pais, neste aspecto, supera o conhecimento adquirido pelos professores em suas vivências, ou nos cursos de graduação. O mais estarrecedor é percebermos que em algumas competições estaduais (algumas etapas), pais de equipes diferentes chegam a ponto de trocarem agressões físicas e verbais.

Este modelo hegemônico de entendimento, sem dúvida, precisa ser superado, sob o risco de se tornar um ambiente que deveria ser educativo, dentro de uma perspectiva ampla, em uma arena que a cada ano se torna mais perigosa. Relatos de agressões trocadas em ginásios durante etapas de competições de categorias de base são cada vez mais verdadeiros e cada vez mais violentos.

Neste caso, reuniões, palestras, panfletos, conversas após as aulas, parecem ser um caminho no sentido de corroborar com um processo de resistência ao fato de que os pais precisam ser um ponto de equilíbrio e apoio, tratando seus filhos como crianças, seres infantis que necessitam serem tratados de forma diferente que atletas de competição. Desta forma, qual vai ser a opção política do profissional inserido neste contexto?

Entretanto, o papel da diretoria também é importante no que se refere em proporcionar uma base de sustentação ao papel desempenhado pelo professor, discutindo sobre seus procedimentos de ação e inclusive, reforçando suas atitudes, para contribuir com o processo. Há a necessidade da direção participar concretamente do projeto político pedagógico que irá nortear os procedimentos adotados, tanto nas ações de aula como nos conflitos que se sucederem.

4.10. A autonomia e a criatividade em escolinhas – Ainda uma possibilidade?...

Nas entrevistas, os professores foram questionados sobre a possibilidade de haver ainda espaço, no contexto atual das escolinhas e categorias de base para o desenvolvimento da criatividade, da espontaneidade, da liberdade de gestos ('certos' ou 'errados'). A história do futebol e mais recentemente a do futsal está repleta de exemplos a respeito da criatividade (em muitos casos, chamada de malandragem, conforme abordado no Capítulo II) presente em vários momentos, inclusive, estando inerente ao conceito popular deste esporte.

A seguir, algumas transcrições da fala dos professores:

Prof. A: “Existe uns que tem criatividade e vão desenvolver, mas alguns você vai fazer desenvolver. Nem todo mundo é um Zico, um Maradona. Essa habilidade natural já começava no jogo de bola nas ruas, nos campinhos. Os ex-jogadores começaram a entrar no mundo do futebol. Jogar uma pelada é uma coisa, jogar em uma escolinha é outra, pois vem a competição, e você tem que mostrar que seu time é bom, mostrar que tem bala na agulha. Perdendo, já perde seu emprego. Os treinadores de categorias de base possuem mais preocupação em ganhar títulos do que desenvolver a criatividade”;

Prof. B: “Infelizmente o ensino dos esportes vem sendo um dos limitantes desta situação. A ênfase se dá nas qualidades físicas. Há uma robotização”;

Prof. C: “A várzea proporcionava ao jogador aquela molecagem e a escolinha disciplina mais o jogador. Isto é muito perigoso. Mesmo dentro da escolinha é importante tornar possível que a criatividade não seja muito podada. Ainda há espaço para a criatividade, mas depende do técnico”.

Prof. D: “Eu acho que há e acontece em Chapecó isso”,

Prof. E: “A gente tenta não tirar a criatividade do aluno. Isso vai muito do professor”;

Prof. F: “Antigamente a gente tinha modelos prontos, mecanizados, hoje o aluno tem que saber porque ele faz determinada coisa”; “Após entenderem ele tem que ter criatividade para chegar ao mesmo objetivo que a gente traçou no início”; “Ao invés de uma saída, que tenha duas ou três. Mudança de bolas (peso, tamanho, etc) faz com que aprendam a solucionar problemas”;

Apesar de perceber uma preocupação com relação a este aspecto nas entrevistas, percebe-se que realmente os espaços destinados ao desenvolvimento de aspectos como criatividade e autonomia, tem cada vez menos evidência durante os momentos da aula. Com relação à auto-organização, muito menos, pois nas observações ficou claro, o professor é quem determina todos os caminhos e resolve todos os conflitos e problemas. Desta forma, não há resolução de conflitos a partir do diálogo, mas sim, a partir de determinações do professor, ou como referido anteriormente, imposto pelo colega mais forte, mais velho ou mais habilidoso.

O que notamos foi o intenso entusiasmo percebido nos momentos em que acontecia o jogo livre e sem orientação. Este espaço deveria ser mais evidenciado, pois observamos que em alguns momentos, o que ficava evidente era a magia de um simples jogo de bola, onde a alegria e a diversão estavam presentes na mesma proporção que a liberdade e a gratuidade de gestos, movimentações e ações com bola e sem bola. Momentos em que o riso, o grito e a emoção traduziam o prazer da descoberta, do viver intensamente, de simplesmente jogar bola.

Infelizmente, isto não é uma prática muito extensa, limitando-se a pequenos momentos ao início ou ao final de uma aula. Nem a escolha dos alunos para os times é possibilitada, com o professor escolhendo os times para equilibrar o coletivo, ou para separar a equipe que irá representar a escolinha em determinadas competições, no intuito de treiná-la. Quando muito, os maiores ou melhores escolhem os times, tornando quase palpável o constrangimento presente no olhar dos que vão ficando por último.

Nas observações, ficou claro o que será chamado doravante de ‘Pontos de Fuga’, onde em determinados momentos da aula (ou treino?), os alunos conseguem ‘fugir’ da estrutura sistemática e funcional da aula e, quer seja na espera da fila, na coluna, no empurrão simulado em um colega, em uma brincadeira fora do contexto de aula, às vezes escondido do professor, conseguem, de maneira quase subversiva, resgatar a espontaneidade e a autonomia, que se evidenciam como sendo mesmo inerentes ao próprio viver. Neste caso, os ‘Pontos de Fuga’ podem ser percebidos como um meio de resistência ao sistema hegemônico. Como exemplo concreto, podemos relatar a seguir, um acontecimento que normalmente se percebia. A maioria das situações de atividades técnicas realizadas nas aulas era a partir da famosa “fila” (mesmo que houvesse espaço e um bom número de materiais nos contextos analisados). Desta maneira, uma atividade de condução e chute a gol, por exemplo, se tornava muito longa, com pouca “quantidade de prática”⁵⁷. Em uma observação, um aluno tocou nos momentos formais de aula, com duração de uma hora, três vezes na bola. Assim sendo, em momentos de repassar a bola para colegas nas filas, percebeu-se em várias observações uma infinidade de alternativas: passar com as

⁵⁷ Quantidade de prática é aqui entendida como sendo uma oportunidade de vivenciar situações através da relação que pode ser estabelecida na construção e desenvolvimento de várias situações presentes nos momentos de ação realizados em aula.

mãos, com balãozinho, de cabeça, com salto, por entre as pernas, de calcanhar, entre tantas outras maneiras que apareciam.

Isto também comprova sobre a necessidade urgente de rever conteúdos desenvolvidos neste contexto, pois fica claro que estão além dos interesses e até das necessidades das crianças, comprovando que o ensino do futebol e do futsal é percebido do ponto de vista do mundo adulto e imposto forçosamente ao mundo infantil através de vários argumentos, nem sempre claros para o aluno, conforme abordado anteriormente.

É importante destacar que os “pontos de fuga”, independente do contexto onde se manifestam, modificam a forma, mas mantêm a mesma perspectiva subversiva, quer seja em escolinhas de classe alta, média ou baixa.

Desta forma, observamos um elemento que não se pode desprezar em qualquer ambiente pedagógico, ainda mais quando se tratam de crianças: o fomento à criatividade. Ainda não se descobriu melhor meio de desenvolver a criatividade do que através da ludicidade, que pode proporcionar alegria, prazer, liberdade de criação, não necessitando para isso, estar desvinculada de fatores como responsabilidade e limites. Muito pelo contrário, através da resolução conjunta de problemas, podemos fomentar um verdadeiro laboratório, no sentido de promover o exercício da autonomia, a partir de possibilidades de entendimento de situações e de construção de soluções.

O jogo “Linha” e sua estrutura de relações...

Em todas as escolinhas analisadas, um aspecto chamou a atenção: antes do professor iniciar a aula, os alunos tinham o hábito de jogar “Linha”. Era extremamente interessante como os alunos se articulavam rapidamente após receberem uma bola,

estruturando um jogo de três jogadores de linha, contra um goleiro. Os alunos da “Linha” tinham que tabelar entre si de primeira (sem dominar), até que alguém conseguisse concluir a gol. Se acontecesse o gol, um dos alunos que aguardavam fora do local do jogo entrava no gol, se o chute fosse para fora, havia uma troca de posições entre o goleiro e o jogador da “Linha”, que tivesse errado o gol. O interessante é que, em momento algum ocorreram conflitos que não se solucionassem rapidamente.

Isto evidencia dois aspectos. Primeiro, os alunos conseguem perfeitamente gerenciar suas atividades, às vezes de forma mais autônoma do que na própria aula, sem maiores problemas, demonstrando um código de ética nas relações que os direciona ao desenvolvimento de um jogo de bola com os pés, sem trapaças e com um gerenciamento muito competente. Em segundo lugar, um aspecto que se evidencia é o fato de que até nestes momentos, há uma rotina de procedimentos: os alunos chegam, esperam a bola, organizam o jogo e o realizam. É uma prática que se mostrou muito rica no que se refere ao exercício de legislar sobre o desenvolvimento do jogo, discutir e resolver conflitos, mas que por outro lado, aponta para um procedimento bitolado, mesmo em espaços que poderiam ser explorados das mais variadas formas. O que comprova que mesmo questões como criatividade e imaginação, que muitas vezes são entendidas como sendo obras do acaso, podem ser exercitadas, e quanto maior for este exercício, maior será sua possibilidade de concretização.

Mesmo assim, percebemos um espaço de liberdade e autonomia, onde após algum tempo, outro jogo poderá vir a substituir este, mas que sem dúvida, este espaço inicial, sem o gerenciamento do professor deve ser mantido, a fim de questões como as abordadas neste tópico, possam conquistar um espaço definitivo nos contextos de aula nas escolinhas de futebol e futsal.

4.11. Para a construção de uma nova concepção de ensino em escolinhas de futebol/futsal – Primeiros passos...

Independentemente dos objetivos e das ações desenvolvidas nas escolinhas, quer seja de futebol ou futsal, percebemos que o pano de fundo que norteia sua prática apresenta procedimentos oriundos do esporte de alto rendimento, como se este fosse o único modelo possível de ser desenvolvido nesta realidade.

Devemos pensar a partir de uma concepção de esporte que transcenda ao que, por exemplo, aparece na televisão ou as experiências de ex-atletas. Se assim o for, qual o papel da formação acadêmica neste contexto?

Urge que se encaminhe uma transformação de paradigma, embasados em uma perspectiva diferenciada de rendimento e de competição.

Está claro que em qualquer manifestação esportiva aspectos como a competição e a disputa estão presentes, quer seja na simples disputa pela bola ou na tentativa de um drible. Mas também deve ficar claro que as diferentes dimensões que permeiam estas relações são possíveis de um redimensionamento, no intuito de humanizar suas relações.

As diferentes interpretações sobre a competição presente nos esportes podem apontar para caminhos que superem o simples modelo hegemônico, que levem a aspectos como cooperação, justiça, igualdade de chances, entre outros, promovendo um repensar concreto com relação à intensidade e as experiências promovidas por escolinhas de futebol ou futsal.

A seguir, serão evidenciadas algumas considerações acerca de princípios que podem contribuir com a prática pedagógica em aulas de futebol e futsal, materializando alguns passos iniciais nesta caminhada.

4.11.1. Alguns princípios norteadores para a prática pedagógica em aulas de escolinhas de futebol e futsal...

Não se tem a pretensão de propor um conteúdo programático fechado, mas sim, a preocupação de materializar algumas orientações, onde uma perspectiva diferenciada na prática pedagógica desenvolvida em aulas das escolinhas de futebol ou futsal possa ser transformada, para criar um ambiente mais favorável a aspectos que transcendam o simples ensinar determinada modalidade esportiva.

As atividades de aula, ou seja, o seu teor, na maior parte dos casos, se dá de acordo com a participação da equipe no campeonato que ela participa. Ou seja, se o grupo participa de um campeonato estadual, a equipe treina mais, até ocupando o lugar de outras turmas. Como nas equipes de adultos, na véspera dos jogos há um aumento, por exemplo, na intensidade do treino tático.

Mesmo as turmas que não participam de competições, possuem atividades de acordo com o “jeito certo”. O que se tem por pretensão, neste momento, não é de propor uma receita, mas sim de apontar para alguns caminhos que contribuam com um re-significar na prática pedagógica em escolinhas de futebol/futsal, não de forma dogmática, mas sim como uma perspectiva de contribuir com contextos relacionados à iniciação esportiva.

Da forma usual, as ações desenvolvidas se dão, tendo o ensino das especificidades do futebol e do futsal como meta. O que se propõe é que, ao invés de promover simples exercícios técnicos ou táticos, procure-se fomentar ações que englobariam outras perspectivas, conforme a seguir:

- As aulas geralmente não terminam ou começam com um diálogo ou conversa, partindo desde o seu início até o final com o desenvolvimento de especificidades. Os alunos entram, realizam as atividades de aula e saem, às vezes, quase sem conversar entre si. O que se propõe é que haja maior diálogo, mais espaço para a conversa entre os alunos e o professor, tanto no que se refere a assuntos do esporte em questão, como também espaços para simples ‘conversa fiada’. Há alguns anos atrás, um aluno que fazia parte de uma escolinha de futsal, confidenciou que não gostava de futsal, mas mantinha-se assíduo as aulas, pelo fato de que era um dos únicos espaços formais, onde ele tinha espaço para falar, nem que fosse para contar uma simples piada no início ou fim da aula. Não há necessidade de utilizar muito tempo do período de aula, mas apenas alguns momentos, onde o hábito do diálogo possa ser cultivado, promovendo a criação de um envolvimento social neste espaço;

- Discutir sobre o corpo de regras do futebol e do futsal com o grupo de alunos, decidindo sobre quais as regras seriam mantidas ou quais regras seriam transformadas. Ações como esta podem servir de excelente laboratório para participação em futuras necessidades de discutir sobre regras, em sua casa, em seu bairro ou cidade, criando um espaço para o legítimo exercício da cidadania e da democracia;

- Analisar em pequenos momentos sobre casos de violência no esporte, doping, enfim, casos que são veiculados cotidianamente nos meios de comunicação e nem sempre estão presentes em espaços de discussão para crianças pertencentes a faixa de idade, como a deste estudo. Torna-se óbvio que, por serem crianças, a linguagem precisa ser acessível e simples, apenas como meio de habituar os alunos ao exercício da discussão;

- Desenvolver situações onde os alunos possam se valer de outros padrões motores que não só o chutar, mas sim, rebater, arremessar, lançar, enfim, aumentar o repertório de situações, desprendendo-se do “apenas chutar”, enriquecendo os acontecimentos de aula com outras situações, a partir de temas relacionais nas aulas (equilibrar, embalar e balançar, jogar, entre outros), oferecendo movimentos variados e com vários significados;

- Utilizar uma gama de materiais mais diversificada, que extrapolem a bola e o cone. Bolas de diferentes tamanhos, pesos e texturas, inclusive de outros esportes, podem representar uma riqueza de situações ímpares, além de contribuir com a aprendizagem do esporte em questão. Brincar com as dimensões de campo e quadra, altura e largura de traves, número maior ou menor de jogadores, também são estratégias que podem ser viáveis no desenvolvimento do processo;

- Instituir a presença de valores humanos como temas adjacentes e subjacentes aos conteúdos, procurando contextualizar os acontecimentos de aula, com a clareza de quais valores estes acontecimentos fomentam, ou seja, que propostas podemos construir, por exemplo, para promover a coletividade entre todos os alunos, ou que propostas contribuem para tornar os alunos ainda mais individualistas. Deve haver uma preocupação com as conseqüências das ações desenvolvidas em aula, a fim de promover a cooperação entre os companheiros;

- Nos momentos formais da aula, os alunos quase não brincam; esta foi uma das constatações mais evidentes e preocupantes que se percebeu. As atividades desenvolvidas

apresentavam a finalidade básica de instrumentalizar os alunos o mais precocemente possível, no intuito de melhorar seu rendimento no contexto esportivo. Em todas as 28 observações, percebeu-se poucas brincadeiras, que se resumiram a meros “pegadores”, “caçadores” ou “bobinhos”, ou jogos de 1x1, entre outros. Desta forma, enfatizar e fomentar situações lúdicas de forma mais explícita, para utilizar a imensa gama de oportunidades estabelecidas a partir de seu desenvolvimento;

- Estabelecer uma liberdade de jogar em várias posições, e não sempre na mesma, vivenciando o maior número de experiências possíveis, onde se descubra naturalmente onde o aluno pode gostar mais de jogar ou jogar melhor. Também é importante jogar sem posições definidas, enfatizando momentos de atacar e defender;

- Variar os espaços de aula, para possibilitar momentos em que os alunos de futsal joguem na grama, na areia, em outros locais e alunos do futebol de campo, joguem em ginásios, na areia, em campos menores, maiores, entre outras possibilidades. Além de tudo, procedimentos como os sugeridos, podem corroborar para uma ampliação na percepção e no entendimento do panorama do jogo em suas mais diversas dimensões, aumentando a capacidade de resolução de problemas por parte dos alunos;

- Fomentar o entendimento dos alunos frente a situações de diversidade técnica, onde os mais habilidosos não oprimam os menos habilidosos, incentivando um quadro onde o respeito às diferenças seja o pano de fundo nas mais diversas situações. Os talentos são possíveis de serem desenvolvidos, mediante a oportunidade para tal, portanto, ao invés de incentivar o rótulo, o professor deve estabelecer um clima de diálogo, onde as diferenças

não necessariamente precisam ser superadas, mas sim, entendidas e respeitadas. Esta sem dúvida, não se trata de tarefa fácil, pois o incentivo ao rótulo (belo, bom, ruim, forte, fraco) está presente em todos os segmentos sociais, mas é tarefa do professor não se calar diante disso, e através de suas aulas, contribuir com um repensar nesta questão. Concordando com Adorno (1995), o talento não se encontra previamente configurado em homens privilegiados, mas que, seu desenvolvimento depende ao desafio a que cada um é submetido. A partir disso, a perspectiva de levar cada um a “aprender por meio da motivação” (p.170) converte-se em uma forma particular de emancipação.

4.11.2. Considerações sobre ensinar/aprender futebol e futsal - Algumas perspectivas para além da questão instrumental...

Propondo avançar com as discussões traçadas neste estudo, existem proposições pedagógicas que podem servir de ponto de partida na perspectiva de avançar em questões tão complexas quanto o ensinar e aprender futebol/futsal.

Conforme Souza (2001), entendemos que a forma mais acessível para ensinar/aprender futebol/futsal passa por interessar o praticante ao conteúdo apresentado, motivando-o através de situações que explorem sua ludicidade, levem em consideração o seu repertório de movimentos, conduzam ao questionamento e a autonomia, onde se aprenda a jogar jogando.

Há várias estratégias metodológicas que proporcionam o ensino do futebol e do futsal, oriundas de várias concepções. O que deve ficar claro é que, antes deste momento, deve haver um “pano de fundo” que servirá para embasar as ações tomadas em determinados contextos. A simples transposição, como receituário, já indica uma

concepção enraizada na cópia, na reprodução e em uma dificuldade de trilhar o próprio caminho.

Conforme Garganta (1995), no processo de ensino-aprendizagem do jogo, há uma necessidade concreta de superar as soluções impostas e proporcionar situações de laboratório onde as experiências adquiridas podem servir como caminho para as respostas.

Quanto maiores forem as experiências adquiridas pelos alunos, maiores serão as chances de que ele venha a superar os problemas decorrentes no decorrer do jogo, ocasionando gradualmente um aumento nos níveis de confiança e no gosto pela prática esportiva, transformando a reprodução de técnicas em uma aventura na busca por respostas adequadas para determinados momentos.

O quadro 11 representa sucintamente, diferentes perspectivas de algumas abordagens metodológicas como possibilidade de contribuição em um repensar na prática pedagógica em contextos de escolinhas de futebol/futsal, apontando para as características e conseqüências de formas didático-metodológicas de abordagem do ensino do jogo, conforme a seguir.

Quadro 11 – Formas didático-metodológicas de abordagem do ensino do jogo:

	Forma centrada nas técnicas (soluções impostas)	Forma centrada no jogo formal (ensaio e erro)	Forma centrada nos jogos condicionados (procura dirigida)
C A R A C T E R I S T I C A S	Das técnicas analíticas para o jogo formal	Utilização exclusiva do jogo formal	Do jogo para as situações particulares
	O jogo é decomposto em elementos técnicos (passe, recepção, drible,...).	O jogo não é condicionado nem imposto	O jogo é decomposto em unidades funcionais; jogo sistemático de complexidade crescente.
	Hierarquização das técnicas (1º. a técnica A, depois a B, e assim por diante).	A técnica surge para responder a ações globais não orientadas	Os princípios do jogo regulam a aprendizagem
C O N S E Q U Ê N C I A S	Ações de jogo mecanizadas, pouco criativas; comportamentos estereotipados.	Jogo criativo, mas com base no individualismo; virtuosismo técnico contrastando com anarquia tática.	As técnicas surgem em função da tática, de forma orientada e provocada.
	Problemas na compreensão do jogo (leitura deficiente, soluções pobres).	Soluções motoras variadas, mas com inúmeras lacunas táticas e descoordenação das ações coletivas.	Inteligência tática: correta interpretação e aplicação dos princípios do jogo; viabilização da técnica e criatividade nas ações do jogo.

*Fonte: adaptado de Garganta, “Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos” in O ensino dos jogos desportivos (1995).

Desta forma, fica claro que algumas possibilidades são concretas, no que tange a uma superação de um modelo hegemônico a partir de pressupostos como a re-significação do jogo formal, em formas modificadas, contribuindo com outra perspectiva de entendimento do mesmo. Também se torna necessário promover uma aproximação maior entre os exercícios executados e o jogo em si, para contextualizar as ações, dando um sentido concreto para as mesmas, a partir da interpretação do próprio aluno.

4.11.3. Uma proposta de festival de jogos e uma negação de campeonatos e torneios formatados para estas categorias...

O Campeonato Estadual nestas modalidades é estruturado para crianças da categoria fralda e pré-mirim com os mesmos conteúdos e exigências com que é estruturado para atletas adultos pertencentes a equipes de rendimento ou de alto nível, sendo desenvolvido quase da mesma forma.

Os professores entrevistados admitem esta igualdade, afirmando que a adaptação dos alunos se dá de forma complicada, mas “com o tempo vai melhorando, os alunos vão se adaptando”. Houve uma manifestação contrária, afirmando que não deveria haver a competição de estaduais, mas “um meio de conhecimento, pois a criança gosta de viajar, conhecer”.

Há relatos de que o estresse da competição deste modelo acaba fazendo com que os alunos desistam, e conseqüentemente se “perca atletas”. Novamente se percebe, que a preocupação com uma modificação não é tanto em respeito aos alunos, mas para que não se ‘perca tantos atletas’.

O professor C analisou que a trave é muito grande, assim como o tamanho da quadra (por exemplo: 40x20) e citou a importância de haver uma adaptação como ocorre no voleibol, no basquete, ou compara com “a própria mudança da bola no futsal, que mudou depois de um tempo”. O campeonato é feito para os alunos em último ano na categoria. Este mesmo professor apontou para a sugestão de 4 tempos de 5 minutos, onde os alunos que não estão na idade limite de troca de categoria atuem em determinados tempos, a fim de que todos participem.

Modificações como estas, poderiam proporcionar uma facilidade maior para os alunos participarem destas competições, mas o que se propõe realmente é uma mudança de paradigma, refletindo sobre outras possibilidades de realização de eventos esportivos.

Propostas construídas por colegas poderiam vir a servir de referência em questões como estas, no que se refere ao desenvolvimento de orientações sobre formas de desconstruir/reconstruir os esportes, tais como Pires e Neves⁵⁸ (2002), Assis (2001), Dietrich, Dürrwächter e Schaller (1984), entre tantos outros que poderiam ser citados aqui.

Nesta questão, pode-se referir a uma proposta bastante interessante para ser refletida: Festivais de Jogos. Mas não os simples festivais, como comumente se observa, que são torneios padronizados disfarçados, como geralmente acontece.

O que se propõe são intercâmbios entre duas, três ou mais escolinhas, onde elas joguem entre si com várias formações, em vários momentos, com oportunidades distintas, conforme a seguir:

- Jogos de tempo reduzido, em torno de 15 minutos (pela experiência adquirida neste campo, parece que as crianças preferem, por exemplo, jogar em uma tarde quatro jogos de 10 minutos, do que um de 40 minutos);
- Jogo normal, constituído dos elementos presentes no próprio jogo;
- Construção conjunta de regras, onde se possa decidir sobre questões como tempo, espaço, materiais, limites e possibilidades, partindo de micro-contextos de aula, até uma plenária maior, onde os professores seriam os representantes dos alunos para estas mudanças, a partir das experiências de aula;

⁵⁸ Pires, G. L. & Neves, A. *O trato com o conhecimento esporte na formação em Educação Física: Possibilidades para sua transformação didático-metodológica* in Kunz (ORG), 2002.

- Jogos diferenciados, utilizando diferentes dimensões do campo de jogo, maior número de bolas, diferentes pesos e tamanhos, aumentando e diminuindo o tamanho das traves e o número de jogadores, com diferentes times de cada escolinha jogando entre si;
- Jogos combinados, onde os times são constituídos por alunos das diferentes escolinhas participantes, onde vários times seriam formados a partir da escolha dos próprios alunos (esta estratégia poderia ser repetida em vários momentos, a fim de possibilitar um aprendizado neste contexto), ou seja, proporcionar a formação de times que contenham determinado número de colegas de outras escolinhas;
- Confraternização em etapas, sendo uma etapa em cada uma das cidades das escolinhas participantes;
- Sistema de “adote”, já bastante conhecido, onde os alunos da escolinha-sede hospedariam alunos das escolinhas-visitantes;
- Isto não necessariamente precisa ser desenvolvido em cidades diferentes, mas em bairros e localidades dentro do próprio município;
- Distribuição igualitária dos alunos para participação nos eventos, independentemente dos níveis de habilidade, utilizando sistema de rodízio entre os alunos, se necessário.

Novamente, precisa estar claro que não se trata de receituários, mas sim de perspectivas concretas de pontos que podem servir para um novo entendimento, no que se refere ao esporte e as relações entre as pessoas. A estrutura dos campeonatos tradicionais (municipal, estadual, regional) é a mesma exigida para os adultos, e isso perpassa também

no que se refere ao treino de adultos e de crianças, acarretando exigências que os alunos ainda dificilmente estarão aptos a responder.

Há de se repensar estes contextos, no que tange a estas competições. Durante este estudo, acompanhamos várias etapas do estadual de futsal fralda e pré-mirim, e se percebeu verdadeiros absurdos cometidos, tanto por pais, como por treinadores.

Há casos, como referido anteriormente, de pais que chegam a ponto de trocar agressões físicas com pais de alunos de outro time. A torcida, a família, os árbitros, o adversário, o treinador, são elementos que corroboram para uma pressão tão grande, que não é raro vermos alunos saírem de quadra chorando ao serem substituídos, ou inconsoláveis após uma derrota. Acreditamos que nas idades referidas neste estudo, não é uma necessidade do aluno participar de provas como esta. Inclusive, o próprio trabalho do professor/treinador é questionado de acordo com o padrão hegemônico de cobrança, onde sua competência é medida através de suas conquistas, através do binômio “qualidade/vitória”. Em parte, isto é culpa do próprio professor, que corrobora com estas questões, assumindo um papel que não deveria ser o dele.

Relatos de casos como este, corroboram para uma reflexão sobre os caminhos que o esporte de rendimento vem tomando, introduzindo de forma cada vez mais precoce na vida das crianças elementos que deveriam estar presentes na vida de adultos. O técnico do São Paulo F.C., Osvaldo de Oliveira, em recente entrevista a um programa de televisão, confidenciou ter a necessidade de procurar auxílio psicológico para assimilar a pressão a que seu cargo é submetido. As equipes de ponta, de forma cada vez mais concreta, introduzem o trabalho de psicólogos para escoar um problema cada vez mais grave, que pode ter sua origem em situações como as citadas anteriormente. Inclusive, o

acompanhamento psicológico nos grandes clubes não é exclusividade dos atletas profissionais, sendo cada vez mais requisitado nas categorias inferiores.

Desta forma, o professor irá optar se este modelo será simplesmente reproduzido, ou através de propostas como a descrita anteriormente, construídas e reconstruídas em cada contexto, podemos evoluir em alguns pontos, humanizando as relações humanas perpassadas pelo gosto da prática esportiva.

Não se tem resposta pronta para este repensar, mas através de reflexões e de tentativas de ensaio-erro, podemos contribuir com uma retomada nos rumos que a ótica de mercado presente na civilização industrial introduz nas crianças que praticam esportes.

4.11.4. A problematização no contexto de escolinhas de futebol e de futsal...

O exercício da problematização nos contextos de aula pode se dar através de várias perspectivas: quer seja direcionada à resolução de problemas do jogo em si, que seja direcionada para a resolução de problemas e conflitos na natureza das relações humanas presentes na aula, ou em outras frentes.

Nos deteremos em dois pontos centrais de discussão, conforme a seguir:

1. Urge a necessidade de que seja oportunizado ao aluno decidir em conjunto ou co-participar nas decisões desenvolvidas nos contextos de aula, onde as alternativas e decisões são tomadas quase que exclusivamente pelo professor, e cabe ao aluno realizar o procedimento determinado por este. Através de pequenas rupturas temporais no desenvolvimento dos acontecimentos de aula, é possível interagir na perspectiva de buscar soluções, proporcionando ao aluno um laboratório, onde ele possa agir como co-autor no

processo decisório. Pequenas conversas podem contribuir nesta questão, e deve estar claro, que o engajamento por parte do aluno, a partir de possibilidades de decisão é muito maior do que através de decisões impostas, já que desta forma, ele pode se sentir parte integrante e transformadora do processo. O professor não irá por isso, perder sua autoridade, mas sim, democratizará as relações, trocando o simples procedimento autoritário pela autoridade do conhecimento. Não haverá inversões de papéis, mas um caminho que levará a um exercício constante de cidadania.

2. Problematizar a relação do aluno com as situações de jogo, passando a colocá-lo perante situações significativas, apropriadas para o desenvolvimento e conhecimento do jogo, onde conforme Graça (1995), o professor possa identificar as experiências de jogo que os alunos possuem e colocar estes conceitos em xeque, com o intuito de criar um conflito, e que este desequilíbrio possa contribuir na busca de novas soluções e respostas, e ainda, podemos acrescentar, na busca de novas perguntas. Neste caso, os erros dos alunos devem servir de matéria para o professor. Desta forma, o professor poderá auxiliar os alunos na elaboração das respostas, sugerindo, corrigindo e/ou comentando, para, gradativamente ir diminuindo o apontamento de direções, contribuindo com o aumento da capacidade de leitura do jogo. Deve ficar claro, que todas as situações do jogo são problemas que o aluno deverá superar através de tentativas, que irão constituindo seu corpo de conhecimento referente ao futebol e ao futsal. Desta forma, quanto maior forem suas experiências, maior serão as chances de que ele venha a resolver os problemas que se apresentarem a ele durante o jogo. Por isso, é necessário que o professor abra mão das velhas receitas de exercícios técnicos e se aproprie de elementos que possam servir de

processos contextualizados de aprendizagem, onde o maior número de elementos do jogo esteja presente, a fim de estreitar as relações entre o jogo e o jogador.

4.12. Para um novo papel das escolinhas de futebol e futsal...

Neste estudo, procuramos deixar claro que a prática pedagógica em escolinhas de futebol e de futsal necessita ser direcionada para um rumo que a torne realmente educativa, onde as crianças sejam tratadas como crianças e não como mini-atletas. Há a necessidade de repensar as ações desenvolvidas nestes contextos de ação no intuito de estabelecer uma diferença de procedimentos e a relação com o esporte de alto nível seja percebida apenas como referência, onde os conteúdos, processos e meios sejam diferentes não apenas na intensidade, mas sim na essência, no teor dos procedimentos e na profundidade do comprometimento com um projeto que permita a construção de situações que contribuam com a formação de um ser humano competente, crítico e responsável em todas as frentes em que atuar, inclusive no esporte de alto rendimento.

O comprometimento dos contextos de ação deve refletir sobre o ensino do futebol e de seu arcabouço de conhecimentos específicos como um meio educativo, e não como um fim.

Não se trata de negar toda uma perspectiva de prática, mas de buscar uma outra dimensão de entendimento do fenômeno esportivo, que procure entender as diferenças entre o mundo adulto e o mundo infantil. Pensamos em um estudo que aprofunde a perspectiva do lúdico no esporte, onde este, conforme Assis (2001), possa resgatar a possibilidade de uma “reinvenção do esporte”.

Neste sentido, novos estudos podem apontar para os diversos caminhos trilhados nesta dissertação, abordando de forma mais profunda, temas como a questão de gênero neste campo, o relacionamento entre pais, alunos e professores, o papel da mídia e das federações/confederações, entre tantos outros temas que poderiam ser abordados, contribuindo imensamente com este campo da Educação Física e dos Esportes.

A partir disso, um novo papel se construiria nas práticas desenvolvidas em escolinhas de futebol e de futsal, papel este que necessariamente deveria ser construído por cada contexto, com a participação de cada professor, de cada aluno, onde seja levado em consideração as reais necessidades de cada contexto, tendo o esporte de alto rendimento apenas como uma referência do mundo dos adultos, e a perspectiva de entendimento do esporte infantil possa ser respeitada e cultivada, para manter pelo maior tempo possível à aura mágica da simplicidade presente em uma criança chutando uma bola.

*Nossa história não estará pelo avesso assim, sem final feliz,
teremos coisas bonitas pra contar;
E até lá, vamos viver, temos muito ainda por fazer, não olhe pra
trás, apenas começamos, o mundo começa agora;
Apenas começamos,...*

Legião Urbana; “Metal contra as nuvens”.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES PARA UM NOVO (RE) COMEÇAR

Talvez, a maior das conclusões deste estudo seja de que ele ainda está apenas em fase embrionária, ou seja, o tema gira em torno de uma complexidade que torna desnecessário detalhar sobre a impossibilidade de traçar considerações finais. Portanto, de forma alguma temos a pretensão de concluir uma experiência tão rica quanto à construção deste trabalho. Concordando com Paulo Freire, “eu me apaixono não só pelo mundo, mas pelo próprio processo curioso de conhecer o mundo” (1991 p.92).

Desta forma, materializamos neste momento alguns entendimentos temporários sobre esta caminhada, que apenas faz uma breve parada, a fim de que companheiros com uma trajetória mais longa possam contribuir com as perspectivas de entendimento aqui explicitadas.

Cabe lembrar que a construção deste estudo teve por prerrogativa básica lançar um novo olhar sobre a prática pedagógica em um campo que tem crescido substancialmente nas esferas de nossa sociedade contemporânea: as escolinhas de futebol e futsal.

Em momento algum se teve a pretensão de ensinar como colegas de profissão devem trabalhar, principalmente pelo respeito que se tem por estes companheiros, mas sim, traçar algumas orientações a respeito das experiências vividas neste contexto. Desta forma, as considerações aqui traçadas, não podem em hipótese alguma ser repassadas ou assimiladas de forma “missionária”, mas sim, servirem de ponto de partida, serem refletidas e questionadas em cada situação específica, onde as ações precisam estar de acordo com cada contexto e articuladas pelo comprometimento que transcenda a já complexa ação de ensinar o futebol e o futsal.

Tornou-se clara a dificuldade de embasar as práticas adotadas nos contextos de ação, devido ao empirismo quase que absoluto e a estratégias em sua maioria oriundas de uma concepção tradicional de esporte e de educação.

Há a necessidade de que as escolinhas definam suas linhas de ação e assumam suas concepções, de forma coerente, pois o pior discurso é aquele que fala de acordo com o que se espera dele, e não de acordo com suas convicções. Para tal, é de suma importância que estas estruturas definam um projeto político e pedagógico que sirva, não de dogma, mas sim de norte, que possa ser avaliado, questionado e reavaliado constantemente, possibilitando uma esfera de laboratório permanente.

Urge que os professores tenham acesso a propostas de ensino embasadas em uma concepção diferenciada de esporte, tais como Hildebrandt/Laging e as *Concepções abertas em aulas de Educação Física* (1986), o Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM e a *Visão Didática da Educação Física* (1991), o Coletivo de Autores e a *Metodologia do ensino da Educação Física* (1992), Elenor Kunz e *A transformação didático-pedagógica do esporte* (1994), entre outros que podem contribuir decisivamente com perspectivas transformadoras neste processo.

Como pano de fundo, há a necessidade de trazer para a discussão algumas perspectivas de entendimento mais amplas sobre esporte e educação⁵⁹, contribuindo decisivamente em uma concepção de esporte e de educação que possa dar conta de proporcionar um entendimento menos sectário e mais profundo sobre esta realidade concreta da estrutura social contemporânea.

O papel pertinente às escolinhas está mais ligado ao ensino do futebol e do futsal enquanto fim, do que como um meio, com uma preocupação (mais explícita ou menos explícita) de revelar talentos, sendo que esta foi uma tendência explicitada de forma muito clara nas situações interpretadas nas entrevistas e nas observações.

Percebemos que a condução das aulas se dá basicamente através de exercícios e procedimentos pedagógicos que envolvem os fundamentos técnicos específicos. Basicamente os fundamentos são ensinados através do método parcial e após são colocados em jogos (recreativos ou não), até chegar ao jogo final.

A emoção e o prazer presentes em crianças jogando bola não podem ser substituídos somente pela pressão de ‘fazer certo’, mas sim, devemos fomentar a imensa teia de relações presentes nestes contextos, as riquezas nas relações humanas e principalmente, a imensa paixão que a prática do futebol e do futsal despertam, lembrando que o certo e o errado são questões que são muito relativas. Um “gol de canela” pode ser tão emocionante quanto um “gol de placa”, dependendo do autor e da situação. Neste caso, chutar de canela, nem sempre é tão errado assim, portanto, deve-se problematizar a situação concreta das limitações e possibilidades presentes em cada contexto, e deixar um pouco de lado as velhas receitas, e pensar no que se torna melhor para cada situação. Ora, se as

⁵⁹ Tais como Paulo Freire, Saviani, Gadotti, Kunz, Castellani Filho, Bracht, Shigunov, entre outros.

pessoas que compõe cada contexto são diferentes, os procedimentos também devem ser diferentes.

Precisa estar claro que não é necessário suprimir o conhecimento técnico-instrumental, mas sim, utilizá-lo como um meio, uma ferramenta, e não como fim.

Desta forma, evidenciamos a preocupação em continuar acreditando que meninos destas idades devem ter **aula de futebol ou futsal** ao invés de treino, devem **jogar bola** ao invés de participar do coletivo, devem estar inseridos no **mundo do brinquedo**, ao invés de, cada vez mais precocemente, inserir-se no mundo do trabalho e o papel do coordenador deste processo deve pertencer a um **professor** e não a um instrutor ou treinador.

O futebol e o futsal podem ser tratados nos contextos de iniciação como **jogo de bola com os pés**, onde à distância entre estes dois esportes seja diminuída em nome de uma ampliação da capacidade de interpretação de um fenômeno tão complexo como a paixão destes esportes em nosso País.

E o mais importante, é perceber que não se trata de negar a perspectiva do rendimento, mas sim, humanizar, ressignificar, transformar. É bom render mais, pois como já referimos anteriormente, alguém que procura uma escola de música para aprender a tocar saxofone, está disposto a melhorar seu rendimento neste aspecto. O que se procura refletir é para que melhorar o rendimento, para quem e de que forma. Este “render mais” necessita estar contextualizado com o próprio ser humano, e não ser imposto a partir de referências externas, demonstrando que alguém “quer” que alguém renda.

As novas experiências, a resolução autônoma de problemas, enfim, a imensa gama de possibilidades presentes nestes contextos podem servir de caminhos a um “render mais”, vinculados a uma referência infantil de esporte, e não a um modelo adulto, como geralmente é imposto aos alunos.

Urge a necessidade de que os alunos possam co-participar no processo de construção das aulas e suas necessidades e reais objetivos possam vir à tona, através do desenvolvimento de uma relação de responsabilidades entre professores, alunos, pais e diretores. Desta forma, os alunos precisam ser mais ouvidos, o diálogo deve estar mais presente neste contexto.

Procuramos evidenciar a preocupação em não mostrar apenas COMO fazer, mas sim, explicitar uma preocupação mais ampla e profunda sobre este tema, traçando um alicerce de entendimento que pode contribuir com futuros trabalhos, estudos e vivências, que se aventurarem a navegar nas águas nem sempre limpas da iniciação esportiva.

De acordo com Demo (1994), temos clareza sobre a inutilidade em defender ferrenhamente teorias, pois as teorias, a rigor, não se fazem para ser defendidas, mas para questionar e serem questionadas, abrindo espaços para a dúvida, a inferência, tratando o conhecimento como algo sempre provisório.

Portanto, este estudo pretendeu abrir caminho para novos ‘olhares’, que possam analisar questões pouco investigadas nesta área, como por exemplo, a subjetividade e a sua relação com o esporte, ou mais especificamente o futsal e o futebol. Ou, questionar se, nas categorias de base, há espaço para o exercício do “sentir” o jogo, para o transcender a racionalização humana para uma dimensão mais complexa e mais ampla de percepção.

Esperamos que este trabalho possa significar um avanço para uma perspectiva de entendimento mais crítica e reflexiva sobre o ensino do futebol e do futsal em escolinhas de futebol. A pressão pelo resultado de quadra ou de campo necessita passar longe do jogo infantil, onde direção, pais, professores e mídia devem focalizar esta tendência ao mundo dos adultos, ou quando muito, dos adolescentes, mas nunca com crianças que se encontram em fase tão tenra de sua vida.

Historicamente, condicionamos as crianças a ver o mundo pelos olhos dos adultos, e estas passam a viver o mundo como este lhes é apresentado, ou seja, através de uma intelectualização excessiva, onde a razão passa a ser o único meio de ver as coisas do mundo e a produtividade é a modo de vida.

Torna-se fundamental que os professores que atuam diretamente nos contextos de iniciação repensem sua prática, no intuito de possibilitar um desenvolvimento mais harmonioso, e que em qualquer ambiente onde se encontrem, as crianças tenham o direito de serem crianças pelo tempo que desejarem, sem a imposição de modelos de comportamento e de regras que não foram construídas por crianças e nem são destinadas para crianças.

Finalizando, esperamos que este estudo tenha possibilidades de contribuir com o ensino do futebol e do futsal, através de uma perspectiva diferenciada de ação e reflexão, onde a instrumentalização tenha a relevância necessária, constituindo uma das dimensões do processo de ensino-aprendizagem, e não a única, para que as escolinhas de futebol e de futsal possam realmente contribuir com princípios que auxiliem no desenvolvimento concreto de seres humanos comprometidos com seu próximo e com uma transformação da estrutura social, a fim de torná-la mais justa, mais sábia, enfim, mais humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adorno, Theodor W. (1995). *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Editora Terra e Paz
- Almeida, Ana Cristina P. C. e Shigunov, Viktor. (2000). A atividade lúdica infantil e suas possibilidades. *In: Revista da Educação Física – UEM*. Maringá: v.11, No. 01 (pp 69-76)
- Anjos, Rubens F. (1990). *Futebol: Regras – Esquemas táticos – Posições e funções*. São Paulo: Rumo.
- Assis, Sávio. (2001). *A reinvenção do esporte: Possibilidade da prática pedagógica*. Campinas: Autores Associados.
- Azevedo, Edson S. (2001). *O agir pedagógico dos professores de Educação Física no ensino técnico federal do estado do Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado. Centro de Desportos. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Betti, Mauro. (1996). *Violência em campo*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Bromberger, C. (2002). *Caderno de Esportes* in *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, Edição de 14/04/2002.
- Baecker, Ingrid M. (1996). *Identitätsforderung im Bewegungs Unterricht Brasilianischer Grundeschulen*. Zur erlangung des Doktorgrades der Sportwissenschaft im Fachbereich sport Wissenschaft der Universität Hamburg. Hamburgo.
- Baecker, Ingrid M. & Rezer, Ricardo. (1994). Educação Física: as Oportunidades Existem, nós Sabemos Aproveitá-las. *Revista Kinesis*. Santa Maria: UFSM.(pp 09-16)
- Bracht, Valter. (1992). *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre: Ed. Magister.

- Bracht, Valter (2000). Esporte na escola e esporte de rendimento. *Revista Movimento*. Ano VI – No. 12 - 2000/1. Porto Alegre.
- Castellani Filho, Lino. (1998). *Política educacional e educação física*. Campinas: Autores Associados.
- Chagas, Mauro H. & Rosa, Marcelo. (1998) Futebol de campo. In *Iniciação esportiva universal – 2. Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Coletivo de Autores. (1992). *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez Editora.
- Dieckert, Jurgen. (1987). A Educação Física no Brasil - A Educação Física Brasileira. In: Escobar, M. O e Taffarel, C.N.Z. *Metodologia Esportiva e Psicomotricidade*. Recife.
- Dietrich, Knut e Landau, G. (1990). *SportPädagogik*. Rowohlt. Hamburg.
- Demo, Pedro. (1987). *Introdução a Metodologia da Ciência*. São Paulo: Ed. Atlas.
- Demo, Pedro. (1989). *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Ed. Atlas.
- Demo, Pedro. (1994). *Pesquisa e construção do conhecimento: Metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro.
- Demo, Pedro. (1995). *ABC: Iniciação à competência reconstrutiva do professor básico*. Campinas: Ed. Papirus.
- Elias, Norbert (1992). Introdução in: Elias, Norbert & Dunning, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Fensterseifer, Alex C. B. (1993). *Qualidade total em escolinhas de futebol*. Monografia de Especialização. Centro de Educação Física e Desportos. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

- Ferreira, Marcelo G. (1996). Educação Física escolar, esporte e recurso audiovisual: O videoteipe in *Comunicação, movimento e mídia na educação física*. Santa Maria: Editora Palotti.
- Freire, Paulo. (1981). *Pedagogia do Oprimido*. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro (RJ).
- Freire, Paulo. (1994). *Professor sim, tia não*. Editora Olho D'água. São Paulo.
- Freire, Paulo. (1994). *Educação e Mudança*. Editora Paz e Terra S.A. São Paulo (SP).
- Freire, Paulo. (1991). *A educação da cidade*. São Paulo: Cortez Editora.
- Garganta, Júlio. (1995). Para uma teoria dos esportes coletivos. In *O ensino dos jogos desportivos*. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto (POR).
- Garganta, Júlio & Pinto, Jorge (1995). O ensino do futebol. In Graça, Amândio e Oliveira, José. (ORG). *O ensino dos jogos desportivos*. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto (POR).
- Gil, Antônio C. (1994). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas.
- Gonçalves, Maria Augusta S. (1986). Reflexões sobre as aulas de Educação Física in *Revista Kinesis*. Santa Maria: UFSM.
- Graça, Amândio e Oliveira, José. (1995). *O ensino dos jogos desportivos*. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto (POR).
- Graça, Amândio (1995). Os comos e os quando no ensino dos jogos. In Graça, Amândio e Oliveira, José. (ORG). *O ensino dos jogos desportivos*. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto (POR).

- Grando, José C. (2001) As concepções de corpo no Brasil a partir de 30 - in *A (des) Construção do Corpo*. Blumenau: Edifurb.
- Greco, Pablo J. (ORG) (1998). *Iniciação esportiva universal – 2. Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM (1991). *Visão Didática da Educação Física*. Editora ao Livro Técnico. Rio de Janeiro (RJ).
- Hildebrandt, Reineir e Laging, Ralph. (1986). *Concepções Abertas no Ensino da Educação Física*. Editora Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro (RJ).
- Hildebrandt, Reiner - Stramann. (2001). *Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física*. Editora Unijuí: Ijuí.
- Huizinga, Johan. (1996). *Homo Ludens*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Jornal Zero Hora (2001). Um drama social in *Caderno de Esportes*. Porto Alegre, Edição de 23/10/2001.
- Kunz, Elenor. (1991). *Educação Física: ensino e mudanças*. Ijuí: Unijuí Editora.
- Kunz, Elenor. (1994). *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*. Ijuí: Unijuí Editora.
- Kunz, Elenor. (ORG.). (1998). *Didática da Educação Física - 1*. Coleção Educação Física. Ijuí: Unijuí Editora.
- Kunz, Elenor. (ORG.). (2002). *Didática da Educação Física - 2*. Coleção Educação Física. Ijuí: Unijuí Editora.
- Lucena, Ricardo L. (1998). *Futsal e a iniciação*. 3ª. Edição. Editora Sprint: Rio de Janeiro.
- Lüdke, André & André, Marli E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Melo, Rogério S. (1999). *Sistemas e tática para o futebol*. Editora Sprint: Rio de Janeiro.

- Oliveira, Vítor Marinho. (1993) *O que é Educação Física*. Coleção Primeiros Passos. 9ª. Edição. São Paulo: Brasiliense.
- Ostermann, Rui Carlos. (1998). *O nome do jogo*. Porto Alegre: Livraria Palmarinca Editora.
- Piaget, Jean. (1992). *O Juízo Moral da Criança*. Ed Sumus. São Paulo (SP), 1994.
- Queiroz, Maria Isaura Pereira de (1991). *Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Rinaldi, Wilson. (2000). Futebol: Manifestação cultural e ideologização. In: *Revista da Educação Física – UEM*. Universidade Estadual de Maringá: v.11, No. 01 (pp167-172).
- Reis, Heloísa B. (1994). *O ensino dos jogos coletivos esportivos na escola*. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação Física e Desportos, UFSM, Santa Maria.
- Rezer, Ricardo. (1997). *A construção conjunta em aulas de Educação Física: uma análise sobre esta possibilidade*. Monografia. Santa Maria: UFSM.
- Rezer, Ricardo. (1997). *Educação Física - Um Estudo sobre suas possibilidades nas Séries Iniciais*. Apostila de Curso Ministrado. Frederico Westphalen. Secretaria Municipal de Educação e Cultura - SMEC.
- Rudio, F.V. (2000). *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Saad, Michel. (1997). *Futsal – Iniciação técnica tática – Sugestões para organizar sua equipe*. Santa Maria: Mas Editor.
- Shigunov, Viktor e Pereira, V.R. (1993). *Pedagogia da Educação Física: O esporte coletivo na escola – Os componentes afetivos*. São Paulo: IBRASA.
- Shigunov, Viktor e Shigunov Neto, Alexandre. (2001). *A formação profissional e a prática pedagógica – Ênfase nos professores de educação física*. Londrina: Midiograf

- Shigunov, Viktor; Dorneles, Cléia I. R. & Nascimento, Juarez V. (2002) O ensino da Educação Física: A relação entre teoria e prática - in *Educação Física – Conhecimento teórico X Conhecimento prático*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- Soares, Carmem Lúcia. (1994). *Educação Física – Raízes Europeias e Brasil*. Editora Autores Associados: Campinas.
- Soares, Carmem Lúcia (2001) Corpo, conhecimento e educação: Notas esparsas in *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados (pp 109-130).
- Souza, Pablo Ramon C. & Leite, Túlio Max F. (1998). Futsal. In *Iniciação esportiva universal – 2. Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Souza, Júlio César C. (2001). *A transformação do futebol brasileiro: Avanços e recuos na sua modernização e repercussões nas categorias de base*. Dissertação de Mestrado. Centro de Desportos. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Tavares, Fernando. (1995). O processamento de informação nos jogos desportivos. In *O ensino dos jogos desportivos*. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto (POR).
- Triviños, A.N.S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais – A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Editora Atlas.
- Unzelte, Celso. (2002). *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro.
- Viana, Adalberto Rigueira Et Al. (1987) *Futebol*. Rio de Janeiro: Sprint.
- Volpato, Gildo (2002). *Jogo, brincadeira e brinquedo – Usos e significados no contexto escolar e familiar*. Florianópolis: Cidade Futura.
- Vozer, Rogério. (2001). *Futsal – Princípios técnicos e táticos*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.

Witter, José Sebastião. (1990). *O que é futebol*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense.

ANEXOS

ANEXO 01
CARTA DE APRESENTAÇÃO AO
COORDENADOR DA ESCOLINHA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS**

**Coordenação de Pós-Graduação em Educação Física
Curso de Mestrado**

Campus Universitário – Trindade – Florianópolis (SC) – CEP 88040-900

Fone/Fax – (0XX) 48-331-9792

viktor@cds.ufsc.br / rrezer@hotmail.com



Ilmo Sr...

Coordenador da ESCOLINHA...

Chapecó - SC

Prezado Senhor, estou realizando uma pesquisa intitulada **“ESCOLINHAS DE FUTEBOL / FUTSAL NA CIDADE DE CHAPECÓ - A PRÁTICA PEDAGÓGICA E PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO”**, como projeto de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Prof. Dr. Viktor Shigunov.

Esta investigação tem por premissa básica materializar princípios norteadores de procedimentos metodológicos e pedagógicos que possam servir de pressupostos superadores, contribuindo com o processo de desenvolvimento da prática pedagógica em escolinhas de futebol e futsal, a partir da leitura da realidade em contextos específicos na cidade de Chapecó (SC).

Devido à relevância do trabalho desenvolvido nesta Escolinha, solicito a sua colaboração no sentido de viabilizar a realização da coleta de dados, autorizando o processo de investigação neste contexto, no que se refere à observação e protocolo de aulas, bem como a aplicação de entrevistas.

Informo que os procedimentos de investigação não afetarão o desenvolvimento de suas atividades. Além disso, será mantido sigilo das informações obtidas, bem como, o anonimato da procedência dos dados coletados.

Acredito que este estudo poderá ser um referencial no ensino em escolinhas de futebol e futsal no estado de Santa Catarina e Sul do Brasil, na busca de trazer contribuições a este contexto de ensino/aprendizagem extremamente amplo e complexo.

Certo de contar com sua colaboração para a concretização deste estudo, agradeço antecipadamente a atenção dispensada, abrindo a possibilidade para quaisquer esclarecimentos (E-mail: rrezer@hotmail.com e viktor@cds.ufsc.br).

Chapecó, agosto de 2002.

RICARDO REZER
Professor Campus Chapecó
Mestrando UFSC

ANEXO 02
CARTA DE APRESENTAÇÃO AO
PROFESSOR DA ESCOLINHA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenação de Pós-Graduação em Educação Física
Curso de Mestrado



Campus Universitário – Trindade – Florianópolis (SC) – CEP 88040-900
Fone/Fax – (0XX) 48-331-9792

viktor@cds.ufsc.br / rrezer@hotmail.com

Ilmo Sr...
Professor da ESCOLINHA...
Chapecó - SC

Prezado Senhor, estou realizando uma pesquisa intitulada **“ESCOLINHAS DE FUTEBOL / FUTSAL NA CIDADE DE CHAPECÓ - A PRÁTICA PEDAGÓGICA E PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO”**, como projeto de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Prof. Dr. Viktor Shigunov.

Esta investigação tem por premissa básica materializar princípios norteadores de procedimentos metodológicos e pedagógicos que possam servir de pressupostos superadores, contribuindo com o processo de desenvolvimento da prática pedagógica em escolinhas de futebol e futsal, a partir da leitura da realidade em contextos específicos na cidade de Chapecó (SC).

Devido à relevância do trabalho desenvolvido nesta Escolinha, solicito a sua colaboração no sentido de viabilizar a realização da coleta de dados, autorizando o processo de investigação neste contexto, no que se refere à observação e protocolo de aulas, bem como a aplicação de entrevistas.

Informo que os procedimentos de investigação não afetarão o desenvolvimento de suas atividades. Além disso, será mantido sigilo das informações obtidas, bem como, o anonimato da procedência dos dados coletados.

Acredito que este estudo poderá ser um referencial no ensino em escolinhas de futebol e futsal no estado de Santa Catarina e Sul do Brasil, na busca de trazer contribuições a este contexto de ensino/aprendizagem extremamente amplo e complexo.

Certo de contar com sua colaboração para a concretização deste estudo, agradeço antecipadamente a atenção dispensada, abrindo a possibilidade para quaisquer esclarecimentos (E-mail: rrezer@hotmail.com e viktor@cds.ufsc.br).

Chapecó, agosto de 2002.

RICARDO REZER
Professor Campus Chapecó
Mestrando UFSC

ANEXO 03

**DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E PARECER DO COORDENADOR DA
ESCOLINHA ENVOLVIDA NO ESTUDO**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenação de Pós-Graduação em Educação Física
Curso de Mestrado
Área Teoria e Prática Pedagógica



**DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E PARECER DO COORDENADOR
DA ESCOLINHA ENVOLVIDA NO ESTUDO**

Declaro para os devidos fins, que como Coordenador da Escolinha CLUBE RECREATIVO CHAPECOENSE, estou ciente de que os alunos e professores desta Escolinha poderão vir a fazer parte do estudo “**ESCOLINHAS DE FUTEBOL / FUTSAL NA CIDADE DE CHAPECÓ - A PRÁTICA PEDAGÓGICA E PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO**”, contribuindo com a coleta de dados desta investigação. Após a análise do estudo e tendo a clara compreensão de seus objetivos, sou de parecer favorável a sua realização.

Chapecó, agosto de 2002.

Coordenador da Escolinha
Assinatura e Carimbo

ANEXO 04
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
DO PROFESSOR



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor...

Considerando a resolução no. 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, temos o prazer de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada **“ESCOLINHAS DE FUTEBOL / FUTSAL NA CIDADE DE CHAPECÓ - A PRÁTICA PEDAGÓGICA E PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO”**, como projeto de dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Esta investigação tem por premissa básica materializar princípios norteadores de procedimentos metodológicos e pedagógicos que possam servir de pressupostos superadores, contribuindo com o processo de desenvolvimento da prática pedagógica em escolinhas de futebol e futsal, a partir da leitura da realidade em contextos específicos na cidade de Chapecó (SC).

A metodologia prevê a coleta de dados junto a sua turma através da observação de três (03) aulas da categoria fralda e três (03) aulas da categoria pré-mirim, realizadas no segundo semestre de 2002. Além disso, será aplicada uma entrevista com o senhor, professor da categoria analisada. Deixamos claro que os procedimentos de investigação não afetarão o desenvolvimento das atividades. Além disso, será mantido sigilo das informações obtidas, bem como, o anonimato da procedência dos dados coletados. As informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para o desenvolvimento desta pesquisa.

De acordo com o esclarecido, aceito colaborar (participar) na realização da pesquisa **“ESCOLINHAS DE FUTEBOL / FUTSAL NA CIDADE DE CHAPECÓ - A PRÁTICA PEDAGÓGICA E PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO”**, estando devidamente informado sobre a natureza da pesquisa, objetivos propostos e metodologia utilizada.

Chapecó, ___ de _____ de 2002.

Professor da Escolinha

ANEXO 05
QUESTIONÁRIO DE PERFIL



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS**

**Coordenação de Pós-Graduação em Educação Física
Curso de Mestrado**

Campus Universitário – Trindade – Florianópolis (SC) – CEP 88040-900

Fone/Fax – (0XX) 48-331-9792

mestrado@cds.ufsc.br / rezer@hotmail.com



QUESTIONÁRIO DE PERFIL

Nome da Escolinha:.....

Data de Fundação:

Natureza: Futebol () Futsal ()

Endereço:

Natureza Social: () Associação/Clube () Privada () Pública () Convênio

Sede: () Própria () Convênio () Alugada

Local das Aulas / treinos:

Pagamento de Mensalidades: () Não () Sim - Valor R\$ _____

Coordenador/Responsável:

Data de Nascimento:

Formação:

Número total de professores da Escolinha:

Formação dos Professores:

Categorias que a Escolinha possui:

.....

Número de alunos:

Total Matriculado: _____ (idade: _____)

Categoria Pré-Mirim: _____ (idade: _____)

Categoria Fralda: _____ (idade: _____)

Categoria Fralda:

Objetivos da Categoria:

.....

.....

Número de Turmas:

Horários:

Categoria Pré-Mirim:

Objetivos da Categoria:.....

.....

.....

Número de Turmas:

Horários:

Professor Categoria Fralda:

Formação:

Professor Categoria Pré-Mirim:

Formação:

Filiada a Federação Catarinense de Futsal ou Futebol: () Sim () Não

Participa do Campeonato Estadual de 2002: () Sim () Não

Categorias participantes:

Como é feita a distribuição dos alunos nos jogos e eventos que a escolinha participa?

.....

.....

.....

.....

Concepções básicas da Escolinha (linha de atuação, no que se refere a seus objetivos):

.....

.....

.....

.....

ANEXO 06
HORÁRIOS DE OBSERVAÇÃO DAS ESCOLINHAS

HORÁRIO DE AULA / OBSERVAÇÃO:

ESCOLINHA A

FRALDA: SEGUNDA (19:30/20:30)

PRÉ-MIRIM: SEGUNDA (20:30/21:30)

HORÁRIO DE AULA / OBSERVAÇÃO:

ESCOLINHA B

FRALDA: TERÇA (09:45/10:45)

PRÉ-MIRIM: TERÇA (10:45/11:45)

HORÁRIO DE AULA / OBSERVAÇÃO:

ESCOLINHA C

FRALDA / PRÉ-MIRIM: TERÇA (14:00/16:00)

HORÁRIO DE AULA / OBSERVAÇÃO:

ESCOLINHA D

FRALDA: QUINTA (10:00/10:45)

PRÉ-MIRIM: QUINTA (09:00/10:00)

HORÁRIO DE AULA / OBSERVAÇÃO:

ESCOLINHA E

FRALDA / PRÉ-MIRIM: QUINTA (14:30/16:00)

HORÁRIO DE AULA / OBSERVAÇÃO:

ESCOLINHA F

FRALDA: SEGUNDA (17:30/18:30)

PRÉ-MIRIM: QUARTA (17:30/19:30)

ANEXO 07
RELAÇÃO DE DOCUMENTOS DISPONIBILIZADOS

KIT 1 – P/ COORDENADORES DAS ESCOLINHAS

Carta de Apresentação;
Declaração de Livre Esclarecido;
Resumo;
Questionário de Cadastro;
Preenchimento do Quadro de Horários.

KIT 2 – P/ PROFESSORES DAS ESCOLINHAS

Carta de Apresentação;
Declaração de Livre Esclarecido;
Resumo;
Roteiro da Entrevista.

ANEXO 08
ROTEIRO DE TEMAS PARA ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
Coordenação de Pós-Graduação em Educação Física
Curso de Mestrado - Área Teoria e Prática Pedagógica

**ESCOLINHAS DE FUTEBOL / FUTSAL NA CIDADE DE CHAPECÓ
(SC) - SUA PRÁTICA E PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO**

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA PROFESSORES

* Escolinha _____ () Futebol () Futsal. Data __/__/__

1º. Momento

- Experiências de vida no que se refere ao futebol / futsal;
- A partir destas vivências, como acontece o processo de ensino da técnica, da tática, das regras, e dos sistemas de jogo, no desenvolvimento das aulas; (como é o desenvolvimento das aulas com relação a estes aspectos);
- Relação existente entre técnica e tática;
- Importância da preparação física neste contexto de iniciação;
- Relação entre o ensino do futsal / futebol em escolinhas e o contexto de alto nível - o ensino do futebol para crianças obedece aos mesmos princípios do treinamento de adultos? (como se dá o processo de adequação de conteúdos, a ponte...).
- Campeonato Estadual é estruturado para crianças da Categoria Fralda e Pré-mirim com os mesmos conteúdos e exigências com que é estruturado para atletas adultos pertencentes a equipes de rendimento ou de alto nível, sendo desenvolvido quase da mesma forma... (Modelo de esporte adulto x modelo de esporte infantil)
- Há espaço ainda no contexto atual das escolinhas e categorias de base para o desenvolvimento da criatividade, da espontaneidade, da liberdade de gestos ('certos' ou 'errados')... A história do futebol e mais recentemente a do futsal está repleta de exemplos a respeito da criatividade (em muitos casos, chamada de malandragem) presente em vários momentos, inclusive, estando inerente ao conceito popular deste esporte... Isto ainda é possível?

2º. Momento

- Projeto ou documento materializando sua finalidade, seus objetivos e perspectivas de desenvolvimento;
- Relação entre Teoria e Prática;

- Objetivos das aulas e da escolinha, no que se refere à categoria Fralda;
- Objetivos das aulas e da escolinha, no que se refere à categoria Pré-Mirim;
- Preocupação em fundamentar sua prática pedagógica através de um lastro referencial teórico - Quais as leituras consideradas mais importantes?
- Distribuição dos alunos para participação em eventos esportivos, campeonatos e torneios...
- Entendimento sobre aspectos como:
 Seleção ('fracos e fortes'), "como na vida?"...
 Instrumentalização (ensinar os conteúdos a fim de que o aluno saiba jogar melhor), "alunos mais fortes..."
 Especialização (instrumentalização específica, a fim de render mais...),
 Rendimento (máximo individual e coletivo, para a conquista,...),
- O que você acha da participação dos pais neste contexto?

3º. Momento

- Esporte considerado como fenômeno cultural...
- Entendimento sobre o esporte massificado e seletivo...
- O esporte, independentemente do contexto, pode ser percebido como um meio educacional? Ou seja, ele sempre se torna educativo?
- O que você pensa sobre a pressão por vitórias, exercida por pais, direção, patrocinadores, e como ela interfere em seu trabalho e na participação dos alunos, ou você considera isto normal, já que se trata do esporte, e, portanto isto é assim mesmo?
- Papel da escolinha de futebol / futsal; e o grande número de escolinhas existentes...
- Há algum tempo atrás os jogadores eram oriundos da várzea. Hoje isto está se transformando (ver Kaká, Ronaldinho,...), pois os jogadores fazem carreira nas escolinhas e categorias de base. Como você percebe esta transformação?
- Quais as contribuições que propostas como este estudo poderiam trazer para a prática pedagógica de professores que trabalham no dia a dia com alunos de escolinhas de futebol / futsal? Anseios dos professores...

ANEXO 09
PROTOCOLO DE OBSERVAÇÕES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS

Nome da Escolinha _____
Professor _____
Número de Alunos Presentes _____ Obs. Número _____ Data _____

TÓPICOS PRELIMINARES PARA INTERPRETAÇÃO

▪ **Desenvolvimento da Aula:**

Este espaço será direcionado para a introdução e desenvolvimento das atividades de aula, os conteúdos trabalhados, a metodologia utilizada, enfim, os procedimentos pedagógicos adotados durante a observação.

▪ **Conduta do Professor:**

Este espaço será destinado para analisar as atitudes tomadas pelo professor diante das situações que surgirem no decorrer da aula.

▪ **Conduta dos Alunos:**

Quais as atitudes e posturas evidenciadas pelos alunos no decorrer da aula.

▪ **Conflitos e Resolução de Problemas:**

Anotações referentes aos problemas percebidos, bem como as propostas e encaminhamentos que levem a sua superação.

▪ **Relações na turma:**

Como se dá o relacionamento entre os alunos e o professor, os alunos entre si e o professor com os alunos, bem como suas inter-relações.

▪ **Espaço para o desenvolvimento da criatividade e autonomia:**

Oportunidade de superar apenas as informações recebidas e demonstrar sua interpretação dos conteúdos desenvolvidos, bem como, utilizar sua capacidade de autonomia e decisão, auxiliando no desenvolvimento da aula, exercitando a dimensão de 'ser criativo'.

▪ **Espaço para novas leituras:**

No decorrer das observações, outras informações e novas formas de interpretar os acontecimentos serão desenvolvidos, evidenciando nossa aprendizagem neste processo, portanto, deixaremos espaço para novas interpretações e leituras.

DESCRIÇÃO DO PROCESSO